



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ**  
**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**DEPARTAMENTO DE HISTORIA E ECONOMIA.**

**AMANDA CONEGUNDES ESTRELLA**

**A CIBERHISTÓRIA: AS POSSIBILIDADES PARA HISTORIADOR NA ERA  
DIGITAL, A IMPORTÂNCIA DO SABER PESQUISAR.**

Monografia do Curso de História da Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos  
requisitos necessários à obtenção do título de  
Licenciado em História.  
Orientador: Prof. Dr. Marcos de Araújo Caldas

Nova Iguaçu  
Setembro de 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ**  
**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**DEPARTAMENTO DE HISTORIA E ECONOMIA**

**A Ciberhistória: As possibilidades para Historiador na Era Digital, a importância do saber pesquisar.**

**Autor:** Amanda Conegundes Estrella.

**Orientador:** Marcos Caldas de Araújo

**RESUMO:**

O objetivo do presente trabalho é analisar a pesquisa histórica, as praticas de ensino e aprendizagem, após a disseminação da base tecnológica formada pelo computador, internet e as novas tecnologias comunicacionais. Inicialmente a análise se detém no contato entre o historiador e as tecnologias, os primeiros usos do computador até as formas atuais de uso. Percebe-se que a utilização da Internet no campo Histórico, conduz a necessidade de se pensar talvez em uma nova metodologia aplicada especificamente para o uso de Informações divulgadas no meio digital, além de produzir novos campos carentes de análise.

Ao analisarmos o historiador na Era Digital, tentamos entender como o campo histórico vem trabalhando e se adaptando ao uso das tecnologias de comunicação e distribuição de informações digitais. O aumento na velocidade da produção, compartilhamento e quantidade de conteúdos, impacta diretamente o trabalho do historiador.

Outro tema importante é a necessidade de uma remodelação do ensino, principalmente acadêmico para adaptar-se a nova conjuntura comunicacional, pois há a necessidade de ensinar ao aluno a processar qualitativamente a grande quantidade de informações disponibilizadas em rede, além disso, é capacitar ao aluno a desenvolver sua própria capacidade de filtro, independente da grande quantidade de informações que se depre em sua pesquisa.

**Palavras-chave:** historiografia digital, fontes históricas, pesquisa, ensino, história virtual, internet.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ**  
**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**DEPARTAMENTO DE HISTORIA E ECONOMIA**

Aprovada por:

---

Presidente, Prof. Dr. Marcos Caldas de Araújo.

---

Prof. Dr. José d' Assunção Barros.

---

Prof. Dr. Samuel Bueno Soltau.

---

Prof. Dr. Marcelo Berriel.

Nova Iguaçu  
Setembro de 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO – UFRRJ**  
**INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR**  
**DEPARTAMENTO DE HISTORIA E ECONOMIA**

**AGRADECIMENTOS:**

É difícil pensar em finais, em colusões, pois nada realmente termina. O que temos são sempre recomeços e novos objetivos. Devo agradecer a minha família que apesar de todas as dificuldades, financeiras, psicológicas e de saúde fez o possível para me apoiar no termino deste curso. Tivemos época do dinheiro só dar para a passagem e nem um centavo a mais, época da descoberta de um câncer, uma separação dolorida e um retorno conturbado. Foram fases, assim como a faculdade. Para minha mãe esta faculdade é a realização talvez de um pequeno sonho pessoal, sempre senti que quando ela me dizia que eu tinha talento para a história ela na realidade queria alguém que contasse as histórias deste mundo para ela, não histórias quaisquer, as “verdadeiras” histórias, para o meu pai é um dever cumprido, é a realização de um ótimo trabalho realizado, pautado em muito sacrifício, muitos dos q uais só ele sabe. Agradeço você pai, por estar tentando superar seu câncer e está aqui para ler isto, como meu herói. Para meus irmãos talvez este seja um dos poucos bons exemplos que pude lhes oferecer. E um alerta para meu irmãozinho mais novo, adorador dos livros de História, e um talvez um futuro companheiro historiador, nada é o que parece, procure mais de uma fonte de informação e principalmente não acredite nos seus livros didáticos.

Gostaria de agradecer também as companheiras e companheiros de classe, alguns com especial carinho e saudade como Leandro Marllon Barbosa Assis, historiador e futuro jornalista, Alice Barros da Silva - é amiga sobrevivemos a História do Brasil e não é que nos divertirmos e você até se especializou nela. Foram muitos altos e baixos, amigos foram, voltaram, mas preservo comigo apenas aqueles que foram constantes. Deixo meu carinho por Mariana Paixão e uma boa sorte em sua monografia.

E não menos especial ao meu companheiro Augusto Martello, que me apoia incondicionalmente em todos os setores da minha vida. E que ouviu atentamente cada dúvida e incógnita deste trabalho, sendo capaz até mesmo de deixar de lado sua formação econômica para melhor compreender o campo histórico, um herói.

Agradeço aos professores que passaram por minha graduação, cada um deixando uma lição especial e uma lembrança divertida. Marcos Caldas, quem diria quanta história o senhor tem a contar, Marcelo Basile, mostrando que dedicação supera tudo, Mirian Coser, mostrando que pode se ensinar Medieval de uma maneira didática e que é possível aprender e não só passar nas provas, Marcelo Berriel mostrando que nem todo árabe é terrorista e José de Assunção, mostrando que a história também possui uma história e está nunca deve ser negligenciada, matéria que para mim se tornou paixão.

## SUMÁRIO:

<b>RESUMO:</b> .....	2
<b>CAPÍTULO 1: OS HOMENS, O NOVO TEMPO E A PESQUISA HISTÓRICA.</b> .....	8
<b>1.1 O historiador e a Tecnologia.</b> .....	8
<b>1.2 O historiador da era digital.</b> .....	19
<b>CAPITULO 2: A HISTORIOGRAFIA DIGITAL</b> .....	27
<b>2.1 - O que é Historiografia digital?</b> .....	27
<b>2.2 - O conteúdo digital</b> .....	29
<b>2.3 – As Fontes Primárias: O conteúdo histórico em rede.</b> .....	31
<b>2.4 A história hoje: Os novos conteúdos históricos.</b> .....	38
<b>CAPÍTULO 3 – A PESQUISA CIENTIFICA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: OS HISTORIADORES, AS INSTITUIÇÕES ACADÊMICAS E GOVERNAMENTAIS.</b> .....	41
<b>3.1 A sociedade da informação.</b> .....	41
<b>3.2- A E-Sciene e a E- Research.</b> .....	47
<b>CAPITULO 4 – CIBERHISTÓRIA: AS NOVAS PRATICAS.</b> .....	53
<b>4.1- História Virtual.</b> .....	53
<b>4.2- Os Testemunhos Da Era Moderna: Blogs, Redes Sociais, Vlogs, Manifestos     Virtuais, Guerras Virtuais</b> .....	56
<b>CAPITULO 5 – HISTÓRIA JULGAR OU COMPREENDER?</b> .....	70
<b>5.1- Confiabilidade: as imposturas da Era Informacional.</b> .....	70
<b>5.2- Panorama: O custo versus o beneficio dos arquivos digitais.</b> .....	77
<b>CONCLUSÃO:</b> .....	80
<b>BIBLIOGRAFIA:</b> .....	85
<b>LISTA DE E-LINKS:</b> .....	89
<b>ÍNDICE DE ILUSTRAÇÃO:</b> .....	91
<b>ÍNDICE DE TABELAS:</b> .....	91
<b>GLOSSÁRIO:</b> .....	92
<b>ANEXO I</b> .....	96

## INTRODUÇÃO:

Podemos afirmar com toda certeza que a Internet mudou radicalmente a nossa sociedade e a forma com que vivemos e nos comunicamos. Em varias esferas podemos verificar os impactos trazidos pela grande rede de computadores, como exemplo temos a alteração nas formas de trabalho, de ensino/ aprendizagem, na economia, nas relações interpessoais dentre outros. A Internet por estas razões segundo Manuel de Castells (2003, p.7), passou a ser a base tecnológica para a forma de organização da Era da Informação.

Primeiramente temos que entender que a internet ou a *rede* consiste em um conjunto de computadores interconectados e a *Web ou WWW* é apenas um dos serviços disponibilizados pela internet. Por tanto internet não é um sinônimo de *World Wide Web (WWW)*<sup>1</sup>.

Na visão de Manuel de Castells (2003, p.8), no final do século XX ocorreu a união de três importantes processos até então individualizados, formando uma nova estrutura social predominante baseada em redes. Dentre estes processos estão em primeiro lugar às exigências da economia por uma flexibilidade administrativa da produção e do comércio e por globalização de capital, em segundo lugar as demandas da sociedade, em valores de liberdade individual e da comunicação aberta e em terceiro lugar os avanços na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica. Foi através da união destas três características que a Internet até então isolada no mundo dos cientistas computacionais se tornou, segundo o autor a alavanca na transição para uma nova forma de sociedade – a sociedade de rede. Ou como outros autores, a exemplo Jean Lojkin<sup>2</sup>, preferem chamar uma sociedade informacional.

Desse modo a Internet como um meio de comunicação e de troca de informações, começou a se popularizar, tornando possível pela primeira vez que muitos tivessem a oportunidade de se comunicar em escala global com uma infinidade de pessoas. No caso do ambiente acadêmico, a internet, significou uma forma rápida e eficaz de transmitir e receber novas ideias e difundir trabalhos e pesquisas além de melhorar a comunicação entre pesquisadores.

---

<sup>1</sup> Ver Glossário.

<sup>2</sup> LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo. Editora: Cortez, 1999.

Logo após sua criação observamos a “rede”<sup>3</sup> agregar cada vez um maior número de usuários no transcorrer do tempo, em 1995 era um total de 16 milhões, já em 2001 um total de 400 milhões<sup>4</sup>. Na figura abaixo temos um quadro demonstrativo do número de usuários da internet no ano de 2012, dividido por regiões do mundo.

**Figura 1- Quadro estatístico do uso da Internet no Mundo.<sup>5</sup>**

**INTERNET USAGE STATISTICS**  
**The Internet Big Picture**  
 World Internet Users and Population Stats

<b>WORLD INTERNET USAGE AND POPULATION STATISTICS</b>						
<b>June 30, 2012</b>						
World Regions	Population (2012 Est.)	Internet Users Dec. 31, 2000	Internet Users Latest Data	Penetration (% Population)	Growth 2000-2012	Users % of Table
<a href="#">Africa</a>	1,073,380,925	4,514,400	167,335,676	15.6 %	3,606.7 %	7.0 %
<a href="#">Asia</a>	3,922,066,987	114,304,000	1,076,681,059	27.5 %	841.9 %	44.8 %
<a href="#">Europe</a>	820,918,446	105,096,093	518,512,109	63.2 %	393.4 %	21.5 %
<a href="#">Middle East</a>	223,608,203	3,284,800	90,000,455	40.2 %	2,639.9 %	3.7 %
<a href="#">North America</a>	348,280,154	108,096,800	273,785,413	78.6 %	153.3 %	11.4 %
<a href="#">Latin America / Caribbean</a>	593,688,638	18,068,919	254,915,745	42.9 %	1,310.8 %	10.6 %
<a href="#">Oceania / Australia</a>	35,903,569	7,620,480	24,287,919	67.6 %	218.7 %	1.0 %
<b>WORLD TOTAL</b>	<b>7,017,846,922</b>	<b>360,985,492</b>	<b>2,405,518,376</b>	<b>34.3 %</b>	<b>566.4 %</b>	<b>100.0 %</b>

NOTES: (1) Internet Usage and World Population Statistics are for June 30, 2012. (2) CLICK on each world region name for detailed regional usage information. (3) Demographic (Population) numbers are based on data from the [US Census Bureau](#) and local census agencies. (4) Internet usage information comes from data published by [Nielsen Online](#), by the [International Telecommunications Union](#), by [GfK](#), local ICT Regulators and other reliable sources. (5) For definitions, disclaimers, navigation help and methodology, please refer to the [Site Surfing Guide](#). (6) Information in this site may be cited, giving the due credit to [www.internetworldstats.com](#). Copyright © 2001 - 2013, Miniwatts Marketing Group. All rights reserved worldwide.

Em 2009 o número de usuários atingiu os significativos 75.982.000 milhões somente no Brasil, em 2011 o número de usuários brasileiros chegou a 77.700.000 milhões de pessoas,

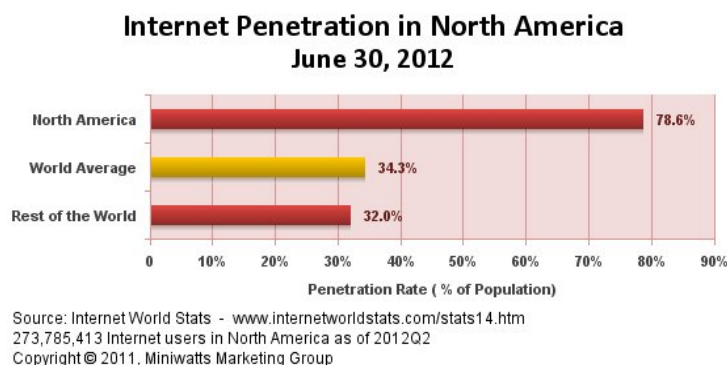
<sup>3</sup> Entende-se aqui rede como um conjunto de pessoas interconectadas pelos computadores e pela internet. Assim como as malhas de uma rede de pesca, onde todos os nós ligados através das linhas.

<sup>4</sup> CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

<sup>5</sup> Esta estática mundial foi feita por um grupo Miniwatts Marketing Grup, dedicado a produzir pesquisas para a Indústria da Internet, dedicando-se também a pesquisas de mercado e etc Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm> Acessado em: 14 de agosto de 2013.

segundo pesquisa do IBGE<sup>6</sup> e em 2012 o número atingiu 81.798.000 milhões segundo fontes americanas, já nos Estados Unidos o número chega a 245.000.000 milhões<sup>7</sup> também no ano de 2009, e continua crescendo como mostra figura abaixo:

**Figura 2 - Número de usuários na America do Norte<sup>8</sup>**



Internet Usage and Population Statistics for North America						
NORTH AMERICA	Population (2012 Est.)	% Pop. N. A.	Internet Usage, 30-June-2012	% Population (Penetration)	Users % World	Facebook 30-June-2012
<a href="#">Bermuda</a>	69,080	0.0 %	61,025	88.3 %	0.0 %	30,500
<a href="#">Canada</a>	34,300,083	9.8 %	28,469,069	83.0 %	10.4 %	18,090,640
<a href="#">Greenland</a>	57,695	0.0 %	52,000	90.1 %	0.0 %	26,840
<a href="#">St.Pierre &amp; Miquelon</a>	5,831	0.0 %	n/a	0.0 %	0.0 %	n/a
<a href="#">United States</a>	313,847,465	90.1 %	245,203,319	78.1 %	89.6 %	166,029,240
<b>TOTAL NORTH AM.</b>	<b>348,280,154</b>	<b>100.0 %</b>	<b>273,203,319</b>	<b>78.1 %</b>	<b>100.0 %</b>	<b>184,177,220</b>

NOTES: (1) The North American (N.A.) Statistics were updated as of June 30, 2012. (2) CLICK on each country name for detailed individual country and regional statistics. (3) The demographic (population) numbers are based mainly on data contained in the [US Census Bureau](#). (4) Mexico is included together with the Central American countries according to the United Nations Statistical Division listings. (5) The most recent usage information comes mainly from the data published by [Nielsen Online](#), [ITU](#), and other reliable sources. (6) Data may be cited, giving due credit and establishing an active link back back to [Internet World Stats](#). (7) For methodology, definitions and navigation help, see the [site surfing guide](#). Copyright © 2012, Miniwatts Marketing Group. All rights reserved.

Portanto, do mesmo modo que outros ofícios sofreram os impactos da introdução desta extraordinária mídia em seu cotidiano, o historiador também assistiu o seu ofício ser tomado de maneira fugaz, sem muito tempo para refletir logo se viu obrigado a usar. Nas palavras de

<sup>6</sup> IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2013/05/16/numero-de-usuarios-de-internet-e-de-pessoas-com-celular-cresceu-mais-de-100-no-brasil> acessado em 14 de agosto de 2013.

<sup>7</sup> Números divulgados no site da Central de Inteligência Americana – CIA, onde estão disponibilizados dados diversos de vários países, disponível em sua biblioteca online a publicação tem o nome em inglês de *The World Factbook*. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/br.html> acessado em: 14 de agosto de 2013.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/south.htm#br> Acessado em: 14 de agosto de 2013



Luciano Figueiredo<sup>9</sup> (1997 p. 420), “o uso do computador na história é um debate que se anuncia. Diante de sua generalização não é impossível deixar de fazer uso da informática, mas não é possível deixar de se preparar para debater as implicações metodológicas de suas aplicações.” Inicialmente o uso da computação pelos historiadores, de acordo com Figueiredo (1997, p. 422)<sup>10</sup> se limitou apenas a edição de textos e armazenamento de dados, todavia nos finais da década de 80 e início de 90 com a liberação da internet para uso fora das universidades e entidades governamentais, uma nova perspectiva foi dada ao uso da internet até então pensada apenas como uma ferramenta. Por consequência desta nova perspectiva passou a existir a necessidade de muitos campos de estudo e pesquisa passarem por uma renovação e ou adaptação para lidar com o uso da Internet e das tecnologias, que a todo o momento evoluem. Dessa forma devemos nos perguntar quais as mudanças que o campo da história sofreu com o surgimento desta nova forma de pesquisa e comunicação, e o que vem se fazendo ou o que podemos fazer para lidar com esta nova ferramenta e objeto de pesquisa.

Inegavelmente, algumas mudanças e dúvidas são mais evidentes, a exemplo quando pensamos na prática de ensino e na produção de trabalhos históricos. Inquestionavelmente, um grande número de alunos hoje pesquisa suas dúvidas diretamente na internet, sem a menor orientação de professores, quem nunca ouviu a expressão após uma pergunta? - *pesquisa no Google*, pesquisar na Internet se tornou um hábito corriqueiro principalmente entre os jovens que nasceram e cresceram junto desta mídia, se antes a pesquisa era feita no dicionário este hoje além de estar obsoleto está também *on-line*, isto é, disponível na internet.

Ao passo que em todo o globo os estudiosos hoje podem trocar dúvidas teorias e textos através de e-mail quase que instantaneamente, com o uso de programas como MSN<sup>11</sup>, Skype, Gtalk e outros. Surge uma das consequências diretas desta facilitação que é o aumento no volume de informações armazenado em rede e disponibilizada para visualização e download.

---

<sup>9</sup> C.f. FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: O Uso do computador. In: Cardoso, Ciro Flamarion (Org.); VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus. 1997. Disponível online em: [http://api.ning.com/files/kJfASdjgEFs0qXtVylbQg-SLOtqhZ\\*3626w1GINbujpF186jAPp3kmXWPLfl7PHFn\\*L6AavVfi8\\*Xrt08F\\*sdVCo7FaAVJjU/CiroFlamarionCardosoRonaldoVainfasDominiosdaHistria.pdf](http://api.ning.com/files/kJfASdjgEFs0qXtVylbQg-SLOtqhZ*3626w1GINbujpF186jAPp3kmXWPLfl7PHFn*L6AavVfi8*Xrt08F*sdVCo7FaAVJjU/CiroFlamarionCardosoRonaldoVainfasDominiosdaHistria.pdf)

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Windows Live Messenger, descontinuado no ano de 2013 substituído pelo programa Skype.

Igualmente importante é a crescente onda de digitalizações. Uma vez que hoje temos acesso a fontes primárias em formato digital, disponibilizadas em rede, os patrocínios para este tipo de serviço tem crescido e bibliotecas pelo mundo inteiro estão reunindo esforços para a preservação e divulgação de seus acervos, mesmo que de modo restrito ao uso de pesquisadores de suas instituições, casos esses são exceções. Para viabilizar este tipo de acervo digitalizado, os profissionais da arquivística tentam desenvolver novas maneiras para a disponibilização e compartilhamento destas informações de forma segura e que assegurem sua autenticidade.

A internet tem tomado caminhos de tal forma que seria inaceitável que o historiador viesse a desconsiderar o impacto desta tecnologia em seu próprio ofício, o uso extensivo de computadores e da internet nas últimas décadas trouxe uma naturalização do uso desta mídia, sem que se pensassem criticamente nos impactos que a mesma teria sobre variados aspectos acadêmicos. Desta forma o enfoque deste trabalho é pensar o historiador, seja ele pesquisador, seja ele professor ou ambos, diante desta nova possibilidade que é a Internet e sua gama de possibilidades.

Alguns autores tratam o uso massivo da Internet como um resultado dos anseios de uma sociedade por informação, como Manuel de Castells (2003, p.8). Muitos que assim pensam acabam por usar do termo Revolução Informacional. Contudo outros autores como Muniz Sodré<sup>12</sup> (2009, p.) fazem uma ressalva para o uso do termo *Revolução*. Na visão do autor o termo, *Revolução* significa uma ruptura com a ordem pré-existente, entretanto ao analisarmos o uso desta mídia – a Internet – podemos observar que ela não trouxe uma ruptura na estrutura vigente e sim uma mudança em sua prática, isto é a informação e a comunicação sempre existiu, o que se assistiu foi uma aceleração no tempo de produção e distribuição da mesma, junto com isso podemos assistir uma coexistência entre as formas mais antigas como, por exemplo, a televisão e as mais novas de comunicação e informação. Hoje apenas segundos são necessários para se espalhar uma informação por todo o mundo. A informação hoje é rápida e globalizada.

---

<sup>12</sup> SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. 4.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

*“Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos capitais de informação, tornados possíveis pelas novas tecnologias – globalização é, portanto outro nome para a “teledistribuição” mundial de pessoas e coisas”*<sup>13</sup>

Na visão de Muniz Sodré as transformações tecnológicas da informação se mostram conservadoras e permanecem preservando as velhas estruturas de poder, portanto não se pode falar de uma revolução, como já explicado. Entretanto, na opinião de Sodré (2009, p.) ela aumenta a velocidade do o que poderia ser chamado dentro dos parâmetros liberais de democratização.

Se a velocidade com que o fluxo de informações se desenvolve pela internet é o seu grande diferencial, e por um lado pode ser uma aliada, por outro pode ser a grande vilã, diminuindo assim a qualidade dos fluxos informacionais. Uma vez que nem tudo que corre pela grande rede é bom, mas também não é de todo mal a grande questão é saber diferenciar as boas informações das más, assim como todas as outras mídias que dispomos sem exceções todas, tem seus pontos positivos e negativos. Além disso, não somente as mídias, mas também as fontes com as quais o historiador está habituado a trabalhar possuem qualidades e defeitos, o trabalho do historiador é reflexivo acerca da fonte, pois mesmo que tenha sido elaborada para um objetivo pode esclarecer outro, como evidenciou Marc Bloch (2002, p.78).

Similarmente devemos pensar no grande volume de informações que é produzido na Internet todos os dias, a quantidade de material ainda não trabalhado e disponível é vertiginosa. Estaria o historiador realmente preparado para lidar com tantos dados?

Este debate aos poucos ganhado espaços, entre muitas disciplinas como arquivologia, tecnologias de comunicação e administração, e está também cunhando seu espaço na história. Em um dos debates da FLIP<sup>14</sup> de 2010 foi abordado o debate sobre o crescimento do mercado nos Estados Unidos voltado para as publicações em formato digital, participando do debate tínhamos o historiador Robert Darnton, de acordo com ele, estamos passando por um momento de transição onde a mídia impressa está em crise e a mídia eletrônica em expansão, mas está por sua vez ainda deverá sofrer modificações para agradar mais usuários. Possivelmente nos interesse aqui duas observações, a primeira delas é que agradar mais

---

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> FLIP – Festa Literária Internacional de Parati – Se realiza todos os anos na cidade de Parati no Rio de Janeiro – BR <http://g1.globo.com/pop-arte/flip/ao-vivo-pt.html>

usuários seria atrair os nascidos antes da disseminação da Internet, pois muitos ainda têm dificuldades e receios e em segundo lugar estaria nas modificações, pois melhorias poderiam ser feitas para melhorar qualitativamente os conteúdos disponíveis. Só para ilustrar nos EUA a venda de exemplares virtuais vem superando a dos exemplares impressos, conforme Robert Darnton. Assim também Muniz Sodré na apresentação do site da Biblioteca Nacional Digital alega a existência de uma crise das estruturas culturais tradicionalmente centradas no livro e na leitura individualizada, o que resulta segundo ele em uma dificuldade em aceitar os novos formatos digitais.

Contudo, mesmo que os livros digitais representem uma fração crescente do que compõe a rede de informações da internet, eles ainda consistem em apenas uma parcela das informações úteis ao historiador presentes na rede. Ao longo dos últimos anos principalmente a partir da década de 90, a difusão do uso de computadores revolucionou não somente a sociedade, mas também trouxe aos profissionais de história novas possibilidades, inicialmente com a utilização de softwares para criação de banco de dados on-line, processadores de textos, estatísticas e alguns anos depois a disponibilização de documentos digitalizados, livros, fontes e muitos outros tipos de informação, até então nunca imaginadas serem encontradas on-line.

A internet amplia e multiplica as possibilidades de pesquisa, inclusive a acadêmica. Em diferentes níveis a pesquisa *online* está presente, começando por termos específicos como, por exemplo, o significado de palavras, a tradução de trechos ou termos desconhecidos e etc., e se estendendo ao acesso a levantamentos estatísticos fornecidos pelo governo e outros documentos oficiais e até mesmo a fontes primárias disponíveis em formato digital, que podem ou poderão proporcionar uma pesquisa a nível acadêmico.

O objetivo deste trabalho é um diálogo e uma proposta, para historiadores pensarem no que está sendo feito e no que ainda precisa ser para adequarmos nossa profissão aos moldes e exigências da nossa nova sociedade, agora guiada pela informação. Tentaremos buscar assim de um panorama de como a historiografia brasileira está caminhando para a inserção da internet no seu meio profissional.

Pois o historiador nascido após a disseminação do uso da Internet, a tem como algo tão natural em sua vida, que nem mesmo percebe que hoje se faz em minutos, o trabalho que um historiador há duas décadas, levava semanas. Existe a necessidade urgente em se refletir na preparação do historiador para fazer uma pesquisa utilizando esta nova ferramenta que é a

Internet, e também refletir como ele vai lidar com a enxurrada de informações que brotará em sua tela. Como toda pesquisa ela depende de técnicas e de uma sábia utilização das ferramentas, pois até a melhor das fontes pode ser corrompida se mal administrada.

Portanto é com base nestas ideias e necessidades que pensamos que as universidades devem ser pioneiras ao orientar seu aluno a fazer uso e retirar o melhor proveito das tecnologias que lhe estão disponíveis. O papel da universidade deve ser ensinar e orientar o aluno de história a pesquisar, em todos os níveis, inclusive em nível digital, se adaptando assim a nova realidade informacional e digital. Por tanto os historiadores mais velhos acostumados a acervos e bibliotecas que devem nortear este ensino e orientar neste novo mundo digital, e assim possamos retirar o que há de melhor e da mesma forma saberemos também identificar as suas limitações e deficiências. Decerto a internet não resolverá todos os nossos problemas, mas talvez minimize alguns e nos crie problemas novos.

Em suma, Manuel de Castells (2003, p.13), nos diz que, a produção histórica de uma dada tecnologia molda seu contexto e seus modos de uso, que subsistem além de sua origem, a história da Internet nos ajuda a compreender os caminhos de sua futura produção da história. Em consequência disto podemos defender a importância da tentativa de compreendê-la no contexto atual.

## **CAPÍTULO 1: OS HOMENS, O NOVO TEMPO E A PESQUISA HISTÓRICA.**

### **1.1 O historiador e a Tecnologia.**

“Assistir à televisão, falar ao telefone, movimentar a conta no terminal bancário e, pela Internet, verificar multas de trânsito, comprar discos, trocar mensagens com o outro lado do planeta, pesquisar e estudar são hoje atividades cotidianas, no mundo inteiro e no Brasil. Rapidamente nos adaptamos a essas novidades e passamos – em geral, sem uma percepção clara nem maiores questionamentos – a viver na Sociedade da Informação, uma nova era em que a informação flui a velocidades e em quantidades há apenas poucos anos inimagináveis, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais.”- P.03 (Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde).

Em uma entrevista concedida para a Revista Escola, Roger Chartier (2007)<sup>15</sup> alerta que “(...) *Estamos vivendo a primeira transformação da técnica de produção e reprodução de textos e essa mudança na forma e no suporte da informação influencia o próprio hábito de ler*”. O autor confia que a internet auxilia no aprendizado, e “(...) *faz circular textos de forma mais intensa, aberta e universal*”. Na opinião de Chartier esta nova *forma* acarretará criação de “*um novo tipo de obra literária ou histórica*”. Em seu artigo - *A história hoje* – ele explicita a coexistência de “*três formas de produção, transcrição e transmissão de texto: à mão, impressa e eletrônica*”, sem submeter uma forma à outra.

Sendo assim, podemos entender que a aplicação da computação ao estudo da História não é considerada simplesmente como uma nova metodologia, mas sim uma nova área de conhecimento no campo da História, com uma epistemologia própria e com um objeto de conhecimento específico, já que esta focaria sua análise no que Roger Chartier (2007) define como uma nova forma e meio de produção que seria a eletrônica.

Primordialmente, o questionamento a ser feito é qual e como, ocorre a relação entre o historiador e este espaço o da internet, já que presumimos esta interação inevitável. Segundo o professor doutor da Universidade Federal de Sergipe, Antônio Fernando de Araújo Sá (2008, p.1,)<sup>16</sup>, novas questões estão sendo apresentadas ao ofício do historiador. Em destaque o papel das novas mídias tecnológicas nas mudanças da natureza e da prática histórica, isto é o surgimento de novas abordagens sobre a sociedade, a política, a economia e etc. com a disseminação do uso da internet, além de novos recursos para a realização da pesquisa como a multiplicação de bibliotecas e bancos de dados *online*, a disponibilização de fontes históricas em formato digital e o que poderemos chamar de novas fontes históricas, que são os materiais produzidos diretamente na internet, isto é sem uma cópia em papel ou outro suporte convencional, que em um futuro breve poderão oferecer ao pesquisador um novo panorama

---

<sup>15</sup> A Revista Escola da Editora Abril, hoje chamada de Revista Nova Escola é voltada ao público de professores e responsável por vários debates referentes à educação em vários seguimentos escolares. Informações retiradas de uma entrevista disponibilizada online pela editora e concedida a Cristina Zahar na Revista Escola, traz breve entrevista realizada com o Historiador especializado em leitura Roger Chartier, a entrevista foi concedida em uma visita de Chartier ao Brasil para a divulgação de seu recente livro *Inscrever & Apagar*, a entrevista foi disponível em no link: <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistirao-tecnologias-digitais-610077.shtml> acessada em 17 de abril de 2013.

<sup>16</sup>SÁ, A. F. DE A. **Admirável campo novo: o profissional de história e a Internet**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 3, n. 07, Rio, 2008.

do passado, assim como diários e outros materiais foram largamente utilizados pela historiografia, tudo irá depender da análise a ser elaborada pelo pesquisador da história.

Outra mudança que fica clara é o processo de ensino-aprendizagem, aqui abordaremos apenas as implicações para o campo histórico. O objetivo do trabalho não tem por base analisar profundamente as mudanças, mas apenas destacar algumas delas e a sua importância para a construção do conhecimento e da pesquisa. Muniz Sodré (2009, p.91)<sup>17</sup> enaltece no seu livro *Antropológica do Espelho*, que a educação hoje leva o estudioso obrigatoriamente a considerar todas as mudanças na vida e nas sociedades. Incluindo também as mudanças ocasionadas pela alocação de recursos e inovação dos objetos conduzidos pela tecnologia e pelo mercado. Sodré (2009, p.92), destaca que não há como deixar de reconhecer que as neotecnologias<sup>18</sup> comunicacionais afetaram as possibilidades de transmissão do conhecimento acadêmico. Estas mudanças dizem respeito a um presumível novo paradigma de conhecimento, que Sodré chama de *analógico-digital*<sup>19</sup>, nas últimas décadas do século XX.

Segundo Muniz Sodré (2009,p.96) mudanças importantes foram ocasionadas na relação pedagógica, pela modificações ou relativização do paradigma dominante<sup>20</sup> e as novas formas de organização do trabalho. Estas mudanças ocorreram em todos os níveis de escolaridade, e nos modos de ensinar e aprender e também em seus conteúdos. Segundo as doutoras Bartira Bastos e Lúcia da Silva<sup>21</sup> da Universidade de Aveiro em Portugal, em 1963 o

---

<sup>17</sup> SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 4ªed. Petrópolis: Vozes. 2009.

<sup>18</sup> Novas Teconologias, novas bases tecnológicas, isto é, uso da internet, celulares smartphones, tablets, ipads, novos softwares etc.

<sup>19</sup> Muniz Sodré define analógico-digital como: “Analogico é adjetivo aplicável a canal, meio de comunicação ou modelo que mantem uma relação de semelhança e de causalidade direta com os fenômenos que devem ser designados, calculados, ou transmitidos”(…). Digital é o meio ou o instrumento representado pelos objetos em forma numérica: *compact disc*, computador, telegrafo, instrumentos de visualização por cifras.” “... O digitalismo apresenta-se, portanto, mais ligado aos aspectos de *hardware* da maquina, enquanto o analógico está mais estritamente vinculado ao *software*.”

<sup>20</sup> Entende-se paradigma dominante para Sodré: “ (...) Mas a educação de que vinham falando até agora os seus princípios teóricos neste século corresponde a um modelo societal compatível com o fordista de trabalho.( ...) por meio da divisão e da especialização do trabalho, mas dentro de uma estrutura hierárquica muito rígida. O fordismo acrescenta a segmentação do processo a linha de montagem, que permite a produção em serie, graças a automação de tarefas simplificadas. (...) para mais detalhes ver: SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*.4ªed. Petrópolis: Vozes. 2009. P.88,89,90.

<sup>21</sup> BASTOS, Bartira; SILVA, Lúcia J. O. L. da. Comunidade científica nas malhas da rede: que rotinas cognitivas e sociais estão sendo alteradas pelo uso da Internet no cotidiano da pesquisa? Dimensões para a definição de um padrão de averiguação. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM

autor J. Licklider já imaginava que no ano 2000, os conceitos de espaço de trabalho e de aprendizagem estariam redefinidos devido à introdução das tecnologias da informação em rede.

A larga utilização da internet proporciona ao historiador e a sociedade o acesso a variados tipos informação. Acelerando até mesmo o processo de produção e compartilhamento da mesma. Segundo Sodré (2009, p.89) entra em cena um sistema produtivo trajado por maior maleabilidade: com fluxos horizontais de informação e comando.

Para Cristiane Nova<sup>22</sup> (1997,p.1), professora doutora da Universidade Federal de Pernambuco, o avanço das novas tecnologias e dos meios de comunicação, deixam a construção da história de frente a uma nova realidade, que segundo a autora, no que depende dos organismos governamentais e não-governamentais e dos próprios historiadores caminha para um alargamento e uma democratização dos discursos históricos. Ela traça um panorama no qual a mudança na forma de pesquisar proporciona a um numero maior de historiadores a possibilidade de pesquisa e acesso as fontes documentais independente do espaço físico em que estejam dispostas, além de uma aceleração deste processo. Jean Lojkine<sup>23</sup> (1999, p.16-17) defende a tese em seu livro de que com as novas tecnologias a estrutura hierárquica de divisão do trabalho é alterada, pois com as novas tecnologias é permitido romper, efetivamente, com estas divisões seculares. Lojkine destaca que a manutenção de bloqueios antigos para salvaguardar informações estratégicas em prática só irá agravar a visão de todos sobre estes círculos viciosos de bloqueios informacionais e organizacionais. Isto é, não será tolerada pela sociedade a restrição de informações e estas informações tenderam sempre a serem disseminadas seja por meios legais ou ilegais, como exemplo hoje temos Wikileaks<sup>24</sup>, que publica diversas informações ocultadas por governos em todo o mundo. Podemos traçar provavelmente o mesmo paralelo para instituições acadêmicas, bibliotecas e museus que tomarem por posição restringirem seus acervos e documentos de alguma forma. Este tipo de direcionamento não será visto de bom grado pela comunidade acadêmica, pois se nosso

---

INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2005. p. 01-15. Disponível em: <[http://www.cinform.ufba.br/vi\\_anais/docs/BartiraBastos.pdf](http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/BartiraBastos.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2009.

<sup>22</sup> NOVA, C. C. . A Informática e a Democratização da Pesquisa Histórica. O Olho da História, Salvador, v. 1, n.4, p. 100-106, 1997.

<sup>23</sup> LOJKINE, Jean. A revolução informacional. São Paulo, Cortez, 1999

<sup>24</sup> Disponível em: <http://wikileaks.org/> Acessado em: 2 de julho de 2013.



objetivo é a produção de conhecimento e de discursos plurais, não pode haver uma instituição baseada na ocultação de seus dados e descobertas. Se antes estas instituições podiam argumentar através da fragilidade de documentos (obras raras) e o medo de uma possível danificação ao documento, hoje não há justificativas para não digitalizar o mesmo e disponibiliza-lo na internet, que por sua vez só mais asseguraria sua preservação e onde todo e qualquer pesquisador poderá produzir sua pesquisa.

“(...)O historiador deve ter a consciência do seu dever social, disponibilizar suas fontes à sociedade como forma, não apenas de legitimar teorias e promover o debate científico, mas também possibilitar o acesso a informação, tendo em vista que a preservação e divulgação da informação histórica permite à sociedade (re)construir suas memórias, resultando na fortificação da própria cidadania.” (AGUIAR, 2010, p.1)<sup>25</sup>

A Era Digital<sup>26</sup>, traz consigo o surgimento de questões para o trabalho historiador nesta nova era, algumas destas questões já sinalizamos ao longo do trabalho. A tentativa encontrada pelos estudiosos de história para se adaptar a esta nova mudança, e retirar um melhor proveito, manifestou-se, segundo José Cláudio Alves de Oliveira (1998, p.1),<sup>27</sup> através de quatro atividades básicas: A primeira foi à criação de associações nacionais e internacionais dedicadas a agrupar os historiadores que fazem uso da computação ao estudar o passado; a segunda foi à realização de congressos nacionais e internacionais para troca de experiências entre historiadores; a terceira foi a criação de seminários e cursos de mestrado dedicados especificamente a treinar profissionais da História e Computação; O mais antigo nesta área é o Inter-University Consortium for Political and Social Research, criado em 1962,

---

<sup>25</sup> AGUIAR, Leandro Correia (2010) Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom.

<sup>26</sup> Era Digital: Aqui entendemos com a tendência ao uso suporte digital. O aumento da exposição virtual e a conexão de dados e/ou pessoas. Era Digital também tem como significado o conjunto de impactos ocorridos na sociedade após a criação da Internet, outros nomes também foram criados, mas permaneceram Era Digital ou como alguns autores preferem Revolução Digital. Sendo este sinônimo da Revolução Informacional ou da Era da Informação preferido por outros autores, como Jean Lojkin. Segundo Nicholas Negroponte, fundador do Media Lab do Massachusetts Institut of Technology (MIT), explica a base em que assenta toda a revolução digital: na transformação de átomos para bits. Ou seja, a passagem de muitos negócios do físico para o digital e o impacto que teve nas várias indústrias.C.f: <<http://cibertransistor.com/2009/06/26/o-inicio-da-era-digital/>> acessado em 02 de julho de 2013.

<sup>27</sup> OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. **Ciberhistória**. Revista Museu. Outubro de 2005 disponível em: [http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=6752](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=6752) acessado em: 2 de maio de 2013

na Universidade de Michigan; a quarta foi representada pela criação de vários jornais, revistas, sites especializados no tema, o maior exemplo deles é o Grupo de Manifesto História e Debate.<sup>28</sup>

No Brasil, em setembro de 1991, o Encontro Internacional de História e Computação em Santa Catarina, foi organizado pelo Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi neste encontro que se criou a Associação Brasileira de História e Computação (ABHC). Foi à primeira associação da América Latina com esta temática, em novembro de 1991, ela passou a fazer parte como membro da Associação de História e Computação (AHC). Segundo Oliveira, as principais funções das associações nacionais de história e computação eram promover conferências anuais, organizar cursos específicos sobre História e Computação e criar grupos de historiadores dedicados a pesquisas, a formação de profissionais na área, ao desenvolvimento de softwares específicos para historiadores, e a organização de base de dados para a difusão de bibliografias e fontes documentais.

Ao refletirmos sobre as mudanças tecnológicas nas últimas décadas, acredito que podemos concluir que a digitalização foi de longe o processo mais impactante no meio acadêmico. Pierre Levy (1999,p.52)<sup>29</sup> a digitalização permite um tipo de tratamento de informações eficaz e complexo, a informação digitalizada pode ser processada automaticamente e com grau de precisão praticamente absoluto e em uma grande escala, impossível segundo Levy, de ser executado por outras vias. Pierre Levy (1999, p.50) explica que digitalizar uma informação é em traduzi-la em números, praticamente todo tipo de informação pode ser processada nesse formato. Em segunda escala, mas não de menor importância, está a internet, e a facilitação na comunicação e propagação das ideias em arquivos.<sup>30</sup>

A base tecnológica (convergência entre conteúdos, comunicação e computação) em que se desenvolveu se assenta na capacidade representar e processar qualquer tipo de informação de uma única forma, a digital. Através da digitalização e da computação, as comunicações e os conteúdos aproximam-se e aceleram vertiginosamente. Uma vasta opção

---

<sup>28</sup>Cf. [http://www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas\\_manf/manifiesto\\_had\\_pt.htm](http://www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas_manf/manifiesto_had_pt.htm)

<sup>29</sup>LÉVY, Pierre. **Cibercultura** (trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999, 264p.

<sup>30</sup> Cf. PACHECO, Samuel Bueno. **Aprendizagem e construção do conhecimento nas redes digitais** – Teses de Doutorado UERJ ano 2004. Entende-se ARQUIVO: (*file*) Termo genérico usado para referir-se a forma na qual são mantidos os diversos tipos de documentos (texto, imagem, som, etc.) nos suportes magnéticos usados na informática.

de usos aparece com isso, em função apenas da criatividade, curiosidade e capacidade de absorção do novo pelas pessoas. Algumas destas ideias são defendidas no livro *Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde*.<sup>31</sup>

Ao longo dos últimos anos, principalmente a partir da década de 90, a difusão do uso de computadores revolucionou não somente a sociedade, mas também trouxe aos profissionais de história novas possibilidades como a pesquisa em rede, levantamento bibliográfico *on-line*, a utilização de softwares para criação de banco de dados *on-line* com conteúdos diversos como imagens, estatísticas e documentos digitalizados, além da troca de e-mails<sup>32</sup> e outras formas de comunicação e transmissão de dados digitais. Estas mudanças também vieram acompanhadas e amplificaram segundo Pierre Levy (1999)<sup>33</sup>, uma profunda mutação na relação com o saber, proporcionando o prolongamento de certas capacidades cognitivas humanas como memória, imaginação e percepção, as tecnologias de suporte digital redefinem o alcance, o significado e até a natureza.

Em meados de 1980 segundo o historiador R. J. Morris<sup>34</sup> pode se ver uma revolução nas relações entre a história e a informática, alavancado pelo barateamento dos computadores, o desenvolvimento de novas interfaces gráficas e o aumento de sua capacidade de armazenagem, possibilitou assim o surgimento de um novo relacionamento entre o historiador e o computador, até então limitado aos processadores de texto.

Luciano Figueiredo (1997, p.421)<sup>35</sup> traça as aproximações iniciais entre o historiador e a informática no livro *Domínios da História*, e afirma que considerar apenas a utilidade dessa nova tecnologia, apenas no emprego de algumas atividades do historiador, isto é, edição de textos, armazenamento de dados etc. é pouco compreender o real impacto que a informática representa na História.

---

<sup>31</sup> Disponível em : [http://www.inst-informatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL\\_livroverdeSI.pdf](http://www.inst-informatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL_livroverdeSI.pdf) acessado em 20 de março de 2013.

<sup>32</sup> Ver PACHECO, Samuel Bueno. **Aprendizagem e construção do conhecimento nas redes digitais** – Teses de Doutorado UERJ ano 2004. Entende-se E-MAIL: (Eletronic Mail) Correio Eletrônico. Serviço de transferência de mensagens entre usuários a rede.

<sup>33</sup> LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>34</sup> Apud. FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: O Uso do computador. In: Cardoso, Ciro Flamarion (Org.); VAINFAS, Ronaldo(Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

Como já ficou claro, a aceleração da produção e disseminação de informações, dados, livros e bancos de dados *on-line* faz com que o historiador passe a dispor de novas ferramentas, temas de pesquisa, além da necessidade de se analisar novamente a própria escrita da história, questões como o papel das novas mídias tecnológicas, as mudanças sofridas na prática histórica, além das mudanças no processo de ensino-aprendizagem em História, tornam se cada vez mais necessários serem postos em discussão. Para Pierre Levy:

“(...)As novas possibilidades de criação coletiva distribuída, aprendizagem cooperativa e colaboração em rede oferecidas pelo ciberespaço colocam novamente em questão o funcionamento das instituições e os modos habituais de divisão do trabalho, tanto nas empresas como nas escolas.(...)” (P.172)<sup>36</sup>

(...)Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos de transação de conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno(...).(p. 172)<sup>37</sup>

O estudo do impacto na instituição acadêmica ocasionado pela nova base tecnológica ainda é recente e escasso, mesmo ficando a cada momento mais claro a sua importância, já que ao se analisar onde estamos ficará mais claro aonde poderemos ir e qual o melhor caminho a se trilhar.

Outro ponto relevante reside na convergência entre as tecnologias (microcomputadores, internet e etc.) e as modernas formas de comunicação, desta convergência resulta a ‘Era da Informação’<sup>38</sup> ou ‘A Era digital’, que traz consigo uma nova

---

<sup>36</sup>LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

<sup>37</sup>Op. cit. P.172

<sup>38</sup> Para alguns autores como Jean Lojkin se trata de uma Revolução Informacional, que é em realidade uma revolução tecnológica, que seguiu após a revolução industrial. Ela anuncia o surgimento de uma nova

percepção do tempo e espaço, marcado cada vez mais pelo imediato e instantâneo. Muniz Sodré (2009, p.14) nos diz que, se a revolução industrial centrou-se na mobilidade espacial, a revolução informacional norteia-se no virtual anulação do espaço pelo tempo, criando novos canais de distribuição de bens e a ilusão da onipresença humana.

A internet há algum tempo tornou-se um dos mais importantes espaços de produção e pesquisa histórica de qualquer nível, desde uma pesquisa para ensino fundamental, levantamento bibliográfico e acesso a bancos de dados digitalizados. Ela foi capaz de introduzir na sociedade moderna além uma gama de informações anteriormente dificilmente encontradas, a uma nova linguagem, além de novos ambientes culturais como as redes sociais, gerando assim uma nova sociedade com relações de poder únicas, não podemos delimitar estes fatos como uma Revolução, pois uma revolução derruba as estruturas e instituições antigas as substituindo por novas em um espaço de tempo, o que vemos aqui é uma convivência paralela entre os antigos e os novos moldes, com o decorrer dos anos talvez poderemos assistir aos poucos o desaparecimento do modelo mais antigo, entretanto isto não é algo fácil de se prever e ou afirmar.

Podem-se observar nos campos das Ciências humanas algumas dificuldades em aceitar a utilização da internet como um meio de produção e pesquisa histórica, esta dificuldade está fundamentada muitas vezes na fragilidade, conflitos de credibilidade e volatilidade, encontrados na internet.

José Claudio Alves de Oliveira (2006,p.1)<sup>39</sup> em seu artigo *Ciberhistória*, traz algumas das questões que podem justificar esta possível aversão pelo campo histórico para com uso da internet. Ele defende que esta aversão é alimentada por obsoletas correntes historiográficas e educacionais, que mesmo fazendo uso da informática, ainda permanecem com desconfiança e

---

civilização pós mercantil, emergente da ultrapassagem de uma divisão entre os que dirigem a sociedade e os que produzem. As questões agora não são mais como organizar a produção, mas sim em como organizar a tomada de decisões, ou seja, tratar a informação.

A criação da Internet e o aumento do fluxo global de troca e publicação de informações e comunicação. Alguns autores tratam o uso massivo da Internet como um resultado dos anseios de uma sociedade por informação. Muitos se utilizam do termo Revolução Informacional. Entretanto autores como Muniz Sodré (2009,p.12-13) fazem uma ressalva para o uso do termo *Revolução*. O termo Revolução significa uma ruptura com a ordem pré-existente, entretanto podemos assistir que o uso desta mídia – a Internet – não trouxe uma ruptura na estrutura vigente e sim uma mudança em sua pratica, isto é a informação e a comunicação sempre existiram, o que se assistiu foi uma aceleração no tempo de produção e distribuição da mesma. Hoje apenas segundos são necessários para se espalhar uma informação pela rede. Para Sodré o que há de novo é o fenômeno de estocagem de grande volume de dados e a sua rápida transmissão, acelerado de forma nunca vista antes.

<sup>39</sup> OLIVEIRA, José Cláudio Alves. *Ciberhistória*. Revista de História Regional 3 : Inverno de 1998 disponível em [www.uepg.br/rhr/v3n2/edson.htm](http://www.uepg.br/rhr/v3n2/edson.htm) - acessado em 26 de setembro de 2008.

até mesmo sinais de rejeito. Há, segundo ele, uma resistência às mudanças. Na pesquisa não foi encontrado nenhum trabalho que explicitamente defendesse a não utilização da pesquisa na internet, ou das fontes disponibilizadas *on-line*, para corroborar a afirmação de Oliveira. Entretanto dois trabalhos levam a crer que este preconceito é uma realidade, o primeiro deles é o trabalho do Professor Doutor Ciro Flamarion Cardoso<sup>40</sup>, publicado em 1996, na revista *Tempo*, demonstra algumas preocupações referentes ao campo histórico como uso das novas tecnologias. Ele lista em seu texto, três processos preocupante para que ameaçavam e continuariam segundo ele ameaçando a palavra escrita e o registro erudito da língua. O primeiro processo listado é o que nos aqui interessa é o é a competição da leitura e da escrita as novas tecnologias que garante o acesso a informação sem a necessidade de ler, ou limitando a leitura. Flamarion (1996, p.3), chega a afirmar que não compartilha do otimismo dos que afirmam que a difusão dos microcomputadores se fez através da programação de textos, da escrita. Alertando que uma maioria crescente de textos digitados em computador possui um nível baixo de qualidade.

É verdade que digitar na Internet constitui uma forma de escrita. E daí? A pichação de paredes e muros também constitui, mas não avança a preservação do registro erudito e sofisticado da língua que, até surgir uma alternativa viável, parece ser necessária àquilo que nos leva a discutir aqui o assunto, i.e., a escrita da História em modalidades aceitáveis no tocante à construção lógica do pensamento e à preservação, através de vocabulário adequado, de idéias e conceitos com grau suficiente de riqueza, nuance e precisão. CARDOSO (1996, P.3)

Dessa forma a crítica de Flamarion realizada em 1996, não está diretamente ligada à utilização de fontes oriundas da internet, está mais ligada à escrita empregada neste e em outros meios de comunicação. Esta crítica contrasta com a de Roger Chartier (2007), historiador especializado na história do livro e da leitura, como já vimos aqui possui uma visão mais otimista para o caso. O segundo trabalho que traz esta mesma ideia entretanto sem se aprofundar nela é do Professor Samuel Bueno (2004, p.144), em uma de suas notas de

---

<sup>40</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. **No Limiar do Século XXI**. Revista *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 7-30.

rodapé<sup>41</sup> ele relata que alguns grupos dentro das diversas comunidades de conhecimento, como exemplo a comunidade acadêmica, existem resistências quanto ao uso do suporte digital das informações. Segundo o autor parte desta conduta pode ser observada na preferência por periódicos publicados em papel, mesmo havendo cada vez mais diversos periódicos eletrônicos. A ideia de José Claudio Alves de Oliveira (2006, p.1) quanto a uma aversão acredito que pode aqui se referir a um preconceito velado, isto é, não explícito nos trabalhos e discursos acadêmicos, mas sim observado em alguns membros da academia em conversas informais, em suas preferências de leituras como destacou Samuel Bueno ou olhares “tortos” ao se defender o uso destas fontes digitais.

Interessa observar que muitos historiadores não têm levado em consideração a importância da reflexão sobre o uso dessa fonte nova, a *Internet*, especialmente no que se refere aos aspectos teóricos e práticos da forma como a história é representada no formato digital. As mudanças no campo histórico não são superficiais, são mudanças que abarcam desde a linguagem, procedimentos de pesquisa e organização de fontes, até a publicação independente de editoras e comunicação entre pesquisadores, alguns historiadores e estudiosos mais atentos já observam esta mudança que afeta até mesmo a constituição do próprio campo da história.

A incorporação das novas tecnologias à prática do historiador levanta novas questões sobre os objetivos básicos e métodos do ofício, produzindo assim uma lacuna teórica a ser preenchida. A utilização da internet é uma realidade, cabendo agora pensar e teorizar como poderia ser feito melhor uso da mesma para a historiografia. Como lembrado por Aguiar (2010, p.1), o dever social do historiador é disponibilizar suas fontes a sociedade, promover o debate científico, possibilitando o acesso, a preservação e a divulgação irrestrita da informação histórica, permitindo que a sociedade construa e reconstrua suas memórias, fortalecendo assim ainda mais a própria cidadania, não apenas legitimando teorias oficiais.

---

<sup>41</sup> Cf. Capítulo 6, nota de Rodapé 21. Samuel Bueno destaca que um relato deste tipo de preconceito e de suas consequências pode ser encontrado em: MAGUEIJO, João. **Mais rápido que a velocidade da luz**. Rio de Janeiro: Record, 2003. P.184-187 e 203-228

## 1.2 O historiador da era digital.

“(…)Supõe em primeiro lugar que as condições humanas sofreram, no intervalo de uma ou duas gerações, uma mudança não apenas muito rápida, mas também total: de modo que nenhuma instituição um pouco antiga, nenhuma maneira de se conduzir tradicional, teria escapado às revoluções do laboratório ou da fábrica. Isso é esquecer a força da inércia própria a tantas criações sociais. O homem passa seu tempo a montar mecanismos dos quais permanece em seguida prisioneiro mais ou menos voluntário(…)” 68.<sup>42</sup>

Foi na década de 1940 que o historiador francês Marc Bloch<sup>43</sup>, considerado um dos maiores historiadores do século XX, elaborou sua resposta sobre qual seria o papel e o objeto da história, proporcionando uma expansão do campo histórico até então nunca pensada, em oposição à escola tradicional positivista que até então norteava os estudos históricos. Segundo José D'Assunção Barros (2006, p.1)<sup>44</sup> quando Bloch afirma que "*a História é o estudo do homem no tempo*", se rompe com a ideia de que a História deve analisar apenas e fundamentalmente o passado. Para Barros (2006, p.1) a História estuda as transformações e ou permanências humanas que se desenvolvem ou se estabelecem em um período de tempo.

Um dos ensinamentos dos Annales foi à proposta mudança radical no que consistia em fonte, a ampliação dos tipos de fontes, foi um dos principais temas defendidos, isto é, o uso não restrito as fontes oficiais e escritas, mas sim de diversas possibilidades que surgiriam ao ampliar o dialogo da historiografia com outras áreas do conhecimento, fundamentados no discurso de Marc Bloch. É nesta perspectiva de expansão do campo histórico proposta por Bloch e de uma maior interdisciplinaridade que se faz a proposta do desenvolvimento da historiografia digital, na época em que Bloch desenvolveu sua proposta ainda não havia os recursos digitais que hoje existem, pois se assim os houvessem eventualmente teriam sido incluídos neste novo horizonte. Conforme Jacques Le Goff, no prefácio do livro *Apologia da*

---

<sup>42</sup> BLOCH, Marc. Título: '**Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**'; tradução: André Telles, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

<sup>43</sup> Ibidem.

<sup>44</sup> BARROS, José D'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. *Varia hist.* vol.22 nº36 Belo Horizonte July/Dec. 2006 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752006000200012>



História de Marc Bloch (2002, p.25-26), nada está definido para sempre e com o tempo torna-se necessário uma revisão de nosso ofício.

Na visão de Odilon Caldeira Neto (2009, p.1)<sup>45</sup>, especialista História Social da Universidade Estadual de Londrina, ele avalia que as ideias de Marc Bloch apoiavam novos paradigmas e possibilidades que se pautavam também numa prática que viria a minimizar algumas tendências historiográficas no futuro, como a história do tempo presente alvo de diversos questionamentos baseados no trabalho proposto por Bloch (2002), tornando sua prática não muito bem aceita, se baseando na ideia de que não havia possibilidade do distanciamento entre pesquisador e o objeto. Na opinião de Caldeira Neto (2009, p.2) a ampliação das fontes defendida pelos Annales, não constituiu essencialmente em um apoio ao uso de fontes orais nas pesquisas históricas. Já Marieta de Moraes Ferreira<sup>46</sup> alega que a história oral foi até mesmo renegada a segundo plano, sendo praticamente descartada como campo e suporte teórico.

Esta rejeição inicial<sup>47</sup> só muda com o aumento na preocupação em abordar movimentos populares e excluídos, abordagem defendida pelo marxista Edward Thompson<sup>48</sup>. O crescimento no uso de fontes orais se deu em meados das décadas de 1950 e 1960, apoiados pelo aumento do estudo sobre as minorias, o aumento no uso desta prática, afirma, Caldeira Neto(2009, p.2) resultou nas décadas seguintes a iniciação de organizações de projetos universitários e aprofundamentos metodológicos com a intenção de normatização do método, criando assim associações e aumentando as produções em História Oral.

“(…) Uma ciência, entretanto, não se define apenas por seu objeto. Seus limites podem ser fixados, também, pela natureza própria de seus métodos. Resta portanto nos perguntarmos se, segundo nos aproximemos ou afastemos do momento presente, as próprias técnicas da investigação não

---

<sup>45</sup> CALDEIRA NETO, Odilon. **Breves reflexões sobre o uso da Internet em pesquisas historiográficas**. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, n. 20, Rio de Janeiro, 2009.

<sup>46</sup> Apud. Ibidem.

<sup>47</sup> Esta rejeição é abordada em BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Universidade de São. Paulo, 1992. P. 49

<sup>48</sup> SHARPE, Jim. A história Vista de Baixo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Universidade de São. Paulo, 1992. P. 40-41

deveriam ser tidas por essencialmente diferentes. Isto é colocar o problema da observação histórica.” (BLOCH, Marc P.68)<sup>49</sup>

Esta exemplificação do início do uso da História Oral na historiografia serve para nos dar um exemplo de como o campo histórico não está totalmente pré-definido, e deve se adaptar segundo as demandas sociais e da escrita histórica. Do ponto de vista de Odilon Caldeira Neto (2009, p.2) este debate serve de parâmetro para novas abordagens fruto das novas formas das relações humanas, isto é, através das novas tecnologias de comunicação e compartilhamento de informações. A internet se configura como um exemplo de nova mídia presente na vida do homem, que modifica e é modificada pelas relações em vários níveis (pessoais, políticos, hierárquicos, governamentais, acadêmicos etc.), pode e deve ser usada como fonte de pesquisa pelos historiadores.

Conforme Barros (2006, p.3), estudar o momento presente tem como objetivo entender como este momento presente é afetado por certos processos que se desenvolvem na passagem do tempo, ou como a temporalidade afeta de diversos modos a vida presente.

Mas com as expansões dos domínios históricos que começaram a se verificar no último século, este Espaço também pode ser perfeitamente um "espaço imaginário" (o espaço da imaginação, da iconografia, da literatura), e adivinha-se que em um momento que não deve estar muito distante os historiadores estarão também estudando o "espaço virtual", produzido através da comunicação virtual ou da tecnologia artificial. Pode se dar que, em um futuro próximo, ouçamos falar em uma modalidade de História Virtual na qual poderão ser examinadas as relações que se estabelecem nos espaços sociais artificialmente criados nos *chats* da Internet, na espacialidade imaginária das *webpages* ou das simulações informáticas, ou mesmo no espaço de comunicação quase instantânea dos correios eletrônicos — estas futuras fontes históricas com as quais também terão de lidar os historiadores do futuro. BARROS(2006,p.3).

---

<sup>49</sup>BLOCH, Marc. Título: ‘Apologia da História, ou o Ofício do Historiador’; tradução: André Telles, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

E como o previsto por Barros (2006, p.3), torna-se necessário hoje um novo tipo de estudo, um estudo de uma História Virtual, no sentido mais abrangente possível, um estudo que engloba desde a produção historiográfica após a disseminação da internet (novas fontes, fontes digitalizadas etc.), quanto à necessidade do desenvolvimento de uma metodologia específica ou uma adaptação da metodologia a esta nova ferramenta.

Pensar sobre o uso do computador na pesquisa histórica implica em algumas severas dificuldades como descrito pelo professor Edson Armando da Silva<sup>50</sup> da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Primeira delas está quanto na velocidade vertiginosa que a informação assumiu nas últimas décadas, manter-se atualizado é cada vez mais necessário e mais difícil. Um texto pouco tempo depois de publicado já está obsoleto. Mas segundo Silva (1998, p.1): “*A decisão de narrar a experiência, mesmo conhecendo de antemão a sua parcialidade e fugacidade, se prende a convicção de que técnica e teoria são indissociáveis. Silenciosamente, a mudança de procedimentos vai alterando o “savoir faire” e repercute no ofício do historiador.*”

Conforme Luciano Figueiredo (1998, p. 421)<sup>51</sup> o debate se divide sobre o tema História e Informática em dois níveis: O primeiro referente à instrumentalização *stricto sensu*, isto é, procedimentos técnicos disponíveis para operacionalizar pesquisa e o ensino, exemplo editores de texto. E o segundo nível se refere às questões metodológicas, significando para Figueiredo (1998, p. 421), o uso de programas específicos no tratamento de dados de pesquisa que permitem visualizar graficamente determinadas situações, acelerar cálculos matemáticos de indicadores, projetar realidades, estabelecer crítica textual amparado por parâmetros predefinidos e outros índices que amentam o aspecto qualitativo da pesquisa, graças ao emprego de um programa. Entretanto hoje, passados quinze anos da divisão feita por Figueiredo, podemos dividir os estudos envolvendo História e Internet em dois seguimentos mais distintos: O primeiro de campo teórico e metodológico com enfoque na Historiografia digital, desenvolvimento e análise, desenvolvimento de banco de dados virtuais, processos de digitalização, bibliotecas digitais, divulgação de textos, pinturas, fotos, informações, livros e

---

<sup>50</sup> SILVA, Edson Armando. Banco de dados e pesquisa qualitativa em história: reflexões acerca de uma experiência. Revista de História Regional, Inverno, 1998. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2066/1548> acessado em: 4 de junho de 2013.

<sup>51</sup> FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: O Uso do computador. In: Cardoso, Ciro Flamarion (Org.); VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus. 1997.

fontes primárias etc.; e o segundo no campo das relações humanas em ambiente digital, cibercultura<sup>52</sup>, ciberespaço, hierarquias cibernéticas, sociabilidade virtual, tempo virtual, ciberdemocracia, memória virtual, direito virtual, crimes cibernéticos, movimentos sociais em rede e etc.

Alguns destes campos de estudo já possuem trabalhos desenvolvidos ou em desenvolvimento, como exemplo temos o tema da Cibercultura, trabalhado por André Lemos (2010)<sup>53</sup>, professor doutor na Universidade da Bahia, no livro *O Futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*, realizado em conjunto com Pierre Lévy.

Além disso, temos uma multiplicação vertiginosa de *sites* relativos ao conhecimento histórico, o que tem animado muitos pesquisadores e professores de História, que os tomam como novas possibilidades de pesquisa e propagação de conhecimento. Ao produzir sítios dedicados a temas históricos, a Internet nos propõe um problema: como avaliar a qualidade destes sites? Existe um método a seguir? A resposta é sim.

Mesmo pouco divulgado, um método para pesquisar-se na Internet começou a surgir e a se desenvolver. Como prova disso temos a inclusão da regra de citação e bibliografia em meio eletrônico na ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas<sup>54</sup>, para sites eletrônicos. A NBR 6023 revisada em agosto de 2002, já conta com a norma para citações que constam em sítio eletrônico<sup>55</sup>, <[www.abnt.org.br](http://www.abnt.org.br)>. Conforme figura 3 abaixo:

---

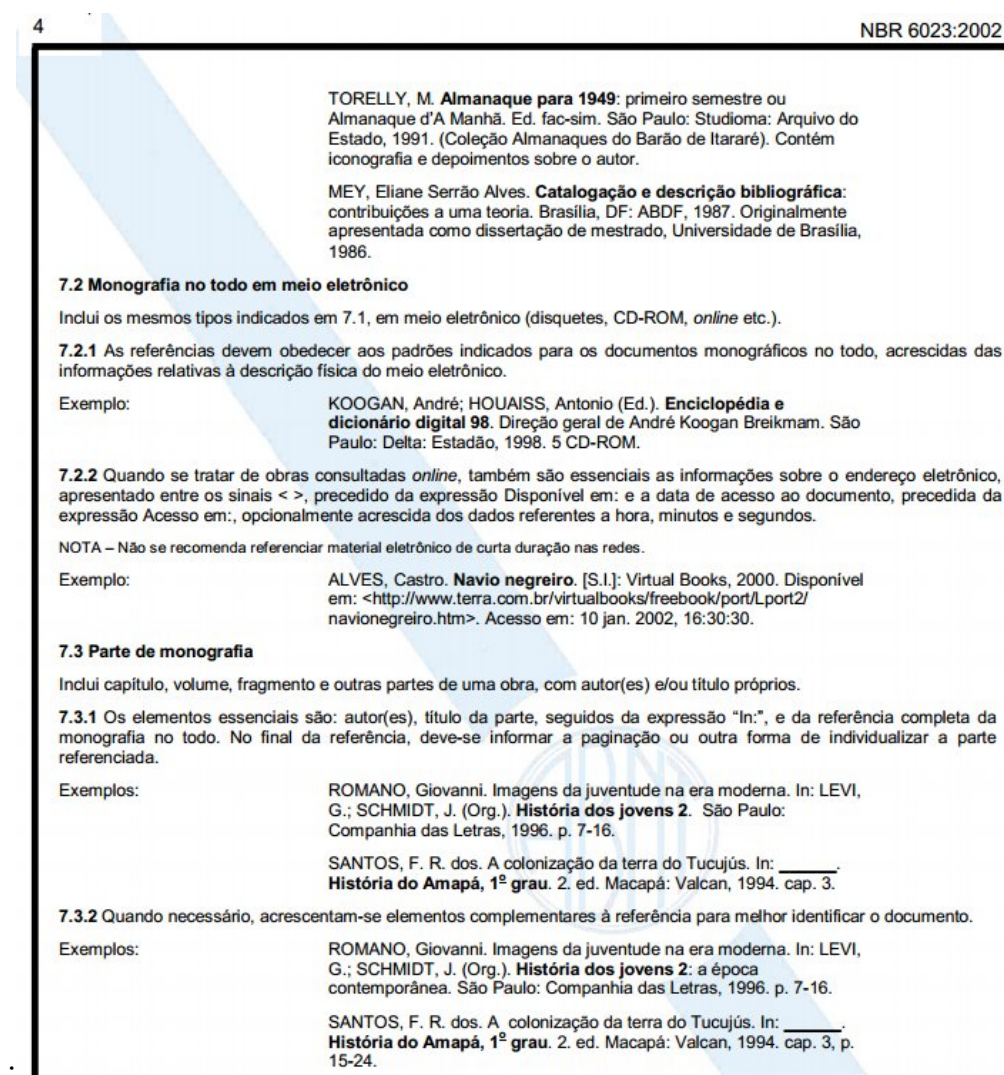
<sup>52</sup> Ver: LEMOS, André; LEVY, Pierre. “**O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária**” Pierre Lévy e André Lemos. Editora Paulus : 2010.

<sup>53</sup> Ibidem.

<sup>54</sup> <http://www.abnt.org.br/>

<sup>55</sup> Para maiores detalhes ver: <http://www.habitus.ifcs.ufjf.br/pdf/abntnabr6023.pdf>

**Figura 3- NBR 6023 revisada em agosto de 2002 - dispõe sobre citações em meio eletrônico.**



No Reino Unido estudiosos de diversas áreas dedicaram-se a formular um Tutorial, orientando estudantes e curiosos em geral a tirar melhores e qualitativos resultados em uma pesquisa feita através da *Web*. Entre os campos de estudos apresentados com um tutorial, a História foi um deles. Os tutoriais fazem parte do *Intute x Virtual Training Suite*<sup>56</sup>. O guia de pesquisa destinado aos historiadores foi elaborado pelo Dr. James Moore, diretor-adjunto, Centro de História Metropolitana do Instituto de Pesquisa Histórica da Universidade de

<sup>56</sup> <http://www.intute.ac.uk/>

Londres e recebeu comentários e outras contribuições da Dr. Prytz Ylva Berglund<sup>57</sup>, Intute da Universidade de Oxford. Os tutoriais sofrem frequentes reedições, o consultado neste trabalho foi à terceira edição do ano de 2009. O Intute foi fechado em julho de 2013, por falta de financiamento, métodos alternativos para financiamento e manutenção do site não foram encontradas por diversos motivos, inclusive a conjuntura de crise econômica em que se encontraram vários países no período. O site foi arquivado e será mantido por três anos, mas seu pleno funcionamento foi até julho de 2011, nenhum recurso novo será adicionado ou atualizações serão feitas. O legado deixado pelo tutorial está na importância de se devolver um guia para a realização de pesquisas acadêmicas e m demonstrar o quanto além de viável é possível.

Durante a pesquisa ainda antes do fechamento do site, pode ser observada toda a sua estrutura e possibilidade de acesso. A grande percepção do tutorial está em constatar a realidade acadêmica do historiador atual, que faz sua pesquisa em rede e não mais somente em uma biblioteca, não mais preso às fichas em papel, mas sim a enxurrada de hiperlinks.<sup>58</sup>

Em Portugal a Universidade de Évora disponibiliza um interessante Guia para a produção de trabalhos de pesquisa em diversos níveis, abrangendo desde a explicação sobre tipos de fontes, ferramentas incluindo na internet, leitura e mapa de ideias entre outros. Uma das ferramentas disponibilizadas é o chamado Endnote Web que funciona como um gestor de referências bibliográficas que foi produzido pela Thomson Scientific e integra-se na Web of Knowledge<sup>59</sup>. O Endnote Web é um serviço fundamentado na Web de modo a facilitar o trabalho de alunos, docentes e investigadores durante o processo de escrita de seus trabalhos investigativos. O sistema permite reunir referências bibliográficas de várias bases de dados online como a Pubmed e a ISI Web of Knowledge.

Para o historiador da Era Digital já está clara a possibilidade de pesquisa acadêmica na internet, desde que a mesma obedeça e se norteie pelas regras básicas já existentes. Com o passar do tempo e com mais pesquisas a experiência de se usar a internet na

---

<sup>57</sup> Ver disponível em: <http://users.ox.ac.uk/~ylva/publicat.html> acessado em 04 de julho de 2013.

<sup>58</sup> Entende-se LINK E HIPERLINK: Região da pagina de um hipertexto que possui vínculo para outra página ao ser acionada – geralmente através de um clique com o mouse. São atalhos que ligam diversas paginas de tema relacionado, podendo indicar páginas com o conteúdo mais específico e referenciado, geralmente utilizado para cruzar informações relevantes, ou detalhar significados específicos. Possui função semelhante com a nota de rodapé dos livros. Em trabalhos históricos pode até mesmo ligar o texto a fonte primária.

<sup>59</sup> É uma grande fonte de dados para pesquisa acadêmicas, para mais informações disponível em: <http://wokinfo.com/> acessado em 04 de julho de 2013.

elaboração de uma pesquisa poderá se tornar simples e objetiva, melhorando a qualidade do texto produzido, quanto os tempos usados na elaboração do trabalho. A facilidade no acesso as informações gera outro tipo de consequência. O historiador que apresente dificuldades em acessar uma fonte primária<sup>60</sup>, pode encontra-la em bases de dados digitais e prosseguir com a sua pesquisa normalmente, diferentemente do que ocorria antes onde o historiador era forçado a escolher como tema de pesquisa algo regionalizado, de fácil acesso e que exigia um custo financeiro menor. Afinal, quantos historiadores sem financiamento não deixaram uma pesquisa de lado por falta de dinheiro para custear viagens, hospedagens etc. Segundo Edson Silva (1998, p.4), o trunfo do pesquisador deixa de ser o conhecimento da localização dos documentos ou a posse da informação para ser a interpretação dessas informações.

Assim sendo, a importância do historiador em analisar o fenômeno digital, está em ajudar a proteger o conteúdo relevante produzido e suas fontes. Como sabemos a internet é algo volátil e custoso. Um *site* muitas vezes pode simplesmente desaparecer e com ele seu conteúdo. Um trabalho baseado em um site que não mais existe mais, restará apenas os seus relatos. Um exemplo disso seria se o Facebook fosse deletado amanhã e não sobrasse nenhum rastro de sua existência além dos relatos de ex-usuários e de pesquisas feitas com a temática em comunicação virtual, hierarquias virtuais, movimentos populares virtuais e temas do tipo e seus quadros estáticos.

Mesmo em um mundo onde toda a informação poderia ser armazenada em *bits*<sup>61</sup> ainda é papel de o historiador trabalhar, refletir e compreender as questões presentes. O historiador é que definirá quais aspectos serão armazenados para a eternidade. Deste modo, Edson Armando Silva (1998, p.1) afirma que seria imperdoável ao profissional de história que é um estudioso da temporalidade, desconsiderar o impacto da tecnologia, da distribuição social do trabalho e do conhecimento causados pela internet e outras inovações tecnológicas. A opinião de Silva (1998, p.1) explicita os pressupostos de que as transformações técnicas resultam de um processo social de distribuição do trabalho e conhecimento e alteram estas relações, modificando a própria constituição do homem como ser social. Portanto, não há

---

<sup>60</sup> Entende-se aqui Fonte Primária o mesmo entendimento publicado no site da Universidade Évora define como fontes primárias contêm informação original sobre um assunto. Podem assumir a forma de livros, revistas, atas, teses, diários entre outros. São fontes originais «cujo conteúdo é a primeira consequência da atividade do intelecto.» (Faria et. al., 2008). Disponível em: <http://www.bib.uevora.pt/1-1->

<sup>61</sup>Bit: Menor porção identificável de informação. *Binarydigit*.

como pensar que o ofício do historiador permaneça inalterado em relação às mudanças tecnológicas que se processaram e se processam no nosso dia a dia.

## **CAPITULO 2: A HISTORIOGRAFIA DIGITAL.**

### **2.1 - O que é Historiografia digital?**

O termo Historiografia Digital aparece no Manifesto<sup>62</sup> redigido por um grupo de historiadores em 2001, não sabemos precisar se é a primeira vez que se cunhou o termo, mas neste manifesto fica descrito o entendimento de um grupo de historiadores sobre o que seria uma historiografia digital. Segundo a rede História a Debate<sup>63</sup>, formuladora do manifesto e conduzida por Carlos Barros da Universidade de Santiago de Compostela na Espanha, tem como *historiografia digital* o décimo primeiro tema abordado no manifesto, e nos diz que as novas tecnologias estão revolucionando o acesso a bibliografia e as fontes da história, ultrapassando limites antes definidos pelo papel, abrangendo tanto os campos de pesquisa quanto publicação, permitindo o aparecimento de novas comunidades globais de historiadores através da facilitação da comunicação e compartilhamento de informações. Segundo o Manifesto (2001, XI) a Internet é uma importante ferramenta contra a fragmentação do saber histórico se utilizada de forma correta e respeitando suas limitações e identidade.

Temos o intuito aqui por historiografia digital, o processo que agrega desde a produção e transmissão de textos em suporte digital, isto é, a utilização do computador e da informática como uma ferramenta de produção, comunicação e distribuição de trabalhos históricos até o entendimento de que historiografia digital pode ser considerada como um campo de estudo, como parte da ciência, que estude o uso das fontes digitais nos trabalhos de pesquisa acadêmicos. Em suma podemos considerar um trabalho deste campo, um trabalho que se utilize em grande parte ou exclusivamente fontes disponibilizadas em sítios online, seja ela de caráter primário, isto é a internet ou outros tipos de publicações exclusivamente online como objeto de pesquisa, ou de caráter secundário ao se explorar bancos de dados e bibliotecas virtuais para trabalhar algum objeto em específico, neste caso a historiografia digital deverá ser abordada como método.

---

<sup>62</sup> Cf. [http://www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas\\_manf/manifiesto\\_had\\_pt.htm](http://www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas_manf/manifiesto_had_pt.htm) acessado em 19 de julho de 2013.

<sup>63</sup> Cf. <http://www.h-debate.com/> acessado em 19 de julho de 2013.



A historiografia digital ainda carece de muitos trabalhos para se desenvolver de forma segura, ampliar-se e estabelecer-se. Na visão de Fábio Chang de Almeida (2011, p.3)<sup>64</sup> deve haver um fortalecimento do debate teórico-metodológico, para que os historiadores aceitem definitivamente os documentos digitais enquanto fonte primária, é necessária à sistematização teórica e metodológica que vai direcionar esta nova prática. Isto só será possível com o aumento de produções deste tipo, somente assim poderão ser estabelecidos referências e modelos a serem seguidos e trabalhados. Em suma, a ideia de Almeida (2011, p.3) é que a escassez de referências não pode justificar uma falta de preocupação com o método. Negligenciar as fontes digitais ou as digitalizadas (isto é, fontes que possuem também suporte em papel ou outros) significaria deixar a margem toda uma nova forma de prática, atitude, de modo de pensamento e valores que se desenvolvem junto com o crescimento e popularização da Web e se tornam com os anos cada vez mais intrínsecos a sociedade.

Um dos primeiros movimentos pró-estudo de uma historiografia digital foi o trabalho desenvolvido pelo grupo História a Debate em 2001, que teve seu manifesto<sup>65</sup> traduzido para o português pela Professora Margarida Sobral Neto da Universidade de Coimbra. Neste manifesto foram elaboradas dezoito propostas metodológicas, historiográficas e epistemológicas, para debate entre os historiadores, cada historiador pode subscrever o manifesto e contribuir para o desenvolvimento das propostas ali estabelecidas. Iniciativas como a deste grupo de historiadores se tornam cada vez mais importantes no que se refere ao desenvolvimento do campo histórico, principalmente ao refletir o uso e impacto da internet na historiografia.

A proposta de número onze tem como tema a Historiografia Digital mais detalhada:

“As novas tecnologias estão a revolucionar o acesso à bibliografia e às fontes da história, ultrapassando os limites do papel tanto para a investigação como para a publicação, possibilitando o aparecimento de novas comunidades globais de historiadores. *A Internet é uma poderosa*

---

<sup>64</sup> ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Revista Aedos. Nº8, vol.3, Janeiro-Junho 2011. ISSN 1984- 5634

<sup>65</sup> [http://www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas\\_manf/manifiesto\\_had\\_pt.htm](http://www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas_manf/manifiesto_had_pt.htm)

*ferramenta contra a fragmentação do saber histórico se for utilizada de acordo com sua identidade e possibilidades, isto é, como uma forma interactiva de transmitir informação instantânea de maneira horizontal a várias partes do mundo (grifo nosso). Segundo o nosso critério, a historiografia digital deverá ser complementada com livros e outras formas convencionais de investigação, difusão e intercâmbio académicos, e vice-versa. Este novo paradigma da comunicação social não vai substituir, consequentemente, as actividades presenciais e as suas instituições seculares, mas formará parte, de uma maneira crescente, da vida académica e social real. A generalização da Internet no mundo universitário, e no conjunto da sociedade, assim como a educação informatizada dos jovens, tornará esta nova historiografia um factor relevante da inacabada transição paradigmática entre o século XX e o XXI (grifo nosso)”.(2001- Grupo Manifesto Historia a Debate,p. s/p)*

## 2.2 - O conteúdo digital

Temos a necessidade de estabelecer alguns parâmetros antes de um maior aprofundamento sobre o tema fontes digitais. Afinal, o que é um documento digital? Como descrito por Almeida (2011 p.17) devemos começar por entender o que é um documento. Na teoria arquivística<sup>66</sup> o documento é o registro de uma informação, independente da natureza do suporte<sup>67</sup> que a contém, o fim desejado está na transmissão informação pelo documento independente da forma em que está disposta e apresentada, segundo Marilena Leite Paes especialista neste tema. Por sua vez os documentos históricos são todos os documentos que contem informações da atividade humana em um período do tempo, sendo estes registros de tipos diversos. Exemplo: música, pinturas, fotos, filmes, arquitetura, depoimentos orais etc.

O documento digital por tanto pode envolver todos estes tipos de registros, ao mesmo tempo ou individualmente, sendo codificado em sistema de dígitos binários<sup>68</sup>, este

---

<sup>66</sup> Cf. PAES, Marilena Leite. Arquivo: teoria e pratica. 3ed. Rio de Janeiro: FGV,2004.




<sup>67</sup> Suporte é o nome dado ao local onde a informação é descrita. Ex: papel, CD-Rom, papiro, pedra, digital etc.

<sup>68</sup> Sistema de dígitos binários: É o sistema de trabalho utilizado por computadores, que utiliza apenas dois valores para manipular qualquer informação. De forma geral, binário é um sistema que utiliza apenas dois

sistema é utilizado pelo computador para interpretação de dados. Almeida (2011, p.19) propõe a divisão das fontes<sup>69</sup> digitais em dois tipos, as fontes primárias e as “não – primarias”, isto é temos como fontes primárias digitais os documentos produzidos exclusivamente no meio digital e expostos unicamente na internet (documentos primários digitais exclusivos) e temos os documentos primários de variados suportes que foram digitalizados para a rede (documentos primários digitais não exclusivos).

Ver esquema na Tabela 1: Os tipos de fontes e documentos digitais utilizáveis pelo historiador :

**Tabela 1 - Fontes Digitais** <sup>70</sup>

<b>FONTES DIGITAIS</b>	
<b>Fontes Primárias Digitais</b>	<b>Fontes Secundárias Digitais</b>
	
<b>Documentos primários digitais</b>	<b>Documentos secundários digitais</b>
	

---

valores para representar suas quantias. É um sistema de *base dois*. Esses dois valores são o “0” e o “1”. Cf: <<http://www.linhadecodigo.com.br/artigo/1648/sistema-binario-parte-i.aspx#ixzz2ScNoKLIB>>

<sup>69</sup> Fontes podem ser divididas em dois tipos segundo o Guia da Universidade de Évora: As fontes primárias contêm informação original sobre um assunto. Podem assumir a forma de livros, revistas, actas, teses, diários entre outros. São fontes originais «cujo conteúdo é a primeira consequência da actividade do intelecto e as fontes secundárias analisam, interpretam e comentam as fontes primárias. As fontes terciárias são obras especializadas que cobrem «um conjunto de conhecimentos ou explicações concisas relacionadas com temas, autores, trabalhos, associações, recursos, etc; estas fontes repertorium, selecionam e organizam informações de fontes primárias e secundárias. A importância da distinção entre estas fontes está em distinguir tipos de fontes são necessárias pois determinados trabalhos exigem a consulta de fontes primárias para garantir o rigor da informação. À medida que a informação é retirada da fonte original, vai perdendo cada vez mais detalhe e a ideia original pode ficar corrompida. C.f: <http://www.bib.uevora.pt/1-1->

<sup>70</sup> Tabela retirada de ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primaria para pesquisas históricas. Revista Aedos. Nº8, vol.3, Janeiro-Junho 2011 - **Modificada pela autora**

<p><b>Documentos primários<sup>71</sup> digitalizados não exclusivos</b></p>	<p><b>Documentos primários digitais exclusivos</b></p>	<p>São documentos que possuem formato digital exclusivo ou não. Mas tem como principal foco o texto que nele é exposto, isto é o conteúdo escrito. Estes documentos em história nos servem de auxiliares no debate historiográfico.</p>
<p>Documentos que existem em outro suporte, anterior à digitalização. Documentos que já são reconhecidamente primários Exemplo: pôster da II Guerra após sofrer processo de digitalização, tábuas, atas, bulas papais, anais de processos e etc.</p>	<p>Documentos que não existem em outro suporte, além do digital. Exemplo: alguns <i>sites</i> da Internet, revistas em formato apenas eletrônico, jornais eletrônicos, fóruns e etc.</p>	<p>Exemplos: Livros, dissertações, teses, <i>papers</i> e artigos em formato digital</p>

### 2.3 – As Fontes Primárias: O conteúdo histórico em rede.

A utilização da Web em pesquisas é comum em nosso cotidiano, muito mais do que possamos perceber, entretanto na pesquisa histórica ainda pode existir aqueles que defendam que sem o contato com o documento original não pode ser realizado uma pesquisa de qualidade. Provavelmente não encontremos nenhum trabalho que critique diretamente o uso de uma fonte digitalizada, mas sabemos que muitas vezes a resistência é velada. Entretanto esta resistência não é de todo ruim, pois existe como sabemos no documento vários aspectos a serem analisados dependendo do tipo de pesquisa que se deseja fazer. A análise pode ir desde o discurso que está presente no documento, até a folha de papel ou outro

---

<sup>71</sup> São entendidos aqui documentos primários como documentos que trazem a informação original.

material em que está redigido e nas marcas ali deixadas pelo tempo e pelo uso, pode ter-se interesse na tinta utilizada ou outros detalhes que um contato “real” favoreceria a análise.

Neste tipo de pesquisa a internet somente facilitou a seleção do historiador ao fornecer através dos bancos de dados digitais as suas respectivas localizações nos acervos e arquivos informatizados. É possível descobrir através de uma simples consulta a Internet e ao site dos arquivos sua localização e disponibilidade ao público, sem gerar gastos de transporte, tempo e etc.

Nos últimos anos podemos observar a criação e várias iniciativas que buscam a digitalização e armazenamento de fontes primárias em formato digital e sua posterior divulgação por meio da Internet. Dentre elas observamos a criação da Biblioteca Nacional Digital<sup>72</sup>, que a todo momento busca melhorar a forma de busca em seu acervo digital e sua gama de material digitalizado, na apresentação da mesma encontramos um texto da autoria do pesquisador Muniz Sodré:

“Ao inaugurarmos a Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, temos em mente que este dispositivo indispensável à nossa contemporaneidade informacional comporta mais cuidados do que aqueles normalmente privilegiados pelas políticas tecnocientíficas da memória. A digitalização do impresso implica, de fato, para além da sua dimensão puramente técnica, o tornar visível de toda uma crise das estruturas culturais tradicionalmente centradas no livro e na leitura individualizada.

É que a digitalização parece impor-se no mesmo momento em que se multiplicam outros caminhos técnicos de aquisição de cultura, outros suportes (do cinema ao DVD), geradores de modos de uso bastante diferentes daqueles requeridos pela prática tradicional da leitura do livro. O risco é incorrer por inteiro no paradigma tecno-mercantilista, cujas estratégias estão mais centradas em preencher a base digital com objetos culturais, que são no fundo indiferentes à grande comunidade dos cidadãos. Ou seja, as formas técnicas de apresentação do digital acabam tornando-se mais interessantes do que isto a que estamos habituados a chamar de “cultura” ou de “patrimônio histórico”.

“São evidentes as conseqüências disso tudo. Em primeiro lugar, consolida-se a idéia de “sociedade de informação” como uma redução ao conceito de infraestrutura digital. Esta é socialmente valorizada enquanto inovação tecnológica,

---

<sup>72</sup> <http://bndigital.bn.br/>

portanto, enquanto incremento exponencial da velocidade do acesso, mas, isolada em sua dimensão técnica, pode consolidar o abismo elitista entre a apropriação comunitária dos conteúdos culturais e a enorme oferta propiciada pelo mercado do digital.

Em segundo lugar, o ponto da preservação digitalizada da memória cultural termina ficando dentro do campo estreito dos interesses e dos debates mercadológicos: como resolver os impasses da concorrência empresarial, qual o melhor padrão a ser adotado. Em última análise, o mercado pode transferir para a inovação do digital os velhos dogmas do funcionalismo, que as ciências sociais tomaram de empréstimo às ciências naturais. E tende a deixar esquecida a diversidade das línguas naturais em favor de um algoritmo único, responsável por todos os mecanismos de busca. Este tipo de preocupação está presente em nossa arrancada rumo à digitalização do acervo. A democratização do acesso à memória cultural não deve furtar-se à pesquisa de uma orientação nacional para os mecanismos de busca.” (Muniz Sodré)<sup>73</sup>

Em uma das páginas da Biblioteca encontramos Link's<sup>74</sup> para as mais variadas bibliotecas digitais do mundo <<http://bndigital.bn.br/bibliotecasdigitais.htm>>, nestes atalhos temos acesso a todo o tipo de documento digitalizado nesses países.

Outra importante Biblioteca Digital é a Biblioteca Mundial Digital que pode ser acessada no link: <<http://www.wdl.org/pt/>>, segundo informações da ONU<sup>75</sup> o objetivo desta biblioteca é a disponibilização de milhares de arquivos em diversas línguas e de diversas temáticas, este trabalho foi possível através de parcerias com trinta e duas instituições, incluindo a Biblioteca Nacional brasileira, segundo as informações esta biblioteca não consiste em uma biblioteca nos padrões comuns, pois ela não possui documentos atuais, isto é recentemente produzidos, em seu acervo são priorizados a disponibilização com valor patrimonial mundial, alguns dos documentos são muito antigos estão disponíveis, por exemplo, o *Hyakumanto Darani*, um documento japonês publicado em 764 o qual é considerado o primeiro texto impresso da história, trabalhos científicos árabes que revelam o mistério da álgebra, a Bíblia de Gutenberg e fotos antigas da América Latina provenientes da

---

<sup>73</sup>Disponível em : <http://bndigital.bn.br/apresentacao.htm> acessado em 6 de maio de 2013.

<sup>74</sup> Ver Glossário.

<sup>75</sup> Organização das Nações Unidas (ONU), disponível em: <http://www.onu.org.br/biblioteca-digital-mundial-ja-esta-disponivel-na-internet/> acessado em: 14 de outubro de 2013.

Biblioteca Nacional do Brasil, estas mesmas fotos também estão disponíveis no site da respectiva biblioteca.

Outro ponto importante em que se insere a Biblioteca Mundial Digital está na que cada um dos arquivos está seguido de uma pequena explicação do seu conteúdo e significado. Os documentos foram digitalizados e incorporados no idioma original, mas as explicações aparecem em sete línguas, incluindo o português, destaca a ONU. A biblioteca foi lançada com 1.200 documentos, mas foi formulada para receber um número ilimitado de textos, gravuras, mapas, fotografias e ilustrações. Na página inicial do site encontramos um panorama da quantidade de arquivos disponibilizados separado pelas regiões do planeta, observamos na quantidade apresentada na figura que o maior índice de fontes digitalizadas que foram disponibilizadas para publicação no site reside de repositórios Europeus, seguidos respectivamente por América Latina e Caribe e posteriormente pelo Oriente Médio e Norte da África. Na figura abaixo podemos também observar o campo de seleção de idioma, incluindo Português, e igualmente interessante uma régua de tempo na parte inferior onde pode ser realizada a pesquisa por período, existem ainda a possibilidade de se pesquisar por instituição onde os arquivos se apresentam demonstrados em sequência e por tipo de item, o qual os materiais são divididos em categorias como, por exemplo, mapas, manuscritos, filmes, jornais, diários e etc., outra possibilidade encontrada para pesquisa é por tópico onde os materiais são separados por grupos como Religião, Filosofia e Psicologia, História e geografia, Ciências Sociais, Idiomas e etc.

#### **Figura 4 - Página Inicial da Biblioteca Digital Mundial**

The screenshot displays the 'BIBLIOTECA DIGITAL MUNDIAL' interface. At the top, there are navigation options: 'IDIOMA' set to 'Português', 'NAVEGAR' with links for 'Lugar', 'Período', 'Tópico', 'Tipo de Item', and 'Instituição', and a 'PESQUISAR' search bar. The main area features a world map with several regional callouts, each showing a count of items and a representative image:

- AMÉRICA DO NORTE**: + 390 Itens
- AMÉRICA LATINA E CARIBE**: + 1538 Itens
- EUROPA**: + 3183 Itens
- ORIENTE MÉDIO E NORTE DA ÁFRICA**: + 1329 Itens
- ÁFRICA**: + 279 Itens
- ÁSIA CENTRAL E DO SUL**: + 993 Itens
- LESTE ASIÁTICO**: + 602 Itens
- SUDESTE DA ÁSIA**: + 77 Itens
- OCEANIA E PACÍFICO**: + 40 Itens

At the bottom, a timeline slider is visible, ranging from 8000 a.C. to 1950+ d.C., with the current view set to '8000 a.C. - 2013 d.C.: Visualizar todos 8042'.

No Brasil nos últimos anos varias leis foram criadas com objetivo de aumentar e difundir os documentos digitalizados, uma de grande importância foi a Lei 12.527 de 12 de novembro de 2011<sup>76</sup>, chamada de lei de acesso à informação. Segundo a lei em questão qualquer pessoa pode e deve ter acesso as informações que quiser sobre o Estado, nela estão descrita as regras e obrigações dos poderes em proporcionar o acesso as informações. A criação de sítios na internet foi um dos meios encontrados de maior utilidade para a publicação destas informações em cumprimento da referida lei. Esta iniciativa do governo impacta diretamente o ofício do historiador, pois com as publicações de documentos oficiais sendo feitas através da internet, todo pesquisador interessado em debater sobre o governo após a publicação da lei terá os sítios governamentais a seu favor. Sendo assim não há como negar ou diminuir o papel de publicações na Internet, principalmente quando partem de uma fonte confiável.<sup>77</sup>

<sup>76</sup> Disponível em : [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.htm) acessado em 6 de maio de 2013

<sup>77</sup> Entende-se aqui por fonte confiável, aquele tipo de fonte produzido por uma instituição de pesquisa ou pelo governo. Não se entende este tipo de fonte como uma verdade incondicional.



Outro exemplo temos o Decreto 7.748 de 6 de junho de 2012 do Ministério da Cultura em seu Art. 15 diz que ao Centro de Pesquisas e Editoração compete: “*IV-complementar a organização e disponibilização das coleções de acervo bibliográfico e documental, especialmente através de edições digitais, para promover maior acessibilidade a pesquisadores externos, do País e do Exterior.*”

A facilidade de acesso à informação e a quantidade dela publicada e reproduzida na internet aumentou intensamente nos últimos anos, e continuará a aumentar já que a previsão é que mais arquivos sejam informatizados e mais instituições públicas tenham suas informações armazenadas e disponibilizadas em rede. No intuito de se adequar a nova realidade informacional, as principais revistas acadêmicas passaram a ter um formato também digital, que pode ser acessado por pesquisadores de todo o mundo. Além disso, se propagaram também publicações, anais e conferências no espaço virtual, como por exemplo, a ANPUH<sup>78</sup>, em seu site se encontraram diversos links para revistas eletrônicas dos mais variados temas históricos e de várias regiões do globo. A CAPES<sup>79</sup> disponibiliza segundo dados de fevereiro de 2013, mais de 33.000 títulos<sup>80</sup>. Já a Fundação Getúlio Vargas criou sua própria biblioteca digital<sup>81</sup>, nela existe quatorze repositórios digitais voltados cada um para um estudo em específico, dentre eles temos o CPDOC<sup>82</sup> abaixo podemos ver as estatísticas do uso da plataforma da FGV.

**Tabela 2<sup>83</sup> -Informações do Arquivo:**

Tipo de conteúdo	Número de itens
Todos os itens	8.565

<sup>78</sup> Ver: <http://www.anpuh.org/> acessado em 7 de maio de 2013

<sup>79</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ver: < <http://www.capes.gov.br/> >

<sup>80</sup> Fonte:< <http://www.periodicos.capes.gov.br/>> acessado em 7 de maio de 2013.

<sup>81</sup> Biblioteca Digital da FGV disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace>

<sup>82</sup> CPDOC: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil.

<sup>83</sup> Tradução da Tabela feita pela autora. Tabela disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/statistics>>

Dissertações	5.237
Teses	701
Trabalhos	518
Artigos	427
Outros	231
Livros	94
Relatório Técnico	66
Vídeo	27
Capítulo de livro	15
Artigos ainda não publicados	5
Series	0

Fora do Brasil temos uma enorme quantidade de sites dedicados ao conteúdo histórico de acesso livre e ou restrito a instituições acadêmicas. Temos British Online History<sup>84</sup> é o portal líder em fontes primárias da história britânica, nele encontramos fontes primárias e secundárias, além de mapas, calendários e dicionários voltados para a História inglesa. Segue abaixo na Tabela 3 as estatísticas de uso da British Online History:

---

<sup>84</sup> Ver: < <http://www.british-history.ac.uk/> >

Tabela 3<sup>85</sup> - Estatísticas de uso do sistema da British Online History.

Performance	Stats		
<b>Qualitative</b>	Aug 12	Sep 12	Oct 12
System Usability Scale <sup>?</sup>	74%	71%	<b>74%</b>
<b>Quantitative</b>	Aug 12	Sep 12	Oct 12
Unique visitors (U)	208,588	<b>225,195</b>	<b>260,151</b>
Return rate (R) 'loyalty'	39%	37%	<b>38%</b>
Pages per visit (V) 'stickiness'	4.09	3.88	<b>3.92</b>
<i>Index of Sustainability</i> (U × R × V)	332,719	323,290	<b>387,521</b>

Podemos verificar através dos números citados e das tabelas demonstradas, que os números de publicações em rede e de usuários vêm aumentando significativamente ao longo dos anos. Somando a iniciativa acadêmica e a governamental, temos uma grande força voltada para o uso do vasto recurso que é a Internet. Por tanto se torna necessário e inevitável que os historiadores repensem o seu trabalho e a forma como a Rede já vem sendo usada por alunos, professores e pesquisadores. A ideia que se propõe é de intensificar o uso qualitativo da Internet em favor da pesquisa histórica, é crucial o “*saber pesquisar*” neste novo mundo que se abriu para os historiadores. Já que a abundância de informações digitais é vertiginosa e tende a aumentar velozmente.

#### 2.4 A história hoje: Os novos conteúdos históricos.

Como vimos à fonte digital está dividida em dois tipos, um deles é as fontes primárias digital e em uma subcategoria, documentos primários digitais exclusivos. Trata-se das informações e comunicações realizadas exclusivamente em rede e nela compartilhadas, nesta mesma ideia encontramos novos temas históricos que carecem ainda de muitas análises, algumas que já encontramos são dos cursos de administração como a de Marco Antônio Rebelo Barcellos, para Fundação Getúlio Vargas, que tem como tema Avaliação da eficiência de comunicação em Redes Sociais Digitais: Uma análise exploratória do cenário de empresas

<sup>85</sup> Disponível em: Ver: < <http://www.british-history.ac.uk/> > acessado em 19 de julho de 2013.

no Brasil<sup>86</sup>. Temos também o trabalho realizado por Estrella Bohadana e Helga Nazario sobre Inclusão digital e inclusão social: O projeto telecentros em Niterói, no artigo elas trabalham coma hipótese de os usos da Internet em telecentros<sup>87</sup>, por jovens de baixa renda, se instituiriam em ações de inclusão digital capazes de reverter à exclusão social.

Falamos anteriormente do estudo do historiador voltado para as fontes primarias e secundárias publicadas em Rede através de Instituições de ensino e pesquisa e também por sites governamentais. Entretanto ainda há na Internet uma vasta quantidade de fontes disponíveis sem a regulação de instituições competentes, que possam assumir a autenticidade e a responsabilidade pelos dados ali expostos. Neste campo vemos surgir os *blogs, micro-blogs, comentários em notícias, redes sociais, fóruns de discussão, vídeos publicados por usuários, volgs etc.* Todo este conteúdo corresponde a uma serie de dados “cura”, isto é, ainda não problematizada, mas evidentemente constituem uma fonte de estudo de varias ciências, inclusive a histórica. Na opinião de Almeida (2011), negligenciar estas fontes seria negligenciar um importante período da Historia do Tempo Presente. Entretanto devemos considerar que daqui a algumas décadas ou menos os historiadores interessados, no social, econômico e politico não poderão redigir duas teses sem considerar as informações contidas nestas fontes digitais, estudar daqui a vinte anos as relações de sociabilidade do homem, será estudar além de tudo as redes sociais.

“Em 2012, os usuários da internet brasileira passaram em média mais tempo online por mês que os de outros 8 países latino-americanos: 27 horas. Sites de redes sociais detiveram o maior percentual deste tempo (36%), liderados pelo Facebook, com quase 44 milhões de visitantes únicos em dezembro de 2012, 22% a mais que em 2011.” (AVELLAR e Duarte Consultoria e Design: Internet no Brasil 2012 -dados e fontes)<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> BARCELLOS.MarcoAntonioRebello. Avaliação da eficiência de comunicação em Redes Sociais Digitais: Uma análise exploratória do cenário de empresas no Brasil. Dissertação apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/8294/68060200605.pdf?sequence=1>

<sup>87</sup> Nazario Helga ; **BOHADANA, E.** . Telecentros: mitos e evidências da inclusão digital. Revista Comunicação & Inovação (USCS), v. 13, p. 71-80, 2012.

<sup>88</sup> AVELLAR e Duarte Consultoria e Design - Projetos Web: Internet no Brasil 2012 - dados e fontes  
Fonte:  
[http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14\\_internetBrasil2012.htm](http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2012.htm)>  
atualizado em 01-05-2013 acessado em 8 de maio de 2013.

Estudar a economia e o lucro gerado pelas gravadoras e produtoras de filmes, será analisar o impacto da pirataria virtual na distribuição gratuita destes materiais, impacto também enfrentado pelas editoras e autores de livros, que assistem suas obras se espalharem pela internet quase sem controle.

“Dois em cada cinco, entre os 34,7 milhões de brasileiros que baixam músicas e filmes pela Internet, são piratas. Na classe A, 75% dos internautas podem ser classificados como piratas, percentual que sobe conforme cai a renda – 80% da classe B, 83% da C e 96% das classes D e E. Os índices de pirataria são mais altos no Nordeste (86%), seguindo-se Sudeste (82%), Sul (79%), Norte e Centro-Oeste (73%).” (AVELLAR e Duarte Consultoria e Design: Internet no Brasil 2012 -dados e fontes)<sup>89</sup>

Um economista ou historiador da economia interessado nas relações entre as empresas e o consumidor terá na Internet sua aliada, pois a informatização elevou o contato entre os produtores e consumidores que hoje tem suas reclamações publicadas em rede em sites da própria empresa ou em sites especializados como o <[www.reclameaqui.com.br](http://www.reclameaqui.com.br)>, onde se pode ter acesso a todas as reclamações feitas acerca dos serviços da empresa e a resolução dada pela mesma para resolver estes problemas. As informações publicadas no site influenciam no comportamento de compra do consumidor. Outra aproximação ocorrida foi através das redes sociais, onde todos os dias são alimentados informações sobre produtos e inseridas promoções e propagandas. As redes sociais também se tornaram importante arma para as reclamações dos consumidores, a imagem publicada por um consumidor de um bombom no período da páscoa, onde encontrou um verme, roda em segundos toda a rede, tendo a empresa ser capaz de produzir uma solução rápida e eficaz para conter a reprovação popular, uma resposta negativa na mídia virtual pode ser fatal para as vendas da empresa.

A internet em certa medida pode ser entendida como um novo mundo, um *mundo virtual* que corre intrínseco ao *mundo real*. A internet redimensionou muitas coisas, algumas delas foram a forma de se pesquisar, a forma de se comunicar, se relacionar e também modificou o conceito de memória.

Portanto Fábio Chang de Almeida (2011), alerta que para a utilização de documentação disposta no meio virtual, se faz necessário um maior rigor em relação ao

---

<sup>89</sup> Ibidem.

método historiográfico, além da utilização de alguns procedimentos metodológicos específicos. Um dos cuidados específicos a serem tomados segundo Almeida (2011) é com inter-relacionamento da documentação, na internet, a interligação pode e usualmente é feita através dos *links*, que consistem em atalhos para outros sites, os *links* usualmente demonstram algum tipo de afinidade entre os conteúdos, ou também referências sobre o mesmo. Como mostramos anteriormente muitos sites como, por exemplo, o da Biblioteca Nacional, possuem *links* indicando outros sites, esta seria uma maneira de atestar estes sites como confiáveis já que são direcionados por uma instituição reconhecida mundialmente por seu trabalho e qualidade, mas isto não é uma regra.

Outro cuidado reside no cruzamento de fontes fator igualmente importante, com ele há a possibilidade de se atestar se a informação é verídica ou não, pesquisar em mais de uma fonte a mesma informação, e delinear suas divergências e continuidades, é uma das maneiras possíveis de se identificar a qualidade da informação extraída, principalmente na internet. Portanto, podemos concluir que utilizar a Internet como fonte ou como um meio de pesquisa não é algo impossível ou inviável, mas sim algo necessário, da mesma forma que o historiador tem a necessidade de comparecer a biblioteca e aos acervos, e assim como a pesquisa feita nos acervos e bibliotecas requer um tratamento específico das informações que se encontram ali armazenadas, a internet também requer cuidados específicos. Com a utilização de técnica e o desenvolvimento da habilidade em pesquisar em rede, somados ao cuidado e atenção, excelentes dados podem ser coletados e aproveitados, enriquecendo e gerando novas análises para o campo histórico.

### **CAPÍTULO 3 – A PESQUISA CIENTÍFICA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: OS HISTORIADORES, AS INSTITUIÇÕES ACADÊMICAS E GOVERNAMENTAIS.**

#### **3.1 A sociedade da informação.**

Em Jorge Werthein<sup>90</sup> (2000 p.71) vamos encontrar a ideia de que o termo sociedade da informação tenha surgido nos últimos anos do século XX, como um substituto

---

<sup>90</sup>WERTHEIN, Jorge. **A sociedade da Informação e seus desafios**. Ci.Inf Brasília, v.29, n.2, p.71-77, maio/ago.2000.

para o conceito de “sociedade pós-industrial”, o autor destaca que estas mudanças se devem as transformações técnicas, organizacionais e administrativas que não permanecem mais ligadas a questões energéticas, como acontecia na sociedade industrial, mas agora se guiam pela facilidade e baixo custo da informação, fornecidos pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações. Já em Jean Lojkine (2002, p.38) encontramos a ideia de que a revolução informacional não se reduz apenas as potencialidades sociais geradas pelo avanço da microeletrônica, mas também reside em um novo conjunto de formas de informação a qual ela mobiliza, claramente nos circuitos de inovação de empresas e nas redes que vinculam as indústrias, serviços e pesquisa científica.

Seguindo a mesma linha de pensamento o de Lojkine (2002), observa Isabel Crespo (2006, p.1) que com o surgimento da Internet e sua rápida expansão, profundas alterações ocorreram no modo de organizar a sociedade, já que as novas bases tecnológicas, as distâncias diminuíram, assim como o tempo despendido para realização de algumas tarefas. A possibilidade desta rápida comunicação e a-territorial é o que promove o estabelecimento da *Cibercultura*. Já Manuel de Castells (2003, p. 7), compara que esta mudança social se deu quando a informação passou a ocupar posição estratégica no novo contexto social, sendo hoje o que na Era Industrial foi à eletricidade, seguindo a mesma ideia de Jorge Werthein (2000). Segundo Castells (2003, p.7) a Internet pode ser comparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, devido a sua capacidade de distribuição de força da informação por todos os domínios da atividade humana. A velocidade com que circulam as informações influi na política, nas relações pessoais, na economia, no lazer e nas relações de trabalho.

No mesmo sentido André Lemos (2010, p.33), destaca que o desenvolvimento do ciberespaço já suscitou novas práticas publicas. O autor descreve a passagem do governo para o meio eletrônico e a reforma que isto implicaria, tendo por objetivo reforçar as capacidades de ação das populações administrativas ao invés de sujeita-las ao poder. No Brasil a “*Sociedade da Informação*” é um objetivo a ser alcançado, a exemplo disso temos a publicação do *Livro Sociedade da Informação no Brasil – o Livro Verde*<sup>91</sup>, formulado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia que tem como metas: ampliação do acesso, meios de conectividade, formação de recursos humanos, incentivo à pesquisa e desenvolvimento,

---

<sup>91</sup>Disponibilizado em : <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18878.html> Acessado em 08 de julho de 2013.

comércio eletrônico, desenvolvimento de novas aplicações. “*Esta meta é um desafio para o Governo e para a sociedade*” segundo palavras do Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg, publicadas no livro.

Para Marc Bloch, o desejo pela informação e o compartilhamento dela ocasionaria um grande avanço na civilização: “*Nossa civilização terá realizado um grande progresso no dia em que a dissimulação, erigida em método de ação e quase em virtude burguesa, ceder lugar ao gosto pela informação, isto é, necessariamente, pelas trocas de informações.*” (2002, P. 86). Ao refletir desta forma Bloch estava pensando sobre as dificuldades encontradas pelos historiadores com as fontes e testemunhos em sua época. Em verdade, hoje estas dificuldades não diminuíram, mas muitas se enfraqueceram com o surgimento das novas tecnologias comunicação, as limitações de hoje já não são as mesmas da época de Bloch.

O exemplo disso, temos o relato do professor português Armando Malheiro da Silva<sup>92</sup> que nos diz que a criação de um arquivo está diretamente ligada às estruturas governamentais e aos centros de poder. Portanto o acesso aos documentos era permitido apenas aos privilegiados ou a pessoas intimamente ligadas as classes dominantes. Um alerta feito por Armando Malheiro da Silva é que ainda hoje mesmo com a lei de acesso a informação, muitas entidades governamentais continuam mantedoras do formato original privilegiando a informação a alguns grupos. A utilização da Internet não acaba com este tipo de privilégio velado, entretanto ela proporciona algum nível de desburocratização na solicitação da informação. Temos como exemplo aqui no Brasil o recém-criado Portal da Transparência<sup>93</sup> que tem por objetivo divulgar diversas informações, principalmente sobre os gastos governamentais. A restrição a certas informações continuará sempre existindo e será dificultada quando assim for desejado pela instituição mantedora, infelizmente não é algo que estaremos imunes ou que a internet tenderá a dar fim, mas hoje assistimos uma pequena porem notável minimização destas restrições. A própria Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011 que define no seu artigo 24 o prazo de guarda de documentos considerados sigilosos, foi alterada com a diminuição do prazo de guarda em cinco anos cada classificação restrita e o fim da classificação confidencial, o documento se tornará ostensivo, isto é, de acesso público,

---

<sup>92</sup> Apud. CANDIDA, Roselene. Aula 1: Organização de Arquivos; Teoria das Três Idades. Diagnósticos. Gestão de Documentos.

<sup>93</sup> Disponível em : <http://www.portaltransparencia.gov.br/> acessado em 08 de julho de 2013.



automaticamente após o cumprimento do prazo de sigilo, ponto fim ao definido pela lei anterior que previa uma renovação automática dos documentos ultrassecretos. Abaixo podemos ver o artigo 24 em sua literalidade.

Art. 24. A informação em poder dos órgãos e entidades públicas, observado o seu teor e em razão de sua imprescindibilidade à segurança da sociedade ou do Estado, poderá ser classificada como ultrassecreta, secreta ou reservada.

§ 1º Os prazos máximos de restrição de acesso à informação, conforme a classificação prevista no **caput**, vigoram a partir da data de sua produção e são os seguintes:

I - ultrassecreta: 25 (vinte e cinco) anos;

II - secreta: 15 (quinze) anos; e

III - reservada: 5 (cinco) anos.

(LEI Nº 12.527, de 18 de novembro de 2011)

A preservação de alguns documentos considerados históricos é lei, e possui um método apresentado como eficaz para evitar descartes errôneos. Em arquivologia se desenvolveu a Teoria das Três Idades<sup>94</sup> e a Tabela de Temporalidade para lidar com os arquivos, para ver detalhes sobre descarte e preservação de documentos consultarem a tabela disponibilizada pelo CONARQ<sup>95</sup> no sítio eletrônico < [http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/resolucao\\_14.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/resolucao_14.pdf) >. Abaixo temos uma tabela resumida:

---

<sup>94</sup> Teoria das Três Idades: Documento de 1ª Idade está diretamente ligado a finalidade com que foi produzido, é restrito aos seus produtores. Documento de 2ª idade são documentos que aguardam sua destinação final que pode ser transferência para a guarda permanente ou o descarte, possui valor primário isto é apenas aos seus órgão produtores, possui acesso restrito a quem produziu o documento. Documento de 3ª Idade, são os arquivos permanentes, que possuem valor secundário isto é Histórico.

<sup>95</sup> CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos – Resolução 14 < [http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/resolucao\\_14.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/resolucao_14.pdf) >

**Tabela 4 - TTD- Tabela de Temporalidade dos documentos.**

ASSUNTO:	PRAZO DE GUARDA		
	FASE CORRENTE	FASE INTERMEDIÁRIA	FASE PERMANENTE
024.144 – Pensão alimentícia	5 anos	95 anos	Eliminar
024.151 FGTS	5 anos	47 anos	Eliminar
025.153– Contribuição sindical do empregador	7 anos	-	Eliminar
029.6-Ações Trabalhistas	Até o transito em julgado	5 anos	Guarda permanente
030.1 Cadastro de Fornecedores	5 anos	-	Eliminação
041.12 Conta de Gás	Até a aprovação das contas	5	Eliminação

Segundo Bloch (2002, p.74) a variedade de testemunhos históricos é imensa, e tudo relacionado ao homem pode nos informar sobre ele, mesmo que em uma primeira percepção o objetivo do homem ao deixar pistas não tenha sido o de informar sobre sua história, vida e tempo. Em história o aprendizado que ao longo do tempo se tornou básico e muito mais do que essencial, é ler através das linhas, entender aquilo que não foi dito explicitamente, mas mesmo assim ali está registrado. A preservação e compartilhamento destes testemunhos, na época de Bloch se mostrava problemática em diversas formas, dentre elas estavam os conflitos e guerras que terminavam por destruir muitos documentos, o acesso restrito a outros, a falta de preservação e de bom condicionamento, além de um modo de pesquisa ineficaz. O historiador poderia se perder no meio de sua busca, para isso Bloch assinala a importância de possuir um objeto bem definido.

Atualmente, podemos concluir que a falta de informações e documentações não é um dos maiores problemas dos pesquisadores, mas talvez o seu excesso, entretanto está diferença entre excesso e escassez irá depender do tema pesquisado e da época em análise. Se

o gosto da civilização pela informação para Bloch se mostrava um ponto positivo, hoje ao atingi-lo podemos enxergar alguns reveses. Portanto, tanto para a escassez quanto para a abundância a contribuição de Bloch mostra-se essencial, pois em ambos os casos é preciso manter um objeto bem definido para se realizar uma boa pesquisa.

Ao se propor a larga utilização da Internet como fonte e ferramenta de pesquisa histórica tem como contrapartida o alerta à necessidade do desenvolvimento de um método específico ou de adaptar os métodos já existentes para esta ferramenta de auxílio a história, pois o fato de não haver um modelo ou não dar-lhe a devida importância não significará o seu simples desaparecimento. Seria de uma extrema ingenuidade acreditar que a Internet irá sumir ou que alunos e pesquisadores deixaram de utilizá-la eventualmente. Há a necessidade aqui de uma vigilância, de um cuidado focado para as condições de utilização das técnicas já existentes e suas adequações e condições de emprego na pesquisa virtual.

“A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações.

À frente das obras históricas do gênero sério, o autor em geral coloca uma lista das cotas de arquivos que vasculhou, das coletâneas de que fez uso. Isso é muito bom. Mas não basta. Todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo ou [, caso se prefira], inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: "*Como posso saber o que vou lhes dizer?*" Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentar um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entedia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio” (BLOCH, Marc. 2002,P.83)

### 3.2- A E-Scienc<sup>96</sup> e a E- Research.

Com a Internet obtivemos um aumento na velocidade da transmissão de dados e do fluxo de informações a nível global nas últimas décadas. O avanço da tecnologia e a disseminação de computadores pessoais, smartphones, *tablets* e outras tecnologias, teve como consequência a remodelação da própria forma comunicação. Colocando a todos a frente de uma nova realidade. Segundo Manuel de Castells (2003, p.99), a internet foi apropriada pela prática social, em todos os seus níveis.

Se há algumas décadas atrás dependíamos do serviço de correios, da máquina de escrever, da televisão, telefone fixo e dos vizinhos para mantermos contato, produzir textos e nos manter atualizados do que acontecia pelo mundo, hoje com o simples ato de clicar se realiza uma rápida pesquisa na internet através do celular, computador e etc. temos acesso as redes de notícias mundiais, com as mais variadas interpretações e posições possíveis. É possível se assistir ao mesmo fato de diversos ângulos e com diversas interpretações.

Um fato interessante a se levar em consideração é a existência de televisões estatais em diversos países da América latina, no Oriente Médio e etc., muitas destas TV's servem apenas para reproduzir o conteúdo ideológico e político autorizado governo ou pela autoridade no poder, os meios de comunicação e de informação sempre foram armas para controlar a sociedade em questões de interesse dos mantenedores do poder. Informação é poder. Hoje com a pluralidade de formas de se divulgar uma informação, o ponto positivo que se enxerga é a dificuldade em se encobrir um fato, principalmente se o mesmo for de interesse público. Sempre há hoje alguma câmera ligada e algum celular conectado a rede em segundos o mundo pode saber de um tiroteio ainda em andamento dentro de uma universidade do outro lado do mundo.<sup>97</sup> Hoje ainda com cuidado se pode falar da superação da televisão como principal veículo de informação e de formação de opinião, abordaremos este assunto mais detalhadamente adiante.

---

<sup>96</sup> E-Sciencie ou em português E-ciencia é o termo usado para designar o uso de tecnologias na realização de pesquisas.

<sup>97</sup> Em 22 de Janeiro de 2013 uma aluna de uma faculdade americana relatou em seu micro-blog um tiroteio em seu campi, a reportagem saiu em diversas televisões e jornais eletrônicos quase em tempo real. <http://colunas.revistaepoca.globo.com/bombounaweb/2013/01/23/no-twitter-estudante-narra-tiroteio-em-faculdade-americana-em-tempo-real/>

A facilidade da troca de informações atualmente pode ser e é muito bem utilizada por diversos grupos de pesquisas e universidades no mundo inteiro. A rede História a Debate, sediada na Universidade de Santiago na Espanha, tem como proposta um permanente debate acerca da metodologia, historiografia e teoria da história, o grupo recebe apoio de varias outras universidade e de historiadores por todo o mundo que visam o desenvolvimento da história frente aos novos tempos. A internet encurtou distancias e derrubou fronteiras contribuindo para a formação de grupos de pesquisa multi-territoriais, em prol do desenvolvimento de sua pesquisa. Segundo o próprio Grupo História a Debate, as comunidades de historiadores organizados na internet, tem desempenhado um importante papel na formação de novos consensos, sendo a Internet uma importante ferramenta contra a centralização do saber histórico. Não há segundo os historiadores participantes do Grupo História a Debate a ideia de se entender “*globalização historiográfica como um processo unificador, pensamos e fazemos a história, e a história da história, como docentes e investigadores em diversas escalas sobrepostas e interrelacionadas: local, regional, nacional, continental e internacional/global.*”

Inicialmente, segundo Michael Stanton(1998,p.)<sup>98</sup> o uso da rede de comunicação de dados foi na década de 80, através de uma decisão tomada pela da National Science Foundation (NSF) dos EUA, em investir na montagem de redes para atender a comunidade acadêmica e de pesquisa do seu país. As redes que se destacaram foram a BITNET<sup>99</sup> e a NSFNET<sup>100</sup>. No Brasil o reconhecimento do uso redes de computadores também foi reconhecido e diversas instituições como UFRJ, USP e FAPESP, começaram a desenvolver seus próprios projetos inicialmente a nível nacional. Na figura abaixo temos Conexões Usadas para a Rede Nacional em 1991.

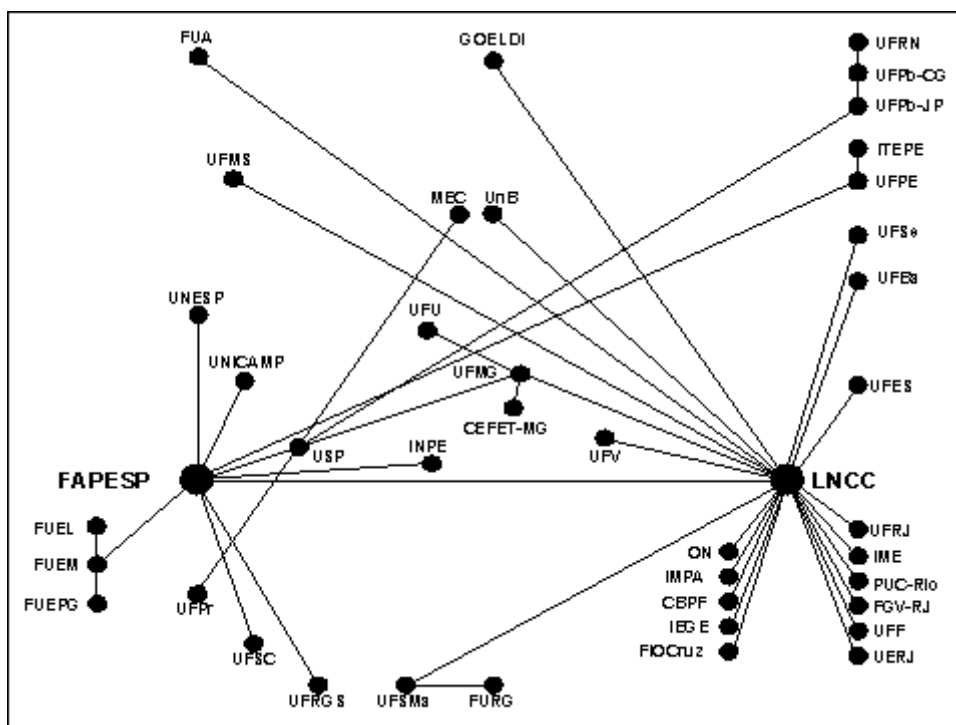
---

<sup>98</sup> STANTON, Michael. **A Evolução das Redes Acadêmicas no Brasil: Parte 1 - da BITNET à Internet.** Boletim bimestral sobre tecnologia de redes produzido e publicado pela RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa 10 de julho de 1998 | volume 2, número 6 ISSN 1518-5974 – artigo adaptado. Disponível em <http://www.rnp.br/newsgen/9806/inter-br.html> acessado em: 31 de maio de 2013

<sup>99</sup> University of Maryland BITNET resource page, <http://www.inform.umd.edu:8080/CompRes/NetInfo/Bitnet/>

<sup>100</sup> "The NSFNET, a network for researchers and learners", <http://www.chaos.com/learn/NSF.html>

**Tabela 5 - Conexões Usadas para a Rede Nacional em 1991<sup>101</sup>**



A Internet se desenvolveu através de necessidades governamentais e bélicas e durante alguns anos assim seguiu. No Brasil, a Secretaria de Política de Informática (SEPIN)<sup>102</sup> do Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação<sup>103</sup> tinha amplos poderes para definir as tecnologias de computação e comunicações a serem usadas na comunidades acadêmica e de pesquisa, já que as mesmas em sua maioria eram financiadas pelo governo. Inicialmente a decisão da SEPIN foi que as soluções OSI/ISO<sup>104</sup> regerariam o campo de comunicação entre computadores, isso porque havia um grande problema de incompatibilidade entre fabricantes e sistemas, esta foi a maneira encontrada para uma possível padronização, a tecnologia da Internet não era considerada ser uma alternativa adequada ao OSI, pois não era gerida por padrões internacionais formais.

<sup>101</sup> STANTON, Michael. **A Evolução das Redes Acadêmicas no Brasil: Parte 1 - da BITNET à Internet**. Boletim bimestral sobre tecnologia de redes produzido e publicado pela RNP – Rede Nacional de Ensino e Pesquisa 10 de julho de 1998 | volume 2, número 6 ISSN 1518-5974 – artigo adaptado. Disponível em <http://www.rnp.br/newsgen/9806/inter-br.html> acessado em: 31 de maio de 2013

<sup>102</sup> Disponível em: < <http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/78952.html> > acessado em 31 de maio de 2013

<sup>103</sup> Disponível em: < <http://www.mct.gov.br/index.php>> acessado em 31 de maio de 2013.

<sup>104</sup> Ver glossário.

Entretanto, já no final da década de 80 a Internet já começava a ganhar força maior do que o OSI/ISO, nos laboratórios do CNPQ varias estações trabalho<sup>105</sup> já disponibilizavam a tecnologia baseada na Internet. Segundo Odilon Caldeira Neto (2009), o numero de usuários da Internet no Brasil passou de 5 mil em 1991, já em 2006 este número passa para 43 milhões, os números atuais indicam que o Brasil possui 52,5 milhões de usuários estes dados são de dezembro de 2012 do IBOPE Media<sup>106</sup>, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e do Japão.

Bartira Bastos e Lúcia J.O.L. da Silva<sup>107</sup> (2005) realizaram um trabalho com objetivo de refletir sobre os impactos do uso da Internet nas rotinas cognitivas e sociais dos investigadores. Segundo as autoras, na “*Sociedade da Informação é essencial analisar o impacto da internet na comunidade que vive da informação para gerar conhecimento, ou seja a comunidade científica.*”

Segundo Bastos e Silva (2005, p.1) alguns aspectos diferenciam os impactos sofridos pela Comunidade Científica dos impactos sofridos pelo o resto da sociedade com a inserção da nova base tecnológica de comunicação e informação. O primeiro dos aspetos de diferenciação é o temporal, já que a Comunidade Científica foi um dos primeiros setores da sociedade a fazer uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC’s. A produção científica envolve de uma forma massiva envolve a comunicação e as trocas de informações, processos estes impactados diretamente pelos avanços tecnológicos, criando um novo ambiente comunicacional e proporcionando a geração de um espaço global de investigação.

Para Bartira Bastos e Lúcia J.O.L. da Silva (2005,p.3) a genealogia do imaginário da comunidade científica cooperante, do acesso global baseado na partilha, se apresenta no ideal definido pelos criadores da internet desde o seu inicio. Esta ideia se evidencia nos dias

---

<sup>105</sup> Entende-se estação de trabalho pelo local onde localiza-se o computador com acesso muitas vezes a internet para a realização de pesquisa e ou trabalhos em geral, esta nomenclatura pode ser aplicada a computadores de uso pessoal.

<sup>106</sup> Dados disponíveis em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/brasil-e-o-terceiro-pais-em-numero-de-usuarios-ativos-na-internet.aspx> acessado em 08 de julho de 2013.

<sup>107</sup> BASTOS, Bartira; SILVA, Lúcia J. O. L. da. Comunidade científica nas malhas da rede: que rotinas cognitivas e sociais estão sendo alteradas pelo uso da Internet no cotidiano da pesquisa? Dimensões para a definição de um padrão de averiguação. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2005. p. 01-15. Disponível em: <[http://www.cinform.ufba.br/vi\\_anais/docs/BartiraBastos.pdf](http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/BartiraBastos.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2009.

atuais quando observamos a banalização da utilização de alguns dos serviços em rede (*e-mails*), por pesquisadores que passam a ter certos recursos como parte de suas rotinas cognitivas e sociais. As autoras listam em seu trabalho os poucos trabalhos científicos encontrados que abordam a utilização da nova base tecnológica pelas comunidades científicas, existe uma ressalva ao se estudar o tema que se baseia na ideia Thomas Kuhn<sup>108</sup>, proposta no livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* (2003) que define comunidade científica, como uma comunidade formada pelos praticantes de uma mesma especialidade científica. Por tanto o estudo analisando impactos na comunidade científica ocasionados pela internet deverá ser feito considerando as particularidades de cada campo científico, mas sem desconsiderar o impacto no geral.

O impacto no campo histórico, podemos já encontrar alguns poucos trabalhos já realizados muitos deles já citados ao longo deste trabalho como os realizados por: Odilon Caldeira Neto, Camila G. Dantas, Fábio Chang de Almeida, Antônio Fernando de Araújo Sá, Edson Armando Silva, José Cláudio Alves de Oliveira, Cristiane Nova e outros.

Lena Vania Ribeiro Pinheiro<sup>109</sup> relata que no Brasil os estudos de comunicação científica em redes eletrônicas deram início nos anos 90 com os trabalhos de dissertação de mestrado de Figueira Netto (1994), tendo como título "A comunicação científica através de redes de computadores: a experiência brasileira" de 1990.

Fora do Brasil este campo já é bem mais explorado como podemos observar nos trabalhos de Peter Denley, "The Computer Revolution and Redefining the Humanities", no trabalho de Charles Dollar, "*Tecnologias da informação digitalizada e pesquisa acadêmica nas ciências sociais e humanas: o papel da crucial da arquivologia*" " de 1994 ou no de

---

<sup>108</sup> Apud. BASTOS, Bartira; SILVA, Lídia J. O. L. da. Comunidade científica nas malhas da rede: que rotinas cognitivas e sociais estão sendo alteradas pelo uso da Internet no cotidiano da pesquisa? Dimensões para a definição de um padrão de averiguação. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2005. p. 01-15. Disponível em: <[http://www.cinform.ufba.br/vi\\_anais/docs/BartiraBastos.pdf](http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/BartiraBastos.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2009.

<sup>109</sup> PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, REBEL, Sandra Lúcia. Redes eletrônicas e seus impactos na comunicação científica pesquisadores brasileiros. In: **Anais**. Encontro Nacional de Pesquisas em Ciência da Informação, V, 10 a 14 novembro de 2003. Belo Horizonte, 13 de novembro de 2003. 20p. Disponível em CD-ROM e na Internet: <http://www.rhodeseventos.com.br/enancib/enancib.html>



Kelly Schrum “ *Making History on the Web Matter in your Classroom*” de 2008. São apenas alguns pequenos exemplos do que já vem sendo produzido por pesquisadores pelo mundo.

Segundo Marc Bloch (2002, p.77): “*A ferramenta [ , decerto,] não faz a ciência. Mas uma sociedade que pretende respeitar as ciências não deveria se desinteressar de suas ferramentas.*” A problematização da ferramenta e do próprio campo histórico é necessária.

Segundo Crespo (2006, p.2), o acesso a informações é um das ferramentas que pode contribuir diretamente com a formação de uma cultura científica, ou acultura científica básica, a capacidade para compreender o que se lê com o intuito de realizar determinadas funções na sociedade. O dever do historiador está em processar este mundo de informações que hoje cerca e obceca toda a sociedade.

A E-Science é um dos resultados destas reflexões, o termo foi cunhado segundo Camila Mantovani e Maria Moura<sup>110</sup> (2009,p.1) para indicar o uso de tecnologias na realização de pesquisas, estas pesquisas caracterizavam-se pela amoldamento de um ambiente colaborativo, disposto em rede, e que realizava um intensivo uso de tecnologias computacionais de processamento, armazenamento e transmissão remota de grandes quantidades de dados. A questão da E-Science não é apenas uma questão computacional, não é somente uma questão de estrutura, mas sim também da natureza pratica por ela potencializada. A produção do conhecimento científico mesmo que modificado em certos aspectos pelas TIC's continua a carregar suas particularidades referentes a cada área de pesquisa, seus métodos, teorias e paradigmas. O que há de comum em todas estas áreas é que com as TIC's ocorreram uma multiplicação de possibilidades de acesso as informações e recursos como afirma Mantovani e Moura (2009, p.2), no campo histórico estas novas possibilidades representaram desde uma comunicação mais eficiente entre pesquisadores e instituições de pesquisas, a acesso a fontes distantes de seus territórios nacionais e a ampliação de um novo tipo de fonte, aquelas produzidas diretamente pelo uso da internet. O uso desta tecnologia como ferramenta metodológica para confecção de pesquisas transforma o fazer científico.

Mantovani e Moura (2009, p.2), afirmam que a “*produção de conhecimento científico, em contextos digitais, não é uma questão puramente tecnológica, nem se refere*

---

<sup>110</sup> MANTOVANI, Camila ; MOURA, M. A. . Pesquisa Científica em Rede: Novas Mediações, práticas discursivas e atores sociais. In: Foro ibero-americano de comunicação e divulgação científica, 2009, Campinas. Atas do Foro/Actas del Foro, 2009.

*exclusivamente ao papel dos sujeitos nos ambientes digitais de produção de conhecimento, mas vincula-se à especificidade cultural e histórica da produção do conhecimento em novos contextos mediados tecnologicamente.*” O termo E- Research surgiu justamente desta necessidade de agregar não somente a análise das mudanças ferramentais mas também na prática e metodológica e epistemológica, na tentativa de se avaliar a possibilidade de conjecturar as alterações ocorridas na produção de conhecimento.

A adoção do termo E- Research, segundo Mantovani e Moura (2009,p.2) abrange pesquisas realizadas nas Ciências Sociais e Humanas, que mesmo sem lidar diretamente com a estrutura computacional por elas são atingidas. A demonstração disto se dá pelos investimentos e iniciativas nas áreas de digitalização, como já abordado anteriormente. Wouters (2006) apud Mantovani e Moura (2009, p.3) muitas áreas de pesquisa foram transformadas intensamente pela utilização das técnicas analíticas e mudanças relacionadas aos paradigmas de pesquisa. “Enquanto isso, questões sistemáticas e críticas a respeito do potencial das metodologias e dos paradigmas da e-research para as humanidades e as ciências sociais são dificultadas pelas fronteiras entre os campos disciplinares, por uma relativa falta de recursos e infraestruturas de investigação, e pela predominância de abordagens computacionais no universo da e-Science.”

Mantovani e Moura (2009, p.7) citam um estudo desenvolvido em Amsterdã, na Holanda, pelo programa de pesquisa *Virtual Knowledge Studio for Humanities and Social Sciences (VKS)*, o objetivo deste grupo é prestar suporte para pesquisadores nas áreas de Ciências Sociais e Humanas na concepção de novas praticas de pesquisa e na reflexão cultivada em torno da e- Research, a partir de seus campos de ciência.

## **CAPITULO 4 – CIBERHISTÓRIA: AS NOVAS PRATICAS.**

### **4.1- História Virtual**

Em um colóquio realizado na Universidade Federal de Campina Grande em 2008 o professor Jose D’ Assunção Barros debateu sobre *A Expansão da História*, e propôs a História Virtual como uma das possibilidades de estudo historiográfico para o Campo Histórico. Barros (2008, p.17) entende que há um vasto conjunto de possibilidades para esta modalidade de História que se definiria pelo uso de ferramentas diretamente ligadas a informática e a internet, entretanto como já tratamos aqui ao falar de E- Research, não se trata

apenas do estudo estrutural das ferramentas, mas também um estudo que abordaria a escrita e a análise dos discursos produzidos após a inserção da nova base tecnológica. Segundo Barros (2008), [...] *“uma possibilidade que poderia ser tomada a cargo por historiadores. Trata-se de um Projeto que poderia se encaixar dentro de uma espécie de História Virtual Multi-Autoral.”* A ideia proposta por Barros (2008), seria a criação de uma Enciclopédia Historiográfica Virtual, que acesso restrito apenas a autores os historiadores que comprovassem sua formação ou conhecimento historiográfico, para validarem o discurso a ser reproduzido. Nesta concepção vários historiadores poderiam produzir e reproduzir em conjunto ou individualmente temas históricos. Essa Enciclopédia Historiográfica Virtual poderia ser acessada por todos os usuários da internet, fornecendo assim uma fonte segura e eficaz de reprodução e compartilhamento do conhecimento histórico.

Como já mencionado aqui anteriormente a defesa de um Campo voltado para o estudo de uma História Virtual também é defendido por José Cláudio Alves de Oliveira (1998,p.3)<sup>111</sup> ao analisar que a aplicação da computação ao estudo da História, não terá um efeito temporário e não pode ser considerada simplesmente uma nova metodologia, mas deve ser considerada sim como uma nova área de conhecimento, que segundo o autor possui uma epistemologia própria e um objeto de conhecimento específico, veremos um pouco mais deste objeto de conhecimento mais adiante. Segundo Oliveira (1998,p.3) a ciberhistória é tornada possível, através da cibercultura, que é um conjunto de técnicas materiais, intelectuais, de prática, valores e pensamentos, que tem como objetivo final a coletividade, no campo das ciências está ideia abarca a proposta dos historiadores, quando se separa do preconceito tecnológico e adota as formas hipertextuais digitais como importantes ferramentas para a investigação. Mas a ciberhistória e a História Virtual, não se resumem apenas a isto, a cibercultura redefine pontos chaves na história que são debatidos a séculos como as questões relacionadas a Memória.

Camila G. Dantas<sup>112</sup> aborda que a memória vem sendo objeto de iniciativas governamentais e também de organizações privadas. Ambas as movimentações podem ser observadas nas comemorações e feriados nacionais, quanto em documentários e filmes produzidos com cunho histórico. Na Internet este movimento não é tão diferente existem

---

<sup>111</sup> OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. **Ciberhistória**. Revista Museu. Disponível em: [http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=6752](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=6752) acessado em: 2 de maio de 2013

<sup>112</sup> DANTAS, Camila G. **O Passado em bits: Questões sobre a reelaboração da memória social na Internet**. In: Anais do VI CINFOM (Encontro Nacional de Ciência da Informação). Salvador – Bahia, 2005.

muitos sítios eletrônicos oficiais destinados a “preservação” e “divulgação” desta memória. São instituições como a Biblioteca Nacional Digital<sup>113</sup>, Banco de Imagens do Estado de São Paulo<sup>114</sup>, Domínio Público<sup>115</sup>, dentre muitos outros. O artigo proposto por Dantas (2005,p.4) ela propõe pensar sobre a reelaboração da memória social na internet. Inicialmente há a necessidade de esclarecer sobre o que aqui é entendido como memória pela autora, o termo pode ser utilizado em dois formatos: “memória coletiva” e a “história produzida profissionalmente”, mas sem hierarquias entre ambos, ou valorações distintas, os termos não são antíteses.

No artigo Dantas (2005, p.6), opta pela utilização do termo “memória social”, em detrimento do termo “memória coletiva”, pois este estaria associado a um tipo de ideologia já bastante trabalhado e restrito para ser utilizado em sua análise. Dantas (2005, p.10) nós diz que repensar este tema não implica em abandonar as questões abordadas no estudo de história da memória, questões estas como a construção de identidades e as tensões existentes entre indivíduos e grupos na construção de memórias sociais.

“Não podemos esquecer também que as novas tecnologias podem viabilizar o sonho da existência de uma grande memória virtual que, à semelhança da utópica Enciclopédia, possa reter todos os conhecimentos e informações produzidas pelo espírito humano em todas as épocas.” SÁ, Antônio Fernando de A. (2008,p.3)

O que deve ser feito agora é enxergar os mesmos conceitos com uma nova ótica, a ótica digital. Não é desfazer o que foi feito, mas sim observar o que está mudando, temos de entender as continuidades e permanências neste campo e em outros campos, mas também devemos nos ater ao que está surgindo de novo que ainda não foi investigado. Estudamos como historiadores os homens e os homens estão mudando, não propomos a mudança total do estudo, mas sim uma readaptação para podermos acompanhar a mudança da sociedade, e enxergar as suas novas áreas de atuação, pois como historiadores estudamos segundo Bloch os homens no tempo, e este tempo está se tornando cada dia mais veloz e se enchendo de novas possibilidades. Possibilidades estas que não podemos negligenciar.

---

<sup>113</sup> Disponível em: <http://bndigital.bn.br/> acessado em: 10 de julho de 2013

<sup>114</sup> Disponível em: <http://www.fcvb-sp.org.br/bancodeimagens/> acessado em: 10 de julho de 2013

<sup>115</sup> Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp> acessado em: 10 de julho de 2013

Muniz Sodré (2009,p.232)<sup>116</sup> diz que a Comunicação está situada em uma encruzilhada de disciplinas tradicionais do pensamento sócia, e isto inclui a História. Segundo o autor em sentido estrito, as praticas socioculturais ditas comunicacionais ou midiáticas vêm se instituindo como um campo de ação social correspondente a uma nova forma de vida, que ele propõe chamar de *bios midiático*. Ele alerta para as diversas abordagens teóricas que vem erroneamente confundindo a realidade midiática com a realidade sócio-histórica, tradicionalmente tida como objeto teórico pelas disciplinas do campo humano e social. Sodré (2009 p.236) afirma que é “*O campo computacional onde se evidenciam novas estratégias de gestão da vida social e onde o ator não é mais o “performer” do “teatro” social, como na sociologia clássica, e sim de uma maquina semiótica simuladora do mundo, oferece-se como plataforma para um novo tipo de reflexão sobre o homem e sobre a organização social.*” Segundo Sodré (2009, p.240) este é um momento histórico em que as ciências da natureza se indagam sobre seu próprio sentido e as ciências humanas repensam seu papel e as suas perspectivas.

“Para inserir a ciência da comunicação numa perspectiva histórica, capaz de levar a um posicionamento ativo sobre a complexidade das novas relações humanas e sociais, “temos de inventar um sistema conceitual novo, que ponha em causa os resultados de observação mais cuidadosamente obtidos ou com eles entre em conflito, que frustre os mais plausíveis teóricos e que introduza percepções que não integrem o existente mundo perceptível.” CABRAL, M. S. A (2009, P.241)

#### **4.2- Os Testemunhos Da Era Moderna: Blogs, Redes Sociais, Vlogs, Manifestos Virtuais, Guerras Virtuais.**

Pode-se observar hoje a existência de diversos meios para divulgar uma informação, se a milénios as pessoas estavam restringidas pelos manuscritos, inscrições em pedras, reuniões em praças publicas, a televisão, jornais e revistas, hoje a Internet se tornou em poucos anos o meio mais popular de propagar e compartilhar informações de todo o tipo.

E antes e ainda agora o historiador se debruça sobre um velho diário mofado, com paginas amareladas e partes ausentes, na tentativa de realizar sua pesquisa. O historiador irá, se não já, se debruça sobre os blogs e as redes sociais para saber como as gerações pensam e

---

<sup>116</sup> CABRAL, M. S. A.. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. 4.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

pensaram ao longo do período de disseminação da internet. Não irá se tratar apenas de entender como desenvolveu a sociabilidade após as novas formas de comunicação, mas também irá se analisar como os governos e as empresas tiveram de se adaptar e foram impactadas por algo que se tornou comum à vida de todos.

Com Marc Bloch, aprendemos que os testemunhos podem nos informar muito mais do que foi realmente redigido. E assim devemos manter nosso foco ao analisar estas novas formas de testemunhos.

“Do mesmo modo, até nos testemunhos mais resolutamente voluntários, o que os textos nos dizem expressamente deixou hoje em dia de ser o objeto predileto de nossa atenção. Apegamo-nos geralmente com muito mais ardor ao que ele nos deixa entender, sem haver pretendido dizê-lo.” (BLOCH, Marc 2007, p.79)

Hoje há uma redefinição das noções de privacidade. Se antes os diários eram escondidos e chaveados, hoje estão expostos de forma livre na rede, não é uma regra geral, entretanto existem. São diários que contam desde o cotidiano de uma pessoa comum ou até mesmo de algum famoso, e famoso hoje é algo também redefinido, se pode ser famoso apenas na internet<sup>117</sup>. Os blogs podem ser definidos com uma espécie de diário *online*, onde pessoas compartilham todo o tipo de experiência seja o sucesso ou não de uma dieta, comentário político, religioso, intelectuais, uma simples opinião, a qualidade de um produto comprado. Este último configura em uma interessante e nova prática que impacta diretamente a indústria.

Com a facilitação da troca de informações entre pessoas, isto é, entre possíveis clientes, o mercado teve de se adaptar velozmente. A reclamação sobre a qualidade ruim de um produto hoje não fica registrada apenas no S.A.C<sup>118</sup> das lojas e fabricantes ou no PROCON<sup>119</sup>, mas fica registrada em toda a rede, com uma simples busca na rede é possível identificar as reclamações ou elogios ao produto ou serviço oferecido. Nas vésperas da páscoa

---

<sup>117</sup> Famosos da Internet: Não existe uma definição oficial para o termo. Aqui se entende como pessoas comuns que ficaram famosas quase de modo instantâneo após publicarem algo na Internet, pode ser um vídeo, um texto, um comentário, uma foto, praticamente qualquer coisa.

<sup>118</sup> Serviço de Atendimento ao Consumidor.

<sup>119</sup> É uma autarquia governamental que possui objetivo fiscalizar a qualidade dos serviços prestados aos consumidores, fiscalizando também a aplicação das leis que regulamentam o mercado <http://www.procon.rj.gov.br/> acessado em 10 de julho de 2013.

esse ano, uma das épocas de maior lucro das fabricantes de chocolate, uma consumidora publicou enviou fotos de um bombom contaminado por um verme<sup>120</sup> a um site de notícias. Na notícia a cliente afirma ter tentado contato com o S.A.C da fabricante do bombom, mas devido ao tempo de espera desistiu e enviou as fotos ao site. A fabricante ao ser contatada pelo site de notícias enviou uma resposta rápida informando que investigaria o caso. Toda esta situação aqui descrita hoje pode nos parecer comum e cotidiana, mas não nos deixemos tomar pela mesma falta de visão que Edward Hallet Carr<sup>121</sup> em 1961, ao delimitar alguns fatos como relevantes para história e outros ou não.

“É o historiador quem decide por suas razões que o fato de César atravessar aquele pequeno riacho, o Rubicão, é um fato da história, ao passo que a travessia do Rubicão, por milhões de outras pessoas antes ou desde então não interessa a ninguém em absoluto. O fato de você ter chegado neste edifício meia hora atrás a pé, ou de bicicleta, ou de carro, é exatamente tanto um fato do passado quanto o fato de César ter atravessado o Rubicão. Mas provavelmente será ignorado pelos historiadores.” CARR, Edward Hallet (1982, P.47)

Hoje podemos ver que Carr, não pensou no estudo da História Demográfica, focada na análise do fluxo migratório de pessoas e seu comportamento populacional. Não há a pretensão de se prever o futuro, mas com os anos vemos que fatos se tornam mais ou menos interessantes de acordo com a abordagem do historiador e seu interesse em interpretá-los, mas esta ação não desqualifica nenhuma informação.

Manuel de Castells (2003, p.143), trata da questão da privacidade com outra abordagem, segundo o autor o entusiasmo trazido pela internet foi tamanho que houve um esquecimento sobre as práticas autoritárias de vigilância no local de trabalho. A dependência de alguns trabalhadores se não sua maioria por uma interconexão por computador em sua atividade, foi tomada a decisão por empresas da necessidade de se monitorar como a rede vinha sendo utilizada nos horários de trabalho. Uma pesquisa citada por Castells (2003, p.143) afirma que 73,5% das indústrias nos Estados Unidos exercem algum tipo de vigilância

---

<sup>120</sup> Notícia disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/vc-no-g1-rj/noticia/2013/03/leitorea-fotografa-larvas-em-tres-bombons-serenata-de-amor-no-rio.html> acessado em 10 de julho de 2013.

<sup>121</sup> CARR, Edward Hallett. **Que é História?** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

sobre o uso da Internet por seus trabalhadores. O uso improprio da Internet por empregados foi considerado por algumas empresas motivo para demissões.

Outro problema relacionado a questões de privacidade se encontra no campo econômico, onde a WEB 2.0<sup>122</sup> demonstra poder. Com o aumento do comercio eletrônico uma nova forma de marketing começou a ser desenvolvida, e informações de usuários, como preferencias e buscas passam a ser armazenados e vendidos. Segundo Castells (2003, p.143) 92% dos sites americanos coletam dados pessoais de seus usuários e os processam segundos seus interesses pessoais. Quando confrontados sobre a proteção de seus consumidores, os sites alegaram que basta o usuário não “clique” na oferta para não ter seus dados coletados. Ao “clique” renuncia-se ao direito a proteção de dados pessoais e estes passam a ser legitimamente propriedade das firmas de Internet e seus clientes. Todos já passaram pela experiência de buscar algo, consultar preço em uma loja, e ao visitar outro site, ou simplesmente acessar sua conta de e-mail ser inundado por ofertas, descontos e etc; sobre o produto anteriormente consultado, isto é a WEB 2.0 funcionando.

Os governos também desenvolvem sua forma de vigilância, em um combinado segundo Castells (2003, p.145), de desajeitados métodos tradicionais, com novas tecnologias.

Manuel de Castells (2003, p.146), diz que no ano de 2000 os governos começaram a se preocupar com o chamado “cibercrime”. Castells nos lembra de que a soberania dos Estados sempre esteve intimamente ligada ao controle de informações. Entretanto formular uma pratica que regule, vigie, puna e controle os usos da Internet exigiria um esforço mundial e o compartilhamento de informações entre as nações, algo ainda hoje pouco desejado.

Apesar de assistir hoje cada vez mais a exposição do homem no meio da Internet, não são todos que gostam ou tem interesse nesta exposição, no Brasil novas leis foram criadas para combater crimes virtuais, exemplo a Lei Carolina Dieckmann, junto também tivemos a criação de delegacias especializadas neste tipo de crime, no Rio de Janeiro temos a Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DRCI), localizada no bairro Cidade Nova. Apesar de não ser uma lei mundial e nem poder prever punições fora do país é um importante passo a ser dado para o inicio de uma regulamentação em algo que nasceu para não ser controlado.

---

<sup>122</sup> C.f: <http://www.tecmundo.com.br/web/183-o-que-e-web-2-0-.htm> Acessado em: 16 de agosto de 2013. Tecmundo é uma revista eletrônica produzida pelo famoso site de downloads Baixaki em parceria com o Terra, a revista tem como proposta debater vários assuntos relacionados a tecnologia, internet e downloads, além de avaliação de softwares e etc.



Outras redefinições vieram também na forma de reivindicar direitos ou defender ideologias. As redes sociais se tornaram muito mais do que uma nova forma de se “conectar” com as pessoas, mas também de compartilhar as ideologias de um grupo ou até mesmo individuais.

Diante do exposto, Castells (2003, p. 114) alerta que as sociedades mudam através de conflitos que são administrados por políticos. Entretanto uma vez que a Internet está se tornando um meio essencial de comunicação e organização em todas as esferas de atividade, é evidente que também os movimentos sociais e o processo político que a utilizam no cotidiano passem, a utilizaram cada vez mais como um instrumento para atuar, informar, recrutar, organizar etc.

O impacto dos movimentos e reivindicações em rede poderia passar despercebido até junho do ano de 2013, aqui no Brasil. Onde diversas manifestações tomaram as principais cidades e ganharam adeptos pelo mundo, estas manifestações mobilizaram até mesmo o governo a monitorar as atividades na Internet, já que através dela que muitas pessoas foram convocadas a participar dos movimentos<sup>123</sup>.

**Figura 5 - O cartaz que circulou a internet faz alusão a ideia de inercia dos jovens do século XXI, que gastam horas em redes sociais, até então tido como preguiçosos.<sup>124</sup>**

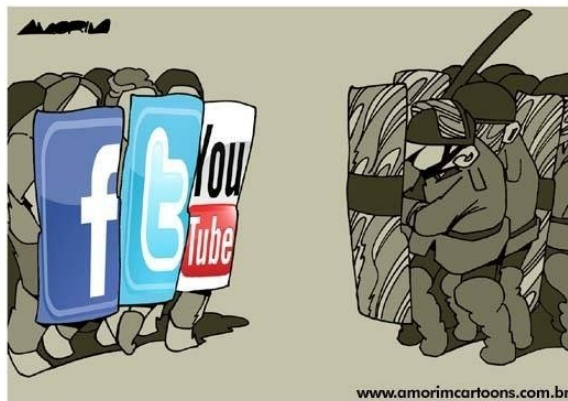


<sup>123</sup> Notícias sobre tecnologia do porta Terra, circulam diversas notícias na internet sobre o monitoramento da rede pelo exercito e policia disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/internet/governo-monta-operacao-para-monitorar-a-internet-durante-protestos,c99d02e3ee16f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> Acessado em 10 de julho de 2013.

<sup>124</sup> Disponível em: <http://www.intrinseca.com.br/site/2013/06/o-efeito-facebook/saimos-do-facebook/> - acessado em 10 de julho de 2013.

Se antes da disseminação da internet, celulares e etc; dependia-se do boca-a-boca, dos sindicatos, jornais, revistas e da televisão para haver a organização de um movimento social ,hoje existe a possibilidade de torna-lo real sem a mediação destes veículos. Abaixo charges que representaram a participação das redes sociais e micro-blogs nas manifestações em detrimento das mídias tradicionais como a televisão.

**Figura 6- Charge de Carlos Amorim – A charge ilustra o nascimento dos movimentos nas redes sociais, utilizadas como “armas” contra a dominação e repressão do Estado.**



**Figura 7- Autor desconhecido – A charge ilustra a derrota da mídia televisiva para a comunicação realizada pelas redes sociais.**



Neste movimento podemos observar alguns comportamentos aqui já citados como a fragilidade do Estado em acompanhar com velocidade acontecimentos na Internet. O governo brasileiro após concluir que as manifestações se fundamentavam em organizações realizadas na Internet, teve de rapidamente montar um esquema de monitoramento das redes

sociais, na tentativa de dimensionar os protestos, motivações e possível envolvimento de partidos políticos e financiamentos.<sup>125</sup>

Em contra partida as atitudes do governo, a participação de grupos hacker, nas palavras de Manuel de Castells (2003,p. 38), a cultura hacker é um conjunto de valores e crenças que emergiram das redes de programadores de computador que interagiam online em torno de projetos coletivos. A ideologia suprema nesta cultura é a da liberdade, na cultura hacker há um sentimento comunitário, que se baseia na integração ativa da comunidade, que se estrutura em torno de costumes e princípios de organização social informal. A autoridade só é reconhecida neste meio quando baseada na excelência tecnológica e em contribuições para a comunidade, isto é, segundo Castells (2003,p. 43) a comunidade somente aceita a hierarquia da excelência e da superioridade somente na medida em que essa autoridade é exercida para o bem-estar da comunidade como um todo. A Internet é a base desta cultura organizacional, ela é global e virtual. Sendo assim não é incomum a participação de grupos ativistas hackers em movimento sociais.

A Internet permite devido a sua vulnerabilidade tecnológica, de acordo com Castells (2003,p.115) expressões de protestos individuais e coletivas, a intervenção feita em *websites* , por manifestantes é comum, redes do governo, de empresas viram alvo de ciberataques, quando estas instituições são vistas como opressoras ou exploradoras. Neste sentido temos os “protestos hacker-ativistas”, que variam desde uma sabotagem individual à invasão de sites de organizações militares, políticas ou midiáticas até a agencias financeiras. Nos protestos ocorridos em junho de 2013 no Brasil, tivemos um exemplo deste tipo de ativismo quando o Twitter da revista *Veja*<sup>126</sup>, foi invadido pelo grupo hacker conhecido em todo o mundo e principalmente nos Estados Unidos como Anonymous. Este grupo teve atuação direta nos protestos nos Estados Unidos, quando o congresso decidiu votar dois projetos de lei SOPA - Stop Online Piracy Act e PIPA- Protect IP Act<sup>127</sup>, ambos os projetos de lei tem por objetivo diminuir a pirataria na Internet e punir qualquer site que facilite esse

---

<sup>125</sup> Reportagem completa disponível em: <http://tecnologia.terra.com.br/internet/governo-monta-operacao-para-monitorar-a-internet-durante-protestos,c99d02e3ee16f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> acessado em 20 de junho de 2013.

<sup>126</sup> Noticia disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/twitter-da-revista-veja-invadido-por-hackers-8713831> acessado em 17 de junho de 2013.

<sup>127</sup> Noticia disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/entenda-o-projeto-de-lei-dos-eua-que-motiva-protestos-de-sites.html> acessado em 15 de julho de 2013.

tipo de conduta, incluindo o Facebook e o Google. Em represália a atitude do governo americano, vários sites foram invadidos e derrubados<sup>128</sup>, outros contra o projeto propositalmente retiraram temporariamente seus serviços de atividade para apoiar os protestos contra os projetos.

Diante do aqui exposto podemos ter um panorama que falar de uma guerra virtual, nos dias de hoje não seria imaginação, este tipo de conflito pode ter adeptos em todo o mundo, independente de raça, governo ou etnia, basta que as pessoas tenham o mesmo objetivo comum, seguindo uma mesma ideologia a da Liberdade. Surge daí grupos como o Anonymus e os abaixo assinados virtuais (ex. Avazz.org<sup>129</sup>) que se multiplicam velozmente por e-mails e redes sociais ganhando milhares de adeptos.

### 4.3 – O Ensino – Aprendizagem: Novas Práticas.

Segundo Sociedade da Informação no Brasil – Livro Verde desenvolvido pelo Ministério da Ciência e Tecnologia<sup>130</sup>, a educação é um elemento primordial para a construção de uma sociedade baseada na informação, no conhecimento e no aprendizado. Fica claro no livro, que educar em uma sociedade da informação não é apenas qualificar o indivíduo a utilizar as bases tecnológicas existentes e sim formar cidadãos capazes de “*aprender a aprender*”, nesta concepção os indivíduos estariam capacitados a lidar positivamente com o continua e acelerada transformação da base tecnológica.

Carlos Augusto Ferreira Lima<sup>131</sup>, professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, traz um ponto bastante relevante sobre o ensino em nossas Universidades, ao citar o trabalho de Marcos Silva<sup>132</sup>, pois levanta uma questão bem delicada, que muito é velada na universidade, na tentativa de alertar os intelectuais, professores e alunos universitários para o

---

<sup>128</sup> Derrubados entende-se por retirados temporariamente de atividade, devido a um grande número de acessos em tempo simultâneo.

<sup>129</sup> Cf. <http://www.avaaz.org/po/>

<sup>130</sup> **Sociedade da informação no Brasil : livro verde** / organizado por Tadao Takahashi. – Brasília : Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

<sup>131</sup> FERREIRA, C. A. L. **Ensino de História e a incorporação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: uma reflexão**. Revista de História Regional, Departamento de História-UEPG, v. 4, n.2, p. 139-156, 1999

<sup>132</sup> SILVA, Marcos A. da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo, Brasiliense, 1995, pp. 83-84.

fato de que a academia deve ter uma prática diferente da que até então vem sendo desenvolvida.

Enquanto graduados em história têm dificuldades para se assumirem como historiadores, *muitos historiadores que lecionam em universidades não se vêem como professores.* (grifo de FERREIRA). Reforçam o descompromisso do ensino superior com o prazer da história para todos, *deixando de assumir responsabilidades na preparação de seus próprios alunos para ensino e pesquisa, desqualificando-os por não saberem línguas estrangeiras nem técnicas de pesquisa e estudo (em lugar de reconhecerem o aprendizado dessas e outras habilidades como tarefas da universidade)*(grifo nosso). Contribuem, assim, para a reprodução ampliada daquela desqualificação. Na medida em que a escola não é encarada como patrimônio histórico, legitima-se mais a degradação do ensino, com prédios e equipamentos destruídos ou escondidos por outdoors, professores pessimamente remunerados, obrigados a fazer sofridas greves, alunos sem aprender e “altos estudos” apropriados por minorias muito (o)cultas. FERREIRA, C. A. L (1999,p.2), apud, SILVA, Marcos A. da 1995 p. 83-84.

É nesta falta de responsabilidades na preparação de alunos universitários que podemos encontrar um dos motivos para o resultado negativo de muitos trabalhos realizados por alunos universitários ao longo da graduação. Trabalhos estes muitas vezes realizados sem o menor cuidado com normas técnicas básicas de escrita e até mesmo plágios absurdos. A sugestão de uma readequação do ensino superior ao uso da internet é a proposta aqui defendida, pois somente teremos um resultado positivo e mais produtivo da utilização das redes digitais no meio acadêmico, quando estas forem orientadas pelo mesmo, a produção acadêmica é algo demasiadamente sério para deixar de ser analisada. A ausência de uma disciplina acadêmica ou um professor mais didático, isto é, um professor que acima de tudo oriente o aluno em seu percurso acadêmico, um professor que reflita com o aluno sobre o uso da Internet nas pesquisas acadêmicas, terá como resultado enquanto não houver mudança na postura acadêmica em trabalhos pobres, plagiados e insignificantes, consequentes de um mau uso da ferramenta de pesquisa.

Como lembra Muniz Sodré (2009, p. 98) “*Não há dúvida de que essas transformações deverão afetar o próprio estatuto do professor enquanto guia de uma relação*

*interpessoal (e politica) com o estudante. O discurso do mestre é tradicionalmente constituído pela escuta autorizada dos discípulos e legitima-se por uma comunidade de pares, a mestria institucionalizada, que encarna um saber comum, resultante das interpretações “comunitárias” (escolas, instituições, científicas, acadêmicas, igrejas, colégios invisíveis ou especializadas).”*

No capítulo 1, já havíamos dado início ao trabalho do entendimento sobre as novas práticas pedagógicas com a afirmação de Sodré (2009, p.92), segundo o autor, está claro que não há como deixar de perceber o quanto as neotecnologias comunicacionais impactaram, nas últimas décadas do século XX, as formas de transmissão do conhecimento nos diferentes níveis de escolaridade. Segundo Floresvaldo Amaral <sup>133</sup> (2008,p.1), é fundamental a discussão sobre novas metodologias aplicadas na educação para a melhoria na qualidade de ensino.

Muniz Sodré (2009, p.98), afirma que do ponto de vista pedagógico o que é afetado, quando as informações são abundantes e o saber se torna móvel e veloz, com a massificação do uso das mídias tecnológicas é a posição verticalizada do professor como organizador de um espaço disciplinar que se afeta. O professor na disciplina é o detentor da posição de poder na relação pedagógica segundo Sodré (2009, p.98). Na análise de Samuel Bueno (2004, p.146), sobre os grupos de discussão nas redes digitais, o autor afirma que nestas discussões não existe o modelo do professor como detentor do reconhecimento e da qualificação, para a orientação do aprendizado e não há também uma intencionalidade de ensinar, não existe planejamento, existe apenas o trajeto do processo. Na visão de Muniz Sodré (2009, p.98), existe outra forma de aprendizagem esta dominada por uma indisciplina ou até mesmo um caos que é a apreensão ativa da experiência humana, isto é, o que aprendemos no dia a dia com nossos erros e acertos. Samuel Bueno (2004, p.147) também enaltece a importância do interesse pessoal, isto é, a vontade de aprender do indivíduo sobre determinado assunto, segundo Bueno o que motiva os participantes de um grupo de discussão passar horas diante do computador é o prazer que vem coligado ao conhecimento que se adquire na interação via Rede com seus pares.

---

<sup>133</sup> Floresvaldo Amaral. Uso dos recursos de informática nos processos de ensino e pesquisa em História: formação histórica do Colégio Estadual Pato Bragado. 2008. Orientação de outra natureza. (História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, PDE. Orientador: Marcos Nestor Stein. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2390-6.pdf> acessado em 12 de julho de 2013.

O ensino e a aprendizagem estão intimamente correlatos, seja para o aluno quanto para o professor. *“Professor é aquele que aprende duas vezes. O bom professor, como observa o filósofo, “está mais avançado que os seus alunos somente naquilo que tem mais a aprender do que eles, ou seja, fazer aprender”* nos diz Sodré (2009, p.99), segundo o autor a *“aprendizagem não é nunca pura transmissão, e sim uma socialização do saber, portanto, a experiência de uma relação entre indivíduos concretos”* Sodré (2009, p.99), afirma que com a nova ordem sócio cultural, se dá à crise do conhecimento convencional e conseqüentemente o da metacognição<sup>134</sup>, as informações perdem estabilidade e sofrem fragmentação, tornam-se velozes por efeito das neotecnologias. Neste espaço das novas mídias, ausentes de um controle ou regra, assumem segundo Sodré (2009,p.100) as informações formas de persuasão ou da fascinação.

De acordo com Samuel Bueno (2004, p.146), estes dois conceitos - Ensino/ Aprendizagem – são tratados nas teorias Educacionais como um binômio, que transmite a ideia de um vínculo direto entre ambos os conceitos. Com o propósito de entender o ensino – aprendizagem no ambiente digital, Bueno (2004, p.146), propõe desfazer este conceitos trazendo assim a definição de que ensino é o conjunto praticas planejadas previamente e executadas por um agente reconhecido na comunidade e autorizado por ela, com o objetivo de guiar um grupo de pessoas a uma aplicação ou redefinição dos conhecimentos de um determinado domínio. Estas praticas segundo Bueno tem por objetivo a aprendizagem, mas esta não é resultado imediato da aplicação delas. Já aprendizagem nas palavras de Samuel Bueno (2004, p.146) consiste em, *“um conjunto de estratégias intelectuais e heurísticas, sociais e individuais, mobilizadas por uma pessoa ao longo da vida para obter e atualizar seu conhecimento em um determinado domínio.”*

O que mudou segundo Muniz Sodré (2009, p.100) é que a tradicional hierarquização verticalizada do professor e currículos estão sendo progressivamente desestabilizados pela horizontalidade dos fluxos informacionais advindos da tecnologia do tempo provocada pela digitalização dos computadores e nas interfaces analógicas da multimídia. Entretanto mesmo com este desequilíbrio permanece clara o papel do professor como agente motivador e guardião dos modos de compreensão e significação dos saberes

---

<sup>134</sup> O autor esclarece que metacognição, é o saber sobre si mesmo, isto é da infinita flexibilidade do saber.

concretos, segundo Sodré(2009, p. 101) ao se rescindirem “*os exageros individualistas do construtivismo, reafirma-se o importante lugar político, ético ou iniciático do professor – o que pressupõe como imprescindível a sua presença.*” Porém para Sodré (2009,p.101) há a imposição de se repensar o estatuto do professor em função das flutuações características da nova ordem cibernética.

Segundo Floresvaldo Amaral (2008,p.2) as mudanças provocadas pelo acesso rápido às informações impossibilitam o professor de articular todo o processo educacional não podendo se basear apenas no material pedagógico tradicional(livros e apostilas), pensar atualmente existe a necessidade de um novo direcionamento metodológico para o pensamento pedagógico, que considere as novas formas de ensinar a partir também das tecnologias, já presentes em vários setores cotidiano.

Um dos modelos que podemos propor para revisão do papel do professor, em todas os níveis educacionais, mas principalmente no nível universitário, é pensar no professor não como apenas filtro do conhecimento e da informação que tem a necessidade de se adequar ao novo fluxo informacional, aprofundando seu potencial técnico e adequá-lo à cultura hipertextual como propõe Sodré(2009, p. 101), mas sim como um orientador, aquele que irá incentivar e ajudar seus alunos a criarem seus próprios filtros. “*Aprender é mais do que absorver conhecimentos, é ser capaz de pensar criticamente sobre o mundo ao redor*”<sup>135</sup>

Recorrer ao computador para tirar dúvidas, aprofundar uma pesquisa, fazer levantamento bibliográfico e etc. deve ser algo incentivado e ao mesmo tempo orientado pelo professor, não basta dizer ou ridicularizar sites de pesquisa durante as aulas, a exemplo temos a *Wikipedia*<sup>136</sup>, é recorrente a alunos durante a graduação ouvirem que a *Wikipedia* não é confiável ou que qualquer informação ali é irrelevante, por se tratar de uma enciclopédia coletiva e de variadas fontes, mas em verdade poucos professores pararam alguns minutos para analisar a proposta e o site, temos contribuição de muitos especialistas e palavras com enormes definições e rigorosamente referenciadas seja bibliograficamente e ou por links que rapidamente lhe integram a informação original. Muitos professores e pesquisadores poderiam

---

<sup>135</sup> WOOD Jr, T . **A educação pela Arte**. Carta capital, São Paulo, p. 48 - 48, 10 jul. 2013. Disponível em : <http://www.cartacapital.com.br/revista/756/a-educacao-pela-arte-7289.html>. Acessado em 10 de julho de 2013.

<sup>136</sup> Cf. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal) acessado em 12 de julho de 2013.



estar contribuindo para a *Wikipedia* se tornar um ambiente academicamente utilizável, mas a crítica se torna prioridade. É importante ensinar o aluno em que informações confiar.

Todo professor e pesquisador dotado é dotado da experiência empírica necessária para demonstrar o aluno como, quais e onde encontrar fontes digitais passíveis de realização de uma pesquisa acadêmica. Imagine cada professor ao iniciar o semestre acadêmico, acessando a internet e demonstrando aos seus alunos onde encontrar fontes primárias, livros, artigos sobre seus temas de estudo. Um professor de escola, poderia ao ensinar História do Brasil aos seus alunos, acessar o site da Biblioteca Nacional Digital<sup>137</sup> e mostrar aos seus alunos as diversas fontes digitalizadas disponíveis, por exemplo, sobre a Transmigração da Família Real para o Brasil. Aqui fica apenas uma proposta, pensada de maneira otimista e sem considerar as capacidades tecnológicas das instituições e escolas, isto é, acesso a internet, computadores e etc.

Um aspecto relevante trabalhado por Floresvaldo Amaral (2008,p.3), são correntes educacionais divergentes sobre o uso de novas tecnologias no ensino, sendo assim para alguns pesquisadores, o uso de recursos de informática no ensino é prejudicial e deveria ser controlado. Para outros pesquisadores, prejuízo maior acontecerá se seu uso for evitado, na visão otimista estes recursos se apresentam como um caminho para renovação mais que necessária no campo educacional.

“Sempre que uma inovação surge no horizonte dos educadores observamos, de um lado, certo deslumbramento com as possibilidades aventadas, mas, de outro, um clássico ceticismo trazido quer pela decepção acumulada com políticas e propostas educacionais encampadas pelos governos, quer pela acomodação natural às suas funções e o incômodo que as renovações requereriam, pois exigem alterações de espaço-tempo, já ocupados de forma bem estruturada.”  
Floresvaldo Amaral (2008,p.3) apud (GATTI, 1988)

As duas visões pedagógicas existentes segundo Floresvaldo, se dividem da seguinte maneira: A primeira delas defende a escolarização sem o uso de qualquer recurso tecnológico, se baseia no argumento de que o computador forçaria o raciocínio matemático através do uso de uma linguagem de comandos. Segundo Setzer, 2000 apud, Floresvaldo Amaral (2008,p.3) :

---

<sup>137</sup> C.f <http://bndigital.bn.br/> acessado em: 12 de julho de 2013.

Esse uso forçado/formalizado inibe a liberdade da criança e a obriga a se comportar como um adulto. Essa limitação ao longo do tempo estimula uma "rigidez mental", um embotamento da criatividade e da liberdade de experimentar da criança pois o raciocínio matemático antecipado irá privá-la de um desenvolvimento mais global - o prejuízo irá repercutir por toda sua vida. Apenas no momento em que uma criança ou jovem fosse capaz de compreender como o computador funciona e seu intelecto lhe permitisse compreender e provar teoremas matemáticos, é que ele deveria começar a utilizar computadores, por volta dos 16 ou 17 anos de idade. AMARAL(2008,p.3),apud, (SETZER, 2000).

A segunda corrente possui uma visão como já dita anteriormente, otimista. Esta corrente entende o conhecimento como uma construção sócio-interativa. A correlação feita pelo aluno entre o que é aprendido com a realidade que o cerca é o que resulta em conhecimento. Segundo Amaral (2008,p.4) , Paulo Freire era um dos teóricos que defendia esta interação. Em comparação com a realidade a teoria de Freire nos parece a mais adequada, pois na concepção atual cada vez mais cedo as crianças tem contato com a Internet, o computador e outras formas de tecnologia, já não é mais uma questão de decidir quando as crianças estarão aptas a utilizar estas ferramentas, elas hoje já as usam. Assim como os vídeo-games, que tem mesmo que em pequena escala se mostrado como ferramenta em potencial para o aprendizado de língua inglesa.

Segundo o resultado de uma pesquisa, realizada no segundo semestre de 2010, pela AVG Technologies, se constatou que a maioria das crianças aprende a utilizar o computador antes de andar de bicicleta ou amarrar os cadarços, tarefas básicas para a idade de dois a cinco anos, idades pesquisadas. Foram entrevistadas 2,2 mil famílias.<sup>138</sup> Segundo a pesquisa 69% destas crianças conseguem operar o mouse com habilidade contra a apenas 11% que conseguem amarrar os cadarços. Portanto não se trata mais de dizer quando e sim de mostrar como estas crianças podem tirar o melhor proveito deste convívio no seu aprendizado escolar.

O papel do professor é de orientador. O computador se torna um instrumento de mudança da educação, e o professor deve encontrar o lugar dessa ferramenta no processo de ensino e pesquisa, em todos os níveis de ensino, inclusive o universitário. Segundo Amaral

---

<sup>138</sup> Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/8070-criancas-aprendem-a-usar-o-pc-antes-de-atividades-comuns-para-a-idade.htm#ixzz2Z9G07Uek> acessado em 15 de julho de 2013.

(2008, p.6) “A educação deve ser capaz de suprir as necessidades de qualificação do mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, formar um indivíduo mais consciente de sua realidade, aberto às novas possibilidades do mundo moderno e capaz de interagir criticamente na sociedade.”.

No Brasil já temos algumas iniciativas que visam integrar o estudo e pesquisa da história as tecnologias, como exemplo segundo Amaral (2008, p.7), temos o Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, durante os anos 90 onde foi implantada uma linha de pesquisa sobre história e informática. O departamento de História da Universidade Católica da Bahia, seguindo essa ideia, criou uma disciplina específica para o curso que estabelece um treinamento de informática para historiadores.

Os recursos disponíveis ao profissional da história com o uso da Internet é vasto, e em muito aqui já foi exposto sobre essas potencialidades, ao explorá-las o ofício do historiador se torna gradualmente mais flexível, ganha velocidade e facilidade, mas devemos estar atentos para necessidade de se refletir sobre o uso. O historiador novato não conhece as técnicas de arquivologia e nem como fazer uma pesquisa em uma biblioteca sem orientação de um professor ou profissional de arquivo, da mesma forma hoje os historiadores novatos também dependem de uma orientação acadêmica para atividades básicas relativas à pesquisa acadêmica na Internet. As tecnologias disponíveis atualmente demonstram possuir ampla competência para realizar ações que antes dependiam apenas do esforço manual, isto é, deslocar-se ao arquivo, a biblioteca, coletar fontes em instituições e etc. Com a tecnologia o compartilhamento da informação é intensificado, dados e arquivos podem ser oferecidos de maneira mais livre, textos inteiros podem ser remetidos pelas redes de informações, arquivos consultados e conferências eletrônicas podem ser organizados, de acordo com Amaral (2008, p. 11).

Formar um historiador, não é reproduzir o conhecimento, nem teses e ideologia consolidada, não é defender o ponto de vista ensinado pelo professor e sim capacitar o aluno criticamente, estimulá-lo a pensar sua própria teoria, é ajudar ao discente a desenvolver a capacidade de processar judiciosamente as informações e teorias com que irá se deparar, e isto inclui o uso da Internet.

## **CAPITULO 5 – HISTÓRIA JULGAR OU COMPREENDER?**

### **5.1- Confiabilidade: as imposturas da Era Informacional.**

“Se você sabe quais os sites e bancos de dados são confiáveis, você tem acesso ao conhecimento. Mas veja bem: você e eu somos ricos de conhecimento. Podemos aproveitar melhor a internet do que aquele pobre senhor que está comprando salame na feira aí em frente. Nesse sentido, a televisão era útil para o ignorante, porque selecionava a informação de que ele poderia precisar, ainda que informação idiota. ***A internet é perigosa para o ignorante porque não filtra nada para ele. Ela só é boa para quem já conhece – e sabe onde está o conhecimento.*** (grifo nosso). A longo prazo, o resultado pedagógico será dramático. Veremos multidões de ignorantes usando a internet para as mais variadas bobagens: jogos, bate-papos e busca de notícias irrelevantes.”<sup>139</sup>

Como historiadores estamos sempre em busca de fontes que possam nos aproximar da resposta de nossas indagações presentes. Como Marc Bloch (1997, p.96) nos deixou claro, “*De todos os venenos capazes de viciar o testemunho, o mais virulento é a impostura*”, Bloch em seu livro relata diversos documentos que foram falsificados no passado por diversos motivos, incluindo documentos oficiais, um exemplo trabalhado são a data e local de documentos assinados pelo soberano que quando confrontados com os diários de viagem do mesmo, mostram que o soberano se encontrava bem distante do local onde foi assinado o documento. Marc Bloch (1997, p.76) destaca que algumas fontes com a qual nos deparamos não tiveram por objetivo ao serem produzidas esclarecer nossas dúvidas e nem servir de testemunhas de um passado, mas não se deve desconsiderá-las por isso, por tanto o mesmo autor defende não somente encontrar o embuste, mas também investigar seus motivos. Nas palavras de Bloch (1997, p.98) “*Eis portanto a crítica levada a buscar, por trás da impostura, o impostor; ou seja, conforme à própria divisa da história, o homem.*”.

Portanto, se seguirmos a ideia e preocupação de Bloch acerca das imposturas cometidas em documentos de todo o tipo, se tivermos consciência de que tais imposturas consistem no ato mais virulento ao se tratar um documento, podemos imaginar a extensão do impacto de um vírus deste nível nos dias de hoje, onde o mesmo facilmente com o uso da

---

<sup>139</sup> Entrevista de Umberto Eco, publicada no site da Revista Época em 30/12/2011, realizada por Luiz Antonio Giron, disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html> acessado em 17 de julho de 2013.

internet se alastraria por todo o mundo com rapidez, o prejuízo seria inestimavelmente superior ao que já ocorria na época de Bloch. Se a velocidade e as variadas possibilidades de transmissão da informação se mostram até agora como uma das variáveis positivas e até mesmo o grande trunfo da Internet, há outro lado nem um pouco positivo a ser abordado, como vimos anteriormente tudo pode ser rapidamente espalhado inclusive informações fraudulentas. Para o historiador esse tipo de situação pode ser ainda mais perigoso, por isso a necessidade de se definir uma orientação sobre pesquisas históricas na Internet é cada vez mais necessária.

Antônio Joaquim Severino<sup>140</sup> (2007) dedica parte de um de seus capítulos para falar sobre a pesquisa científica na Internet. De acordo com Severino (2007, p.140) pesquisar na Internet implica em lidar com um enorme volume de informações. Pesquisadores da Universidade do Sul da Califórnia estimaram a quantidade de informação que foi produzida entre os anos de 1986 e 2007, chega à soma a de 296 exabytes<sup>141</sup>.<sup>142</sup> Severino (2007, p.140), alerta que para lidar com este grande volume de informações sobre vários assunto e domínios é preciso saber “garimpar”, e principalmente consultar os sites corretos. Mas o que seria um site correto? Um consenso existente entre alguns pesquisadores e teóricos como Severino e os formuladores do Tutorial Intute para historiadores, são os sites mantidos pelas instituições acadêmicas e governamentais, incluindo bibliotecas e acervos digitais regularmente ligados a uma instituição seria de pesquisa, como exemplo o CPDOC e a Biblioteca Nacional Digital. Muitos bancos de testes também são acessíveis pela internet, como a base Minerva mantida pela UFRJ dentre outros. Severino (2007, p. 136), diz que o próprio uso da internet levará o pesquisador a dominar cada vez mais os seus recursos técnicos. Apesar deste aparente consenso vale destacar o alerta de Bloch (1997, p.96) onde fica evidenciado que grandes instituições também podem ser enganadas e por sua vez é possível através delas se disseminar uma documentação falsificada, o Museu do Louvre já foi enganado por falsificações, como exemplo, a tiara dita de Saitafernes que foi vendida ao Louvre como Antiguidade cito-grega, mais tarde veio a ser revelada como uma falsificação.

---

<sup>140</sup> SEVERINO , Antonio Joaquim . Metodologia do trabalho científico. Cortez editora e livraria 23ª Edição - 2007

<sup>141</sup> 1 exabyte equivale a cerca de 1 bilhão de gigabytes.

<sup>142</sup> Cf. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/curiosidade/8567-pesquisadores-estimam-a-quantidade-de-informacao-existente-no-mundo.htm#ixzz2ZFphB2Et> acessado em: 16 de julho de 2007.

Além disso, a alternativa que podemos propor para melhor uso da internet está na troca de experiências entre os estudiosos de história, apesar de como Bloch (1997, p.78) nos lembra em seu livro, não existir um roteiro pré-definido de fontes a serem utilizadas em um trabalho, sabemos hoje qual tipo de fonte é comum ou não utilizar em determinada pesquisa, não cabe aqui limitar, mas sim delinear um possível caminho a ser usado por historiadores em sua produção acadêmica em consonância com o uso da Internet. Isto é, historiadores interessados em Epigrafia e Paleografia não encontrarão muito na Internet sobre seu objeto de interesse.

Delineando mais alguns cuidados que se deve ter ao utilizar a internet como ferramenta ou fonte de sua pesquisa, é ter o seu tema e objetivo bem definido, este fato é importante devido à infinita gama de informações que pode ser encontrada com apenas a digitação de uma única palavra em um *browser*. Quando não encontrar alguma informação na Internet, se deve repensar a sua busca, a palavra que está sendo utilizada nela, nem sempre a informação que queremos aparece de primeira, assim como acontece ao investigarmos nos acervos físicos, na internet às vezes também é preciso escavá-la.

Outra importante observação a ser feita ao se pesquisar um tema na Internet, está na forma como o documento foi escrito, a linguagem e como está disposto. Na universidade aprendemos critérios para o desenvolvimento desde artigos até as teses finais, use estes mesmos critérios e formatos para observar o documento que está trabalhando. Erros de português também podem indicar que a fonte não é muito confiável, mas não se prenda a isto, pois até mesmo grandes livros já publicados contem inúmeros erros de português e concordância. A investigação sobre o autor também deve ser feita, sendo talvez um dos aspectos mais importantes ao encarar uma fonte digital, assim como uma fonte não-digital. A plataforma lattes<sup>143</sup> dispõe de muitos pesquisadores, professores e alunos do campo histórico, procure na plataforma e descubra a qual instituição o autor está ligado, leia sobre suas linhas de pesquisas e trabalhos publicados, além de assim conseguir corroborar a fidedignidade da informação encontrada, pode-se também encontrar outros trabalhos relacionados ao tema da pesquisa.

---

<sup>143</sup> Cf. <http://lattes.cnpq.br/> acessado em 18 de julho de 2013.

Um dos problemas que frequentemente nos deparamos no uso da Internet é a sua fragilidade, a evidencia digital nas palavras de Antônio Sá<sup>144</sup> (2008, p.3) pode e sofre muitas alterações inclusive o total apagamento dos dados, de arquivos, sites e etc. Algumas soluções já existem neste contexto, como a produção de arquivos e livros em formato PDF, com a utilização de ferramentas de senha para evitar alterações e cópias indevidas do conteúdo disponibilizado. Segundo Sônia Boeres (2004, p.41), na preservação digital se deve lembrar que as informações devem ser preservadas de modo a evitar que sejam corrompidas, ao criar uma estrutura que preserve tanto o conteúdo quanto a estrutura da informação.

A questão da avaliação dos dados expostos na Internet é uma das mais intrigantes das questões postas ao ofício do historiador, talvez por este motivo tenha varias respostas. A fidedignidade da fonte sempre foi um problema comum ao historiador, mesmo antes da Internet, como já vimos no inicio do capítulo com Marc Bloch. Na visão de Samuel Bueno (2004, p.144), ao falar sobre conhecimento, uma questão que logo se encontra á a da validade e quanto à autoridade de quem produz. Para o autor, o registro do conhecimento, a informação, e o seu compartilhamento implicam na atribuição e no reconhecimento de autoridade a pessoas, códigos, locais e até suportes.

Samuel Bueno (2004, p.144), nos ilustra que em grupos de discussão *online*, o controle da validade da informação não é feita apenas pelo confronto com a realidade assim como é feito na Ciência, existe segundo o autor um critério de viés pragmático guiado pelo principio ético de se dizer a verdade, o resultado deste principio é a distribuição igualitária da autoridade por todos os membros da comunidade, sendo assim chamada pelo autor de nética. Bueno(2004, p.144-145), prossegue sua análise afirmando que em um ambiente como as redes digitais, onde vários tipos e formas de informações são encontradas, o controle é potencialmente impossível, segundo o autor o ‘filtro’ que valida ou não as informações, que legitima ou não os seus interlocutores, esta ligado essencialmente a atitude de cada membro da comunidade assumir uma postura ética.

Apesar da proposta de Samuel Bueno (2004) se deter na análise dos grupos de discussão em redes digitais, devemos também pensar estas questões mais amplamente. Presumir que toda a informação é verdadeira através de princípios éticos é deixar de

---

<sup>144</sup> SÁ, A. F. DE A. **Admirável campo novo: o profissional de história e a Internet**. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 3, n. 07, Rio, 2008. [ISSN1981-3384]

problematizar, pois Marc Bloch já nos alertava sobre as razões lógicas ou não que levam a um historiador a cometer virulenta impostura.

“Seria pueril pretender enumerar, em sua infinita variedade, as razões que podem levar alguém a mentir. Mas os historiadores, naturalmente levados a intelectualizar em excesso a humanidade, agirão sensatamente ao lembrar que todas essas razões não são sensatas. Em certos seres humanos, a mentira, embora em geral associada, aí também, a um complexo de vaidade ou de recalçamento, torna-se quase, segundo a terminologia de André Gide, um "ato gratuito". O cientista alemão que mourejou para redigir, em excelente grego, a história oriental, cuja paternidade atribuiu ao fictício Sanchoniathon, teria adquirido facilmente, a um custo menor, uma estimável reputação de helenista. Filho de um membro do Instituto, ele próprio, mais tarde, convocado a se sentar nessa honorável companhia, François Lenormant ingressou na carreira, aos 17 anos, mistificando seu próprio pai com a falsa descoberta das inscrições de La Chapelle-Saint-Éloi, inteiramente fabricadas por suas mãos;”  
BLOCH, Marc. (1997, p. 98-99).

Segundo Samuel Bueno (2004, p.145), a autoridade não é um atributo estático daquele que informa, podendo ser retirada no momento em que se encontrem indícios que desacredite a informação que foi disponibilizada. Entretanto encontrar indícios de falsidade em uma informação não é fácil ou simples, mas existem cuidados básicos que podem e acima de tudo devem ser tomados.

De acordo com Edson Armando Silva <sup>145</sup> (1998, p.4) a autenticidade das informações digitalizadas uma vez que a tecnologia disponível permite na recriação do documento sem que permaneçam vestígios é um dos problemas. Silva (1998, p.4) apud Dollar responde a essas questões apontando para o desenvolvimento de tecnologias de como a autenticação eletrônica, que poderiam garantir a unicidade e autenticidade dos documentos, e para os processos de recopagem sistemática e migração periódica para novas plataformas tecnológicas, que ao lado de procedimentos mínimos de normalização garantiriam a

---

<sup>145</sup> SILVA, Edson Armando. Banco de dados e pesquisa qualitativa em história: reflexões acerca de uma experiência. Revista de História Regional, Inverno, 1998. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2066/1548> acessado em: 4 de junho de 2013.



legibilidade e recuperabilidade das informações digitalizadas, seria uma das possíveis soluções.

Segundo Fábio Chang de Almeida<sup>146</sup> (2011, p.21) trabalhar com uma possível insegurança da fonte não é uma novidade no campo histórico, pois os métodos históricos não são totalmente precisos. As fontes “tradicionais” podem também sofrer falsificações e serem modificadas ao longo do tempo, propositalmente ou não, como vimos anteriormente com os exemplos de Marc Bloch (1997), outro fator são as intempéries que o documento pode sofrer ao longo dos anos, ou por um mau acondicionamento, que podem ocasionar a perda total ou parcial do dado original.

Segundo Fábio Chang de Almeida (2011, p.22), o cruzamento de dados também pode auxiliar na verificação da veracidade das fontes na internet. Um exemplo disso é um historiador que estude sobre partidos políticos, deverá cruzar as informações encontradas no site do partido com os jornais da época.

Outro problema que podemos nos deparar é com a construção proposital de sites falsos, estes sites segundo Almeida (2011, p.23), são construídos com o propósito de aplicar golpes eletrônicos pela internet. Os tipos de golpes e os objetivos são diversos, ao se clonar uma página de banco, se obtém a senha do usuário, conta e agência, dados suficientes para realizar pagamentos e transferências on-line, isto consiste em um *cibercrime*, investigado pelas delegacias especializadas. Temos também outros golpes com a clonagem de perfis em redes sociais, que caracterizaria um roubo de identidade o objetivo deste tipo de fraude é diverso, hoje as próprias redes sociais possuem mecanismos para que se denuncie o perfil falso e consiga sua retirada da internet, entretanto em casos mais extremos é necessário recorrer à justiça.

Muitos autores poderão dizer que com o aumento do uso da internet, também aumentaram a quantidade de trabalhos plagiados. Pode ser uma realidade, entretanto, a contra posição que temos é que também com a disseminação da internet ficou mais fácil desmascarar estes trabalhos, uma simples busca na web, pode ser esclarecedora. A fraude em fontes primária publicada na internet ainda carece de muitos estudos, hoje ainda não podemos traçar um panorama sobre acontecimentos desta dimensão, já que a própria publicação deste tipo de

---

<sup>146</sup> ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. Revista Aedos. Nº8, vol.3, Janeiro-Junho 2011. ISSN 1984- 5634

fonte no meio digital ainda passa por debates. Mas com toda certeza é algo a ser mais bem pensado e analisado daqui em diante.

De acordo com Almeida (2011, p.23), o historiador deve adquirir familiaridade com a documentação que investiga independente do meio e formato em que esteja disposta, o conhecimento dos símbolos, códigos e todos os detalhes que possam comprovar que aquele documento é autêntico. Segundo Almeida (2011, p.24) o conhecimento dos signos traz ao pesquisador um conhecimento e facilita a observação de desvios no padrão.

Ao tratarmos do tema História Virtual ou História Digital não podemos trata-lo de forma completamente otimista. Segundo Almeida (2011, p.25), as desvantagens devem ser conhecidas como a falta de qualidade das informações disponíveis, a volatilidade e a facilidade de falsificações, alterações e desaparecimentos, a necessidade do pesquisador está sempre se atualizando tecnicamente, a necessidade de avaliação de autenticidade da documentação digital. Segundo Almeida (2011, p.25) e concordamos com ele, a “História Digital”, não implica necessariamente em uma revolução metodológica, mas sim no desenvolvimento de uma metodologia em particular, norteadas pelas metodologias de pesquisa históricas já existentes, o que devemos fazer são adaptações. Pois muitos dos problemas que encontramos em uma pesquisa digital, também eram e são encontrados em uma pesquisa com métodos convencionais.

## **5.2- Panorama: O custo versus o benefício dos arquivos digitais.**

Outro ponto problemático encontrado está no alto custo para manutenção de arquivos digitais, alguns autores como Antônio Sá (2008,p.3), Sônia Boeres<sup>147</sup> (2004,p.37). Entretanto Boeres prolonga análise baseada em uma pesquisa realizada pela Universidade de Yale, que prevê que apesar dos altos custos iniciais em longo prazo os custos tendem a diminuir.

As justificativas daqueles que preveem o alto custo do armazenamento digital se baseiam, na necessidade de treinamento de pessoal frente à nova metodologia e custos técnicos como máquinas e servidores com alta capacidade de armazenamento, além da formulação de políticas e diretrizes sobre o que deverá ser preservado de imediato em formato digital. Diante do exposto, podemos observar que estes custos já existem em nossas

---

<sup>147</sup> BOERES, Sonia. **Política de preservação da informação digital em bibliotecas universitárias brasileiras**, Ano de Obtenção: 2004. Orientador: Murilo Bastos da Cunha.

bibliotecas e acervos convencionais, custos de pessoal, de refrigeradores e controle de umidade. O que pode diferir aqui a grande diferença entre as duas formas de armazenagem está no espaço a ser ocupado, o papel ocupa bem mais espaço do que um HD, e também no auxílio a preservação do documento, como já falamos anteriormente alguns documentos possuem acesso restrito devido a sua fragilidade, digitalizado estes arquivos poderiam ser acessado por um maior numero de pesquisadores. Conforme os autores, Pena e Silva (2008, p.90), diversas instituições vem realizando projetos de digitalização, entretanto esta operação ainda consiste em uma tarefa muito delicada, pois esbarra em outros custos como a manutenção física do material e a disposição de técnicos capacitados para digitalização, a saída proposta pelos autores está em parcerias feitas com instituições privadas e o financiamento público.

Segundo os autores, Pena e Silva<sup>148</sup> (2008, p.88), a tecnologia se tornou uma grande aliada da História no que concerne a preservação e transmissão de informações, sendo assim de acordo com Pena e Silva (2008, p.88), muitos museus, arquivos e bibliotecas tem optado pela digitalização de seus acervos mais antigos e raros com o objetivo de preservar as informações ali expostas, uma vez que a tendência do papel é se degenerar.

Segundo os autores, Pena e Silva (2008, p.89), a documentação armazenada nos arquivos não é somente um bem nacional, antes de tudo ela faz parte do patrimônio cultural comum da humanidade, por tanto a importância do processo de digitalização está no sentido de quebrar barreiras: operacionais, financeiras, espaço-temporais e etc. Segundo os autores a tecnologia só tem avançado neste sentido, portanto sendo necessário que todos os profissionais ligados a área e isto inclui os historiadores, se atentem para este acontecimento.

Segundo o artigo produzido por Sousa et. al.<sup>149</sup> (2006, p.46) o desafio dos profissionais da informação, é o gerenciamento crescente da produção de documentos em formato digital. Em decorrência disto a comunidade arquivista tem observado a possibilidade da utilização da rede para a disponibilização e gerenciamento mais eficiente de seus acervos arquivísticos, o proposto pelos profissionais de arquivo é a utilização de *metadados*. A principal função deste recurso é atender as requisições da comunidade de pesquisa, podendo

---

<sup>148</sup> PENA, M.G. SILVA, A.C. **A digitalização de documentos históricos e a gestão eletrônica de documentos para a disponibilização on-line.** Saber Digital: Revista Eletrônica do CESVA, Valença. V.1, n.1, p. 85-102, mar./ago. 2008

<sup>149</sup> SOUSA, Ana Paula de Moura. et al. **Princípios Da Descrição Arquivista: Do Suporte Convencional Ao Eletrônico.** Arquivistica.net, Rio de Janeiro, V.2, n.2, p.38 – 51 , ago/dez. 2006

ser utilizado por bibliotecários responsáveis por materiais eletrônicos. A pretensão arquivista é a utilização dos arquivos em formato *Encoded Archival Description* (EAD), que foi criado especialmente para a disponibilização de instrumentos de pesquisa na web. Este formato é independente de software e hardware, ele permite a troca de dados arquivísticos e facilita a conversão de instrumentos de descrição. Segundo Sousa et al. (2006, p.47), o objetivo do uso do formato EAD, pelas instituições arquivísticas é permitir a criação de um catálogo coletivo arquivístico, onde seja possível acessar a descrição ou até mesmo o conteúdo do documento na íntegra em qualquer intuições arquivística, de qualquer lugar do mundo.

Sousa et al. (2006, p.49), os acervos são constituídos por diversos documentos recebidos por pessoas e instituições de todos os tipos, para organizar esta diversidade o arquivista usa critérios e cria uma lógica e uma metodologia próprias para auxiliar na pesquisa e conhecimento. Uma destas metodologias segundo Sousa et al. (2006, p.49) é a descrição arquivística, que consiste no ato de descrever e representar as informações contidas em um acervo ou documento. A ISAD(G)<sup>150</sup> foi a primeira tentativa em padronização de registros de arquivo. Sousa et al. (2006, p.49) destacam que os instrumentos de pesquisa são resultados da descrição arquivística padronizados são fundamentais, sem eles a recuperação da informação fica comprometida.

De acordo com Sousa et al. (2006, p.49) para a disponibilização destes arquivos na Internet foi desenvolvido o padrão EAD para codificar dados descrevendo acervos arquivísticos na sua forma hierárquica, de acordo com o ISAD(G). Segundo Sousa et al. (2006, p.49), a vantagem de haver um padrão está na independência do software e hardware, além de possibilitar a recuperação da informação em um grande catálogo coletivo, ao utilizarem este padrão terão links para outros acervos ou documentos relacionados entre si, sem a necessidade de um acervo central.

Segundo Sousa et al. (2006, p.50) a aplicação de normas de descrição permite a troca de informações e facilita o acesso aos documentos, melhorando o trabalho do pesquisador e do arquivista, já que assim serve de parâmetro para descrever e organizar o acervo e ao usuário que terá uma recuperação da informação mais precisa.

Um exemplo real da digitalização e disponibilização de fontes no ambiente digital foi realizado por Pena e Silva (2008, p.90), no ano de 2008, que trabalharam na digitalização

---

<sup>150</sup> Norma geral internacional de descrição arquivística. Cf. [http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/isad\\_g\\_2001.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/isad_g_2001.pdf) acessado em 18 de julho de 2013.

de documentos ligados a sua instituição o Centro de Ensino Superior de Valença, a seleção dos documentos a serem digitalizados foi feita através de critérios de praticidade do serviço e através do interesse de despertar atenção e desenvolvimento de trabalhos por pesquisadores para a História da Região do Vale do Paraíba Fluminense, com foco no município de Valença.

Alguns cuidados básicos devem ser observados no processo de digitalização segundo os pesquisadores. O primeiro deles é o respeito às dimensões do documento e todas as suas características físicas. Devem-se evitar cortes nos textos e ou em assinaturas, bem como nas margens do papel para permitir a correta identificação e autenticidade do documento. O segundo deles é a qualidade da imagem digitalizada, a imagem deve possuir a maior qualidade possível, prezando sempre pela nitidez. E o terceiro aspecto é a disponibilização de um sistema de identificação e busca das imagens e documentos digitalizados que seja claro e rápido.

Quanto à hierarquização de quais documento seriam digitalizados primeiro, os autores Pena e Silva (2008, p.91), nos esclarecem que em sua experiência a escolha foi feita pela operacionalidade do serviço, isto é, antes da digitalização temos a assinatura de convênios, autorizações dos detentores dos direitos de imagem, higienização, identificação e catalogação dos documentos. Por tanto os documentos que passavam por este processo mais rápido, eram conseqüentemente os primeiros a serem digitalizados.

A adoção destas medidas por Pena e Silva (2008, p.91), não foi feita por outro motivo se não a praticidade, pois os documentos só se tornam importantes em função do objeto de pesquisa de quem o procura, no caso da história, o historiador. Portanto se torna impossível à criação de uma hierarquia para fontes a serem digitalizadas. Entretanto podemos enxergar a necessidade de uma prioridade para a digitalização de fontes raras e de frágil manuseio, e talvez até mesmo propuser um levantamento estatístico de quais fontes mais consultadas em bibliotecas e começarmos por elas a digitalização, fica aqui apenas a proposta.

## **CONCLUSÃO:**

As conseqüências da utilização das novas tecnologias da informação sobre a atividade dos pesquisadores de História, não foi vastamente abordada e nem totalmente entendida, presos a muitas recusas e resistências esquecemos de que é nossa obrigação pensar todo e qualquer impacto na sociedade e em conseqüência na vida acadêmica e na produção de pesquisas. Como anteriormente já foi dito a Internet não irá desaparecer, ela se

integrara cada vez mais ao nosso dia-dia, e nisto se justifica a necessidade atual de já pensarmos a maneira com a qual ela vem se integrando ao trabalho histórico.

As mudanças, algumas já se tornaram claras, e trabalhamos nelas aqui ao logo do texto, as novas tecnologias causaram alterações na maneira de lidar com a documentação, e também de entender o que é documentação. Os historiadores não estão sozinhos nesta expedição rumo a atualização do seu campo de trabalho, como vimos no capítulo cinco os profissionais de arquivo já pensam e implementam praticas que venham a ajudar nós pesquisadores e a eles próprios a organizar e compartilhar seus acervos.

É importante não nos deixarmos guiar por preconceitos gerados pela falta de experiência ou por uma supremacia do papel que não vai terminar. Mas devemos apenas se readaptar. Os métodos da história não são pré-definidos, nem são imutáveis vimos isto com os Annales, e estamos vendo agora com o surgimento da necessidade de uma readaptação a um novo tipo de fonte histórica, a fonte produzida na Era Digital. Se pensarmos em sua problemática desde cedo, poderemos tomar os melhores rumos para o domínio deste novo enredo histórico, mas se esquecermos dele, se o banalizarmos, ele não irá desaparecer e talvez como um pesadelo volte para nos assombrar décadas à frente.

Umberto Eco<sup>151</sup> em entrevista a revista Época demonstrou sua preocupação em 2011, com o uso da Internet, pois segundo ele a Internet não possui ‘filtros’, se tornando um perigo em potencial a pessoas sem conhecimento, *ignorantes* é a palavra utilizada por Eco (2011,p.s/p), os estudiosos segundo ele sabem (*ou deveriam saber - observação nossa*) tirar o melhor proveito da internet do que uma pessoa comum e sem estudo.

Concordamos com Umberto Eco (2011), que o melhor aproveitamento da Internet só pode ser tido por aqueles que obtêm algum tipo de treinamento e estudo para tal. Existe assim a necessidade de um estudo, mesmo que não voltado exatamente para os contextos digitais, que ensine o pesquisador a lidar com documentação em seus diversos formatos, a reconhecer a fonte, sua autenticidade, período, já que está claro que não podemos contar somente com um senso ético na produção do conhecimento, a alternativa que temos então é aumentar a capacidade de percepção do pesquisador e usuário da rede digital em identificar as incoerências e possíveis imposturas na documentação.

---

<sup>151</sup> Entrevista de Umberto Eco, publicada no site da Revista Época em 30/12/2011, realizada por Luiz Antonio Giron, disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html> acessada em 17 de julho de 2013.

É importante levarmos em questão essa situação mais profundamente, e pensarmos que não temos uma disciplina focada no uso da Internet<sup>152</sup> como ferramenta e objeto de pesquisa, existindo apenas alguns exemplos deste tipo de ensino aqui Brasil, já citados anteriormente. Entretanto, ainda não é uma obrigação em nosso currículo estudar como usar a internet em uma pesquisa e em que confiar, na verdade a pesquisa pouco faz parte do currículo em um contexto geral. Se não fosse à oficialidade das instituições mantedoras dos documentos e fontes como as bibliotecas, os acervos e as universidades que fazem o trabalho de selecionar, classificar, descrever e atestar a confiabilidade do documento, acredito que poucos recém graduados o conseguiriam fazer este trabalho e os que conseguem o fazem bem somente após muitas tentativas e erros. Vamos lembrar aqui as palavras de FERREIRA, C. A. L (1999,p.2), apud, SILVA, Marcos A. da 1995 p. 83-84.

Enquanto graduados em história têm dificuldades para se assumirem como historiadores, *muitos historiadores que lecionam em universidades não se vêem como professores. (grifo de FERREIRA)*. Reforçam o descompromisso do ensino superior com o prazer da história para todos, *deixando de assumir responsabilidades na preparação de seus próprios alunos para ensino e pesquisa, desqualificando-os por não saberem línguas estrangeiras nem técnicas de pesquisa e estudo (em lugar de reconhecerem o aprendizado dessas e outras habilidades como tarefas da universidade)(grifo nosso)*. (SILVA, Marcos A. da. (1995 p. 83-84))

Não cabe aqui pensar em culpados, que inclusive podem ser a instituição de ensino e o governo, pois muitas vezes impõe cargas de trabalho e laboratórios que impossibilitam um trabalho de qualidade pelo docente. Mas podemos sim pensar em pequenas soluções para diminuir estas distancias, o vendedor de salame (*como Umberto Eco (2011) chama seu ignorante*), provavelmente continuará a se perder nas informações enquanto navega na Internet, até que possamos pensar em algo para resgatá-lo, pressupondo que ele precise de algum resgate. Mas não podemos deixar a comunidade acadêmica de história naufragar junto

---

<sup>152</sup> Ver anexo I – Proposta básica de ementa de disciplina.

com este vendedor de salame. A falta de conhecimento não pode ser justificativa para o erro, e muito menos a falta de iniciativa.

Se confrontarmos muitos dos motivos negativos para não utilização da internet nas pesquisas acadêmicas de história, com a realidade da pesquisa histórica existente antes da internet e ainda agora coexistente na produção acadêmica, encontraremos as mesmas dificuldades, problemas e situações similares. A falsificação, fraude, produções anônimas, custo elevado da manutenção de arquivos etc. sempre estiveram em ambas as modalidades de pesquisa, não são privilégio somente da digital. Os pontos positivos que pudemos ressaltar aqui foram, a rapidez da comunicação entre pares e etc, a facilitação no compartilhamento de trabalhos, teses e etc, e a preservação de acervos raros diminuindo sua deterioração através no manuseio e aumentando o acesso de pesquisadores ao mesmo, a desterritorialização da fonte, não é mais preciso longas e custosas viagens para se encontrar o que procura para a pesquisa.

Devemos pensar seriamente antes de condenarmos o uso da Internet, através de informações como aumento de falsificações, excesso de informações, falta de credibilidade e etc. com uma pequena analogia que aqui fazemos: Uma reportagem publicada há alguns anos, falava sobre o aumento no número de vítimas em acidentes aéreos e tratava o tema de forma isolada, e talvez tendenciosa, pois em nenhum momento trazia a informação de que hoje um avião carrega uma quantidade bem maior de pessoas, tendo um único acidente uma quantidade de vítimas bem superior a anos anteriores, e sem levar em consideração também que hoje o número de pessoas que utilizam aviões como meio de transporte aumentou. Para um estudo sério sobre o tema será necessário levar em consideração todo um contexto e conjuntura, mas isto é algo claro aos nossos historiadores?

Esse pequeno exemplo é para refletirmos sobre algo que não temos muitas respostas, não sabemos exatamente se a Internet piorou ou melhorou os trabalhos acadêmicos e de pesquisa ou se melhorou o ensino e aprendizagem, este é o principal motivo pelo qual ela deve ser cada vez mais utilizada, observada, criticada e melhorada. Não podemos criticar algo que nunca experimentamos isto seria um preconceito, além de uma grande estupidez. O desenvolvimento deste campo histórico e de ensino é necessário e interessante, quanto o mais breve o fizermos mais rápido poderemos direcioná-lo a um melhor proveito e resultado. Tenhamos de refletir sobre as palavras de Manuel de Castells:

“Além disso, o aprendizado baseado na Internet não é apenas uma questão de competência tecnológica: um novo tipo de educação é



exigido tanto para se trabalhar com a internet quanto para se desenvolver capacidade de aprendizado numa economia e numa sociedade baseadas nela. *A questão crítica é mudar do aprendizado para o aprendizado-de- aprender, uma vez que é a maior parte da informação está on-line e o que é realmente é necessário é a habilidade para decidir o que provocou, como obter isso, como processá-lo e como usa-lo para tarefa específica que provocou a busca de informação(grifo nosso).* Em outras palavras, o novo aprendizado pre- orientado para o desenvolvimento da capacidade educacional de transformar em informação e conhecimento em ação.” (CASTELLS. Manuel, P.212)

**BIBLIOGRAFIA:**

AGUIAR, Leandro Correia (2010) **Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade**. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom.

BASTOS, Bartira; SILVA, Lídia J. O. L. da. **Comunidade científica nas malhas da rede: que rotinas cognitivas e sociais estão sendo alteradas pelo uso da Internet no cotidiano da pesquisa? Dimensões para a definição de um padrão de averiguação**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais**

**eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2005. p. 01- 15. Disponível em: <[http://www.cinform.ufba.br/vi\\_anais/docs/BartiraBastos.pdf](http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/BartiraBastos.pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2009.

BARROS, José D'Assunção. *A EXPANSÃO DA HISTÓRIA. Os Campos Históricos na Atualidade – diálogos interdisciplinares, novas possibilidades teórico-metodológicas e projeções para o futuro*. Conferência de Abertura para o I Colóquio Internacional de História: Sociedade, Natureza e Cultura, realizado na Universidade Federal de Campina Grande entre 28 a 31 de Julho de 2008. Texto não publicado.

BOERES, Sonia. **Política de preservação da informação digital em bibliotecas universitárias brasileiras**, Ano de Obtenção: 2004. Orientador: Murilo Bastos da Cunha.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. da Universidade de São. Paulo, 1992.

CABRAL, M. S. A.. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. 4.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

CALDEIRA NETO, Odilon. **Breves reflexões sobre o uso da Internet em pesquisas historiográficas.** Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, n. 20, Rio de Janeiro, 2009.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e Apagar: Cultura escrita e Literatura, Séculos XI a XVIII.** Tradução Luzmara Curcino Ferreira, São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *No Limiar do Século XXI. Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1996, p. 7-30.

DANTAS, Camila G. **O Passado em bits: Questões sobre a reelaboração da memória social na Internet.** In: Anais do VI CIFORM (Encontro Nacional de Ciência da Informação). Salvador – Bahia, 2005.

FERREIRA, C. A. L. **Ensino de História e a incorporação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação: uma reflexão.** Revista de História Regional, Departamento de História-UEPG, v. 4, n.2, p. 139-156, 1999

FIGUEIREDO, Luciano R. História e Informática: O Uso do computador. In: Cardoso, Ciro Flamarion (Org.); VAINFAS, Ronaldo(Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus. 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** (trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999, 264p.

-----\_ **O futuro da internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária”** Pierre Lévy e André Lemos. (editora Paulus – 2010).

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional.** São Paulo, Cortez, 1999

MANTOVANI, Camila ; MOURA, M. A. . **Pesquisa Científica em Rede: Novas Mediações, práticas discursivas e atores sociais.** In: Foro ibero-americano de comunicação e divulgação científica, 2009, Campinas. Atas do Foro/Actas del Foro, 2009.

NOVA, C. C. .**A Informática e a Democratização da Pesquisa Histórica.** O Olho da História, Salvador, v. 1, n. 4, p. 100-106, 1997.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. **Ciberhistória.** Revista Museu. Outubro de 2005  
link: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art .asp?id=6752> acessado em: 2 de maio de 2013

PACHECO, Samuel Bueno. **Aprendizagem e construção do conhecimento nas redes digitais** – Teses de Doutorado UERJ ano 2004

PALACIOS, Marcos. **Impactos e efeitos da Internet sobre a comunidade Acadêmica: quatro dificuldades e um possível consenso.** Disponível em: <HTTP://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/palacios/impactos.html>

PENA, M.G. SILVA, A.C. **A digitalização de documentos históricos e a gestão eletrônica de documentos para a disponibilização on-line.** Saber Digital: Revista Eletrônica do CESVA, Valença. V.1, n.1, p. 85-102, mar./ago. 2008

PINHEIRO, L. V. R. **Comunidades científicas e infra-estrutura tecnológica no Brasil para uso de recursos eletrônicos de comunicação e informação na pesquisa.** *Ci. Inf.* [online]. 2003, vol.32, n.3, pp. 62-73. ISSN 0100-1965. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652003000300008>. Acessado em 19 de julho de 2013.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, REBEL, Sandra Lúcia. **Redes eletrônicas e seus impactos na comunicação científica pesquisadores brasileiros.** In: **Anais. Encontro Nacional de Pesquisas em Ciência da Informação**, V, 10 a 14 de novembro de 2003. Belo

Horizonte, 13 de novembro de 2003. 20p. Disponível em CD-ROM e na Internet:  
<http://www.rhodeseventos.com.br/enancib/enancib.html>

RODRIGUES, E.(2005). **Acesso livre ao conhecimento nas ciências e humanidades: utopias e realidades.** Disponível em:  
<http://www.apdis.org/agenda/032004/pdf/eloy.pdf>

SÁ, Antônio Fernando de A.. **Admirável campo novo: o profissional de história e a Internet.** Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 3, n. 07, Rio, 2008. [ISSN 1981-3384]

SILVA, Edson Armando. **Bancos Textuais e seu uso em pesquisas qualitativas.** 1998. Revista Museu: Volume 3- nº2 – Inverno de 1998.

SOUSA, Ana Paula de Moura. et al. **Princípios Da Descrição Arquivista: Do Suporte Convencional Ao Eletrônico.** Arquivistica.net, Rio de Janeiro, V.2, n.2, p.38 – 51 , ago/dez. 2006

SEVERINO , ANTONIO JOAQUIM . **Metodologia do trabalho científico.** Editora: Cortez 23ª Edição - 2007

TAKAHASHI ,Tadao(org). **Sociedade da informação no Brasil : livro verde.** Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

## LISTA DE E-LINKS:

### Estáticas:

<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/br.html>

### Notícias:

<http://www.onu.org.br/biblioteca-digital-mundial-ja-esta-disponivel-na-internet/>

<http://g1.globo.com/pop-arte/flip/ao-vivo-pt.html>

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/vc-no-g1-rj/noticia/2013/03/leitorea-fotografa-larvas-em-tres-bombons-serenata-de-amor-no-rio.html>

<http://www.tecmundo.com.br/web/183-o-que-e-web-2-0-.htm>

<http://www.tecmundo.com.br/curiosidade/8567-pesquisadores-estimam-a-quantidade-de-informacao-existente-no-mundo.htm#ixzz2ZFphB2Et>

<http://www.tecmundo.com.br/8070-criancas-aprendem-a-usar-o-pc-antes-de-atividades-comuns-para-a-idade.htm#ixzz2Z9G07Ue>

<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2066/1548>

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/01/entenda-o-projeto-de-lei-dos-eua-que-motiva-protestos-de-sites.html>

<http://oglobo.globo.com/pais/twitter-da-revista-veja-invadido-por-hackers-8713831>

<http://tecnologia.terra.com.br/internet/governo-monta-operacao-para-monitorar-a-internet-durante-protestos,c99d02e3ee16f310VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>

<http://www.cartacapital.com.br/revista/756/a-educacao-pela-arte-7289.html>

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2390-6.pdf>

<http://cibertransistor.com/2009/06/26/o-inicio-da-era-digital/>

### Entrevistas:

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistira-tecnologias-digitais-610077.shtml>

<http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2011/12/umberto-eco-o-excesso-de-informacao-provoca-amnesia.html>

**Documentos disponíveis na internet:**

<[http://www.cinform.ufba.br/vi\\_anais/docs/BartiraBastos.pdf](http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/BartiraBastos.pdf)>.

[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=6752](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=6752)

[http://www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas\\_manf/manifiesto\\_had\\_pt.htm](http://www.h-debate.com/Spanish/manifiesto/idiomas_manf/manifiesto_had_pt.htm)

[http://www.inst-informatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL\\_livroverdeSI.pdf](http://www.inst-informatica.pt/servicos/informacao-e-documentacao/biblioteca-digital/gestao-e-organizacao/BRASIL_livroverdeSI.pdf)

[www.uepg.br/rhr/v3n2/edson.htm](http://www.uepg.br/rhr/v3n2/edson.htm)

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2066/1548>

<http://www.periodicos.capes.gov.br>

<http://www.fcvb-sp.org.br/bancodeimagens/>

[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/isad\\_g\\_2001.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/isad_g_2001.pdf)

**Sites indicados:**

WIKILEAKS: <http://wikileaks.org/>

BIBLIOTECA MUNDIAL DIGITAL : <http://www.wdl.org/pt/>

ABNT: <http://www.abnt.org.br/>

PORTAL DA TRANSPARENCIA: <http://www.portaltransparencia.gov.br/>

PROCON: <http://www.procon.rj.gov.br/>

DOMINIO PUBLICO: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

ANPUH: <http://www.anpuh.org/>

CURRICULO LATTES: <http://lattes.cnpq.br/>

WIKIPEDIA: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina\\_principal](https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal)

AVAAZ: <http://www.avaaz.org/po/>

**Tutoriais:**

UNIVERSIDADE DE EVORA: <http://www.bib.uevora.pt/1-1->

INTUTE: <http://www.vts.intute.ac.uk/tutorial/history/>

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÃO:

<b>Figura 1- Quadro estatístico do uso da Internet no Mundo. ....</b>	<b>2</b>
<b>Figura 2 - Número de usuários na America do Norte .....</b>	<b>3</b>
<b>Figura 3- NBR 6023 revisada em agosto de 2002 - dispõe sobre citações em meio eletrônico. ....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 4 - Página Inicial da Biblioteca Digital Mundial .....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 5 - disponível em: <a href="http://www.intrinseca.com.br/site/2013/06/o-efeito-facebook/saimos-do-facebook/">http://www.intrinseca.com.br/site/2013/06/o-efeito-facebook/saimos-do-facebook/</a> - O cartaz que circulou a internet faz alusão a ideia de inercia dos jovens do século XXI, que gastam horas em redes sociais, até então tido como preguiçosos .....</b>	<b>60</b>
<b>Figura 6- Charge de Carlos Amorim – A charge ilustra o nascimento dos movimentos nas redes sociais, utilizadas como “armas” contra a dominação e repressão do Estado. ....</b>	<b>61</b>
<b>Figura 7- Autor desconhecido – A charge ilustra a derrota da mídia televisiva para a comunicação realizada pelas redes sociais. ....</b>	<b>61</b>

## ÍNDICE DE TABELAS:

<b>Tabela 1 - Fontes Digitais .....</b>	<b>30</b>
<b>Tabela 2 -Informações do Arquivo: .....</b>	<b>36</b>
<b>Tabela 3 - Estatísticas de uso do sistema da British Online History.....</b>	<b>38</b>
<b>Tabela 4 - TTD- Tabela de Temporalidade dos documentos. ....</b>	<b>45</b>
<b>Tabela 5 - Conexões Usadas para a Rede Nacional em 1991.....</b>	<b>49</b>



## GLOSSÁRIO:

As definições abaixo foram retiradas de diversas fontes dentre elas o Dicionário Aurélio, Dicionário de Termos Técnicos de Informática, formulado por Carlos E. Morimoto, e da tese de doutorado de Samuel Pacheco Bueno (2004, p.186-197) e de alguns sites ou artigos onde a lista de referencias poderá ser encontrada no final de cada definição, e foram adaptadas a uma linguagem de fácil entendimento e uso comum.

**ARQUIVO:** Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

**BIBLIOTECA:** Espaço físico em que se guardam livros, todo espaço (concreto, virtual ou híbrido)destinado a uma coleção de informações quaisquer tipos, sejam escritas em folhas de papel ou ainda digitalizadas e ou armazenadas em outros tipos de materiais como CD, DVD, fita, bancos de dados, microfilme etc.

**BLOG:** É um tipo de página da Web versátil, que permite ao usuário postar qualquer tipo de comunicação que o usuário deseje. Pode ser utilizado como um diário virtual, poesias, temas profissionais, manifestações intelectuais. Os visitantes do Blog, podem visitar a página e comentar através de mensagens os textos publicados, trazendo assim uma interação entre o escritor e o leitor.

**BROWSER:** Navegador, é o software que faz a conexão do computador com a rede de servidores mundial, é ele que permite a navegação pela Web. Exemplos: Internet Explorer, Mozilla Firefox, Google Chrome.

**CIBERCULTURA:** É o modelo resultante da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as tecnologias de base microeletrônica produzidas na década de 70. (LEMOS,2003, p.21-22.)

**CLICAR: (ing. to click)** Informática Diz-se quando se aciona o botão do mouse após colocar o cursor no ponto desejado.

**CRACKER:** “Existem duas definições diferentes para este termo. Na primeira, o racker é um vândalo virtual, alguém que usa seus conhecimentos para invadir sistemas, quebrar travas e senhas, roubar dados etc. Alguns tentam ganhar dinheiro vendendo as

informações roubadas, outros buscam apenas fama ou divertimento. Na hierarquia Hacker o Cracker está acima do Lamer (que sabe muito pouco) mas abaixo do Hacker, que é alguém demais maturidade, que ao invés de usar seu conhecimento para destruir tudo que vê pela frente, o utiliza para construir coisas, desenvolver novos sistemas (principalmente de código aberto) etc.

**EM TEMPO REAL:** Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

**E-MAIL:** Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

**E-SCIENCIE:** ou em português E-ciência é o termo usado para designar o uso de tecnologias na realização de pesquisas.

**HARCKER:** “Alguém que estuda sistemas ou qualquer tipo de conhecimento humano pelo simples desafio de dominá-los. No sentido original da palavra, o Hacker é alguém que usa seus conhecimentos para ajudar outros, direta ou indiretamente. Hackers foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento da Internet, criaram o Linux, o MP3 e a filosofia do software livre. Atualmente o termo vem sendo muito usado em relação aos Crackers, que invadem sistemas e promovem outras modalidades de baderna virtual, criancices como desfigurar páginas ou ficar invadindo PCs de usuários leigos. Hackers usam sua inteligência de maneira positiva, constróem coisas, crackers só destroem. Infelizmente, a confusão é tanta que existem casos de livros e mesmo filmes legendados, onde o termo "Cracker" é substituído por "Hacker" pelo tradutor, sem a menor cerimônia.” Disponível em:   
 :: Dicionário Técnico de Informática 3ed. – Carlos E. Morimoto -   
<http://www.guiadohardware.net>

**HARDWARE:** Segundo o dicionário Aurélio a palavra representa na informática o conjunto dos componentes eletrônicos de um computador (p. ex., placas, monitor, equipamentos periféricos etc.)

**HIPERTEXTO:** Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados. Segundo Martin(1992) apud Pacheco (2004), “*refere-se a um*

*documento eletrônico que combine hipertexto com diagramas, arquivos digitais de som, animação, vídeo, gráficos, etc; e outros tipos de software aplicativos, como planilhas etc.”*

**LINK E HIPERLINK:** Região da página de um hipertexto que possui vínculo para outra página ao ser acionada – geralmente através de um clique com o mouse. São atalhos que ligam diversas páginas de tema relacionado, podendo indicar páginas com o conteúdo mais específico e referenciado, geralmente utilizado para cruzar informações relevantes, ou detalhar significados específicos. Possui função semelhante com a nota de rodapé dos livros. Em trabalhos históricos pode até mesmo ligar o texto a fonte primária. Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

**METADADOS:** Segundo Sousa et.al.(2006,p.46), os *“metadados podem ser considerados como uma linguagem útil para identificar, organizar e recuperar a informação digital, minimizando a duplicação de esforços e facilitando a manutenção de dados.”*

**MODERADOR:** Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

**ON-LINE:** Isto é, conectado a Internet e a rede mundial de computadores.

**SOFTWARE:** Segundo o dicionário Aurélio a palavra significa o conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

**TIC:** Tecnologia de Informação e Comunicação.

**TUTORIAL:** Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

**TWITTER:** *“É uma rede social e servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos, em textos de até 140 caracteres. Os textos são conhecidos como tweets, e podem ser enviados por meio do website do serviço, por SMS, por celulares e etc”.* disponível em: <http://www.significados.com.br/twitter/> acessado em: 22 de julho de 2013.

Uma segunda definição, mais branda, é alguém que quebra travas de segurança de programas e algoritmos de encriptação, seja para poder rodar jogos sem o CD-ROM, ou gerar uma chave de registro falsa para um determinado programa, quebrar as travas anti-cópia

usadas em alguns softwares, quebrar o sistema de encriptação do DVD (este último realmente importante, pois permitiu que os usuários do Linux e outros sistemas não Windows pudessem assistir DVDs). Ou seja, nesta segunda definição o Cracker é alguém na margem da lei, cujas ações ainda são ilegais, embora muitas vezes eticamente justificáveis (os usuários têm direito a fazer cópias de CDs legalmente comprados, tem direito de assistir DVDs no Linux e assim por diante). Veja também: Hacker”. Disponível em: .: Dicionário Técnico de Informática 3ed. – Carlos E. Morimoto - <http://www.guiadohardware.net>

**WEB:** Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

**WWW:** Conjunto de instruções armazenadas em disco(s) ou em chips internos do computador que determinam os programas básicos, utilitários ou aplicativos, que ele tem para serem usados.

## ANEXO I

CÓDIGO	DISCIPLINA:	CARGA HORÁRIA	Nº de CRÉDITOS		
IM 000	<b>História e Internet – A importância do saber pesquisar</b>	60h			
			4	0	0
<b>EMENTA:</b>					
<p>Busca-se examinar as interações possíveis entre a Internet e História, discutindo e refletindo sobre os impactos sofridos pelo campo histórico após a disseminação da ferramenta internet (analisar as fontes disponíveis em meio digital e como utiliza-las em uma pesquisa acadêmica), analisar às infinitas possibilidades e limitações de pesquisa ao se utilizar a internet em pesquisas históricas. Criar um panorama do que pode ser explorado através da internet de acordo com os métodos já estabelecidos pela história e analisar a possibilidade de criação de novos métodos em conjunto com outras disciplinas como Arquivologia e Informática. Problematizar a internet como além de um banco de dados indo até a utilização da mesma como fonte para pesquisa histórica. Realizar diversas e variadas leituras sobre o tema, promover a interdisciplinaridade com os campos que já possuam reflexões e experiências na utilização de dados disponibilizados através da rede.</p>					
<b>BIBLIOGRAFIA:</b>					
<p><b><u>Bibliografia básica:</u></b></p> <p>SÁ, Antônio Fernando de A.. <b>Admirável campo novo: o profissional de história e a Internet</b>. Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 3, n. 07, Rio, 2008.</p> <p>PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro, REBEL, Sandra Lúcia. <b>Redes eletrônicas e seus impactos na comunicação científica pesquisadores brasileiros</b>. In: Anais. Encontro Nacional de Pesquisas em Ciência da Informação, V, 10 a 14 de novembro de 2003. Belo Horizonte, 13 de novembro de 2003. 20p</p> <p>PENA, M.G. SILVA, A.C. <b>A digitalização de documentos históricos e a gestão eletrônica de documentos para a disponibilização on-line</b>. Saber Digital: Revista Eletrônica do CESVA, Valença. V.1, n.1, p. 85-102, mar./ago. 2008</p> <p>MANTOVANI, Camila ; MOURA, M. A. . <b>Pesquisa Científica em Rede: Novas Mediações, práticas discursivas e atores sociais</b>. In: Foro ibero-americano de comunicação e divulgação científica, 2009, Campinas. Atas do Foro/Actas del Foro, 2009.</p> <p>NOVA, C. C. <b>A Informática e a Democratização da Pesquisa Histórica</b>. O Olho da História, Salvador, v. 1, n. 4, p. 100-106, 1997.</p> <p>OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. <b>Ciberhistória</b>. Revista Museu. Outubro de 2005</p> <p>DANTAS, Camila G. <b>O Passado em bits: Questões sobre a reelaboração da memória social na Internet</b>. In: Anais do VI CINFORM (Encontro Nacional de Ciência da Informação). Salvador – Bahia, 2005.</p> <p>CALDEIRA NETO, Odilon. <b>Breves reflexões sobre o uso da Internet em pesquisas historiográficas</b>. Revista Eletrônica Boletim do TEMPO, Ano 4, n. 20, Rio de Janeiro, 2009.</p>					